

Atualidades



DR. VITOR KONDER

ARP & CIA., FILIAL EM JOINVILLE

RUA LUIZ BROCKMANN, Nº. 179 — CAIXA POSTAL, 76

JOINVILLE

AGENTES PARA O ESTADO DE SANTA CATARINA:

"THE LONDON & LANCASHIRE INSURANCE COMPANY LIMITED"

"COMPANHIA DE SEGUROS "CRUZEIRO DO SUL"

"COMPANHIA DE SEGUROS "SAGRES"

INCÊNDIO — TRANSPORTES — ACIDENTE PESSOAL — CASCOS

SUB-AGENTE EM FLORIANÓPOLIS: JAPY FERNANDES

RUA TRAJANO, Nº. 19 — SOBRADO

VISTORIADORES: — THE LONDON ASSURANCE

COMPANHIA DE SEGUROS "IMPERIAL"

COMPANHIA "ROCHEDO" DE SEGUROS

COMPANHIA BRASILEIRA DE TRIGO

EMPREGUE SEU DINHEIRO

COMPRANDO AÇÕES DESSA

PODEROSA COMPANHIA

PAULISTA

CAPITAL CR\$ 60.000.000,00

COMPANHIA SIDERURGICA BELGO MINEIRA

Biblioteca Pública do Estado
FLORIANÓPOLIS

Reg. nº
9939

USINAS EM SABARÁ E MONLEVADE

ESTADO DE MINAS GERAIS

PRODUÇÃO ANUAL

125.000 TONELADAS DE AÇO

ESCRITÓRIO CENTRAL

AV. NILO PEÇANHA 26 — 5º ANDAR

RIO DE JANEIRO

PACOTES PARA A EUROPA

Entrega rápida, de stock já existente na Europa

Encaminhamento de pacotes feitos pelos interessados !

SERVIÇO RÁPIDO E ENTREGA GARANTIDA !

Peçam informações a

H. G. MOLEND

Caixa Postal 152 — Rua Bocaiuva 60 — Telefone 1.352

FLORIANÓPOLIS



Boas Festas!

BIBLIOTECA PÚBLICA / SC	
Class:	056.9
Reg:	A-329
Data:	20-01-81

“Atualidades” apresenta a seus distintos colaboradores, anunciantes e assinantes, votos de Boas Festas e Feliz Ano Novo, aproveitando a oportunidade para comunicar que, por motivo de força maior, o número de dezembro só poderá ser posto em circulação em janeiro.

Feliz Ano Novo!

Digressões Antroponímicas

HENRIQUE FONTES

(De um trabalho sobre os nomes das
Magistrandas de 1947 do Colégio Coração
de Jesus, que à sua turma deram o nome
do autor)

(Continuação)

A L B A

1. ALBA, em latim, é "branca". A mesma significação tem Cândia. Branca, por sua vez, é nome de mulher.

Gwen, palavra de língua céltica e nome de três santas, também se traduz por "branca, cândida" (ver *The Book of Saints*, 4ª edição, 1947, pág. 281).

Os nomes gregos Leuco e Lêucio querem dizer "branco", e Zaleuco "muito branco". Quiônia (Chionia), também grego, significa "branca como a neve", "nivea". Nívea também aparece como prenome. Lebana "branca" é nome poético da Lua em hebraico e é igualmente nome de homem. Labão (Laban), nome do pai de Lia e de Raquel, também significa "branco". De Lebana e Laban é afim o árabe Lobna "branca como leite". A mesma significação talvez caiba ao grego Galatéia.

2. Há vários outros nomes pessoais tirados de palavras que designam cores, em alusão à pele, aos olhos ou aos cabelos. Edom, outro nome de Isaque, significa "vermelho", sentido que também possui o nome Adão. São oriundos do grego: Glauco, Glauca, Glauce "verde-pálido, azul-claro tirante a verde"; Ioessa "violácea"; Melânia "preta"; Pirro "avermelhado, cor de fogo"; Xanto "amarelo, louro". São oriundos do latim: Césio "esverdeado"; Flávio, de flavus, "amarelo, louro"; Fúlvio, de fulvus, "esverdeado, arruivado"; Fusco "escuro, enegrecido, fusco"; Hélvio, de helvus, e Helvídio, de helvidus "escuro, pardo, castanho"; Rufo "avermelhado, ruivo". Blonda, que corresponde ao francês blonde e ao italiano bionda, "loura", é o nome de uma santa comemorada a 2 de setembro. São tupis: Guaraciaba "cabelos do Sol", inspirado na cor avermelhada dos cabelos; e Eçaobim e Eçaúna, descritivos da cor dos olhos: "a de olhos verdes" e "a de olhos negros".

3. Alba, em latim, significa ainda "pérola", equivalendo à expressão alba gemma "pedra preciosa branca". Significam igualmente "pérola" o hebraico Penina ou Fenena, e Margarida, do latim margarita.

Margarida tem largo curso em outras línguas e nelas variamente se afeiçoa e blandiciosamente se dissimula e fragmenta: em francês, Marguerite e Margot; em italiano, Margherita, Ghita e Rita; em inglês, Margaret, Mag, Maggy, Maggie, Meg, Meggy, Meta, Marjory, Marjorie, Margery, Madge, Margie, Peg, Peggy; em alemão, Margareta, Margarete, Margritta, Marga, Meigel, Meta, Greta, Grete, Gretchen.

4. Outras pedras preciosas brilham em outros nomes, a começar pelo termo genérico gemma, que, designando santas, figura no calendário, a 11 de abril e a 12 de maio. A de 11 de abril é Santa Gemma Galgani, falecida em 1903 e canonizada em 1940. O "coral" transparece em Corália, do latim corallium; a "ágata", em Acates (Achatés), nome que Vergílio dá a um fiel companheiro de Enéias; e a "ametista", em Ametisto, do grego améthystos, que significa "sem embriaguez", porque a ametista passava por ser preservativo da bebedice; é o nome de um santo festejado a 13 de fevereiro. A "safira", em latim sapphirus, lampeja em Safiro, nome de um santo comemorado a 6 de setembro, e no feminino Safira, já existente nos primeiros tempos cristãos. O "berilo", em latim berylus, e o "crisólito", em grego chrysólithos, literalmente "pedra de ouro", estão claros nos seus homônimos escri-

tos com a inicial maiúscula. A "esmeralda", em latim smaragdus, esplende no masculino Smaragdo ou Esmeragdo, que figura no calendário, no feminino Esmeralda e nos derivados Esmeraldino e Esmeraldina. O diamante cristaliza-se no grego Adamante, literalmente "indomável", que, como termo do vocabulário comum, é ascendente das palavras diamante e imã e também dos nomes pessoais Adamantino, Adamantina, Diamantino e Diamantina.

5. De Alba, que sugeriu tantos nomes evocativos de coloridos e fulgores, diga-se, finalmente, que é nome de uma santa, mártir na África e com festa a 17 de janeiro (*Allgemeines Martyrologium*, pág. 20).

A L C I N A

1. ALCINA provém da literatura italiana.

No Orlando Innamorato, de Boiardo (1434-1494), e no Orlando Furioso, de Ariosto (1474-1533), é uma fada, que recorda a Circe de Homero. Habitava numa ilha encantada, de eterna primavera, para onde, com meiguices, atraía os mais fortes cavaleiros, aos quais, depois de enfastiada, metamorfoseava em árvores, rochedos, águas e animais.

"E perchè essi non vadano pel mondo
Di lei narrando la vita lasciva,
Chi qua, chi là per lo terren fecondo
Lì muta altri in abete, altri in oliva,
Altri in palma, altri in cedro, altri secondo
Che vedi me su questa verde riva;
Altri in liquido fonte, alcuni in fera,
Come più aggrada a quella fata altera".

(Orlando Furioso, canto VI, est. 51)

Em versos de Bocage, diz um feiticeiro, o mago Ilano:
"Herdei de Alcina o cális encantado,
Que os que nêle bebiam transformava
Em rios, feras, árvores, rochedos".

(Odes, Elegias e Idyllios, Ulânia, ou o Amor vencido, pág. 154)

Em outros versos, rejubila-se o poeta, porque
"...pródiga em Alcinas
Não é (graças aos céus) a natureza".

(Livreria Clássica, Bocage, vol. I, soneto, pág. 151)

Alcina, na Primavera do quinhentista Francisco Rodrigues Lobo, é uma entendida em ervas, que as emprega para malefícios (*Obras Políticas*, pág. 173).

Outros nomes do Orlando Furioso que alcançaram admiradores são Doralice, Fiordiligi (Flor-de-lis), Marfisa, femininos, e o masculino Medoro.

2. O nome Alcina, pela circunstância da eterna primavera que encantava o território da feiticeira, foi talvez sugerido a Boiardo pelo de Alcínoo, rei dos feácios, famoso pelo seu jardim,

"Onde florentes árvores viçosas,
De inverno e de verão perenes brotam;
Zéfiro meigo lhes sazona os frutos..."

(Odysseia, tradução de Manuel Odorico Mendes, livro VII, versos 90 a 93)

Alcínoo, grego Alkínoos, formado de alké "força, vi-

Comemorando o Dia da Pátria



ANTÃO ALVARO BARATA
Contra-Almirante

O dia 7 de Setembro, que comemoramos, é uma das maiores datas para o povo e para a nacionalidade brasileira.

Na fusão dos dois impulsos — o nacional e o político — acha o Estado, força e segurança.

A nacionalidade brasileira, no sentido etnográfico é — o POVO —; o Estado brasileiro é — o POVO, historicamente, constituído e politicamente organizado.

O movimento de luta entre o novo país e a metrópole, avista-se no começo do 4º século de nossa história, chamado o século da Independência.

No entanto, já séculos antes alguns movimentos e agitações aparecem com caráter de separação.

Um movimento de antecipação de nossa independência se apresentou em 1641, meado do século 17, distinguindo-se a figura de AMADOR BUENO DA RIBEIRA e se não fôra a prudência e a lealdade deste, ter-se-ia visto, nos campos de São Paulo, a implantação de um Estado independente.

De tal modo se fazia o espírito brasileiro de liberdade,

Porque as judiciosas e patrióticas palavras dirigidas aos seus dignos comandados, no dia da Pátria, pelo Exmo. Sr. Almirante Antão Alvares Barata, ilustre e estimado Comandante do 5º Distrito Naval, constituem página eloquente de civismo e um preito de justiça aos pró homens de nossa Independência e à nossa gloriosa Marinha de Guerra, inserimos hoje, em as nossas colunas, tão brilhantes e justas palavras, que bem merecem ser divulgadas entre os brasileiros.

de e independência, que nos fins deste mesmo século 17, explode a revolução de Beckmann, em 1685, no Maranhão, sobressaindo a figura do verdadeiro proto-mártir da liberdade brasileira — o insigne Manoel Beckmann.

A população brasileira, já conciente de sua individualidade, em princípios do século 18, inicia as lutas nativistas, explodindo logo em São Paulo, em 1708, a chamada guerra dos Emboabas, e em 1710, em Pernambuco, a guerra dos Mascates, movimento este de luta entre o trabalho e o capital, sobressaindo nesta agitação, o tipo de Bernardo Vieira de Mello.

Assistimos mais uma reação do espírito liberal, tendo como teatro o Estado de Minas, em 1720, com o chamado levante de Felipe dos Santos, o bravo precursor de Tiradentes.

O estado de agitação em que, então se encontrava, no século 18, o Velho Mundo, e as simpatias que sempre tivemos pelas idéias francesas, fazem novamente desabrochar no Brasil os ideais de liberdade.

A França, pugnaz e apaixonada pelos progressos morais, acompanha e orienta o nosso desenvolvimento político e social.

É assim que, no fim do século 18, germinaram, novamente, idéias de independência e em 1789, dá-se a erupção, rompendo o movimento revolucionário, em Minas Gerais, denominado a Inconfidência Mineira.

Neste movimento surgem como responsáveis: heróis e mártires, representantes de todas as classes, como literatos, clero, e militares, notando-se como centro de atração o vulto da grandeza moral e cívica, do Alferes de milícia, de nome JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER, com a alcunha de Tiradentes. Orlando a sua trajetória sobressaem os vultos sublimes de Cláudio Manoel da

gor, coragem", e de nós "espírito, inteligência, vontade", quer dizer "de forte espírito, de inteligência vigorosa", e tem o feminino regular Alkinóe, em português Alcinoe.

Tanto alké como nós entram na formação de outros nomes gregos: Alceu, Alceste, Alcimo querem dizer "forte, valente"; Alcides, patronímico de Alceu, quer dizer "descendente de Alceu"; Alcátoe, Alcítoc é "a que corre vigorosamente"; Alcímaco é "o que combate valentemente"; Alcidamante é "o que submete com vigor"; Alcimedonte é "o que governa com vigor"; Alcifron é "o de sentimentos corajosos"; Alcandro e Alcenor significam "homem de vigor"; Alcíbio, de que é patronímico Alcibiades, é "o de vida vigorosa", etc.

São nomes em que aparece nós: Arsínoe "a que fortifica a inteligência"; Antínoo "o de opinião contrária"; Autónoe "a que tem vontade própria, a voluntariosa"; Teónoe "a de espírito divino", etc.

3. Ao nome do rei dos feácios, pai da terníssima Nausícaa "a que inflama navios", deu Camões a forma Alcino: "E aquela certa ajuda em ti esperamos, Que teve o perdido Ítaco em Alcino".

(Lusíadas, canto II, est. 82)

Outro tanto fez Odorico Mendes, na tradução da Odisséia. Antônio Feliciano de Castilho usou, entretanto, a forma Alcínoo, que mais se harmoniza com a transcrição corrente dos nomes gregos:

E que espécies de fruta um só pomar presenta!

Lembra os hortos de Alcínoo...

(As Geórgicas, de Vergílio, livro II, versos 106 e 107)

4. O nome Alcino fez carreira nos fins do século XVIII. Apelidou-se Alcino uma das mais notáveis figuras da Arcádia Lusitana — Domingos dos Reis Quita, o Alcino Micênio; e a Nova Arcádia contou também o seu Alcino — Joaquim Severiano Ferraz de Campos, o Alcino Lisbonense. Alcino chamou-se, em várias composições, Cláudio Manuel da Costa:

"Alcino, que a vingança

Da fortuna inconstante,

Do bárbaro destino,

Chora na própria terra peregrino".

(Obras Poéticas, vol. I, pág. 235)

O nome, com pequena modificação, foi adotado por outro poeta brasileiro — Manuel Inácio da Silva Alvarenga, o Alcindo Palmireno.

5. A predileção dos poetas pelo nome Alcino fez, certamente, esquecer o desprimor que à forma feminina poderia ter comunicado a feiticeira dos italianos. E, assim, ao partir para Portugal, em 1783, José Bonifácio, então com virentes dezoito anos, em soneto improvisado, podia atribuí-lo à sua déia:

"Adeus, fica-te em paz, Alcina amada,

Ah sem mim sê feliz, vive ditosa;

Que contra meus prazeres invejosa

A fortuna cruel se mostra irada.

.....

Mas, apesar da mísera desdita

De tão cruel partida, eternamente

Nesta minha alma viverás escrita".

(Poesias, pág. 82)

A fundação da República e a homogeneidade e harmonia da evolução brasileira

VICTOR KONDER

(Discurso de saudação ao Povo Brasileiro, pronunciado em nome do Governo da República e irradiado a 15 de novembro de 1927).

A história de um povo não se compõe de datas, eventos ou episódios fragmentários. É obra de perfeita unidade moral, ligados os sucessos uns aos outros por um estrito nexo de causalidade, entretrecidos os progressos e transformações, interpenetrando-se os fenômenos sociais, políticos e econômicos estratificando-se ordenadamente num só bloco o trabalho e as aspirações das épocas, gerações e correntes que se sucedem.

Nessa sua integralidade, impessoalidade e solidariedade de esforços, através de séculos e milênios, a obra cultural de um povo, em qualquer de suas conquistas, glorifica e imortaliza todos os que participaram em sua elaboração, todas as suas fases históricas, todos os movimentos aperfeiçoadores, e, por igual, os gênios e heróis e a multidão de obreiros, que obscuramente carregou as pedras para a grande construção nacional.

Um notável acontecimento social não é nunca uma perturbação inexplicável do ritmo espiritual da nação, nunca o produto de uma conjuntura sem ligações no passado, senão o resultado de forças que vinham operando de longe, sob o imperativo da renovação e evolução, vivificadoras de todos os organismos morais.

Na evolução brasileira, uma homogeneidade, uma harmonia a embeleza desde os primeiros tempos, denunciando que muito cedo se apossou da gente do Brasil um espírito diretor da nacionalidade.

Assim, a grande data que hoje celebramos não relembra só a fundação da República do Brasil e as numerosas e fecundas realizações do novo regime; abrange na sua glorificação os progressos liberais dos tempos anteriores e todo o esforço ingente dos que definiram a nossa pátria, em sua estrutura física e moral.

A nossa história é de uma continuidade serena, recebendo uma época da outra um patrimônio de liberalismo que a posterior renova e aperfeiçoa. Não tivemos perturbações graves nas nossas transformações políticas; um período histórico não se tornou antagônico ao outro; a mentalidade de um tempo foi preparatória da do seguinte; cada capítulo de nossa história executou com seqüência uma parte da nossa marcha evolutiva, obedecendo às mesmas finalidades nacionais.

Tôdas as nossas grandes datas se ligam entre si, por força do elo de liberalismo, que é a característica da alma nacional. Tôdas têm, substancialmente, a mesma expressão e tôdas constituem uma afirmação sempre mais acentuada dos nossos sentimentos de democracia e de nacionalidade.

21 de abril — o sacrifício pela liberdade da Pátria; 7 de setembro — a aurora do Brasil independente; 13 de maio — uma raça que se redime; 15 de novembro — a integração do Brasil no espírito do republicanismo continental.

Tôdas as culminâncias da nossa história são assim, assinaladas por vitórias do sentimento democrático. E o sonho inquieto e impreciso de uma nacionalidade em adolescência, e o anseio por uma liberdade tão larga e por destinos tão amplos que levou os brasileiros dos primeiros tempos a dilatar o nosso território em direção de todos os ângulos do continente, como que para nele poder caber aquele imenso império de pensamento e de aspirações, e o sentimento de brasilidade que, em primeiro, se consolidou na alma do nosso patriciado agrícola, que plantou a árvore da nossa civilização própria e lançou os fundamentos da economia nacional; tudo isso revive, se exalta, edifica no

dia de hoje, como manifestações do mesmo espírito que vem animando ou coordenando a vida moral brasileira.

Não vejamos numa data nacional a destruição de uma época pela nova, a condenação do passado por uma conquista do presente.

Vejamos, antes, em tôdas elas, a glorificação do trabalho solidário das sucessivas gerações brasileiras, fazendo com que o Brasil colonial, o Brasil monárquico e o Brasil republicano sejam sempre o mesmo Brasil, um único Brasil.

É a alma coletiva da nacionalidade que recebe as nossas saudações e apela a cada brasileiro para que conservemos e melhoremos os nossos legados históricos, e, sobretudo, para que demos á nossa unidade moral o alicerce de uma cultura, sempre mais homogênea e mais perfeita. E a complexa obra de uma cultura tem que formar-se, orgânica e sistematicamente, pelo enobrecimento precípua de tôdas as forças espirituais do indivíduo, que num trabalho subconsciente se vão fundindo em superiores ideais coletivos, a cujos dictames se sujeita a maioria das forças individuais componentes do todo nacional, num belíssimo sacrifício da personalidade, ou das correntes regionalistas, ou dos pontos de vista parciais.

Cultura, portanto, significa submissão inteligente e orgulhosa ao ideal coletivo, diluição da própria individualidade no espírito da comunhão, renúncia dos próprios interesses em favor de interesses comuns; significa disciplina social, ordem, orgulho do passado, confiança de que as energias nacionais do presente processam evolutivamente um futuro melhor, na antevisão de uma pátria que será ufanía para o nome brasileiro e bênção para a humana espécie.

Costa, Alvarenga Peixoto, desembargador Thomaz Antônio Gonzaga, Padres José Cardoso de Toledo, Manoel Rodrigues da Costa, Oliveira Rolim, Capitão Rezende Costa e Coronel Freire de Andrade.

Esse grande, que foi TIRADENTES, pagou com a vida o seu altruísmo e patriotismo, mostrando e ensinando às gerações daquela época e futuras, que para a vitória das grandes causas, não basta o devotamento do apóstolo, é preciso, também, a abnegação do mártir.

Subiu Tiradentes, em 21 de Abril de 1792, ao patíbulo, com o civismo de um tribuno e a unção evangélica de um santo.

Não foi esta, o fêcho do século 18, pois, que em 1798, surge na Bahia, uma rebelião contra a metrópole, figurando nela João de Deus Nascimento, Luiz Gonzaga das Virgens e o professor Francisco Moniz Barreto.

Esta revolução não chegou a ser a revolução de Pernambuco, por não ter conseguido explodir, mas foi alguma cousa mais que a Inconfidência Mineira.

Nela, havia mais trabalho de propaganda, bem como 676 indivíduos que se comunicavam. Dentre estes estavam envolvidos muitos frades e padres, comerciantes e letrados, só não se concretizando, devido a denúncia do padre João Fontoura Neves.

O início do século 19 não foi menos tumultuário do que o antecessor, pois chega até à alma e o coração dos brasileiros o reflexo da Revolução Americana, que auxiliada pela França, fazia já apresentar o nobre povo Norte Americano, no cenário do Mundo.

O exemplo dos Estados Unidos e o fruto deixado pelo sacrifício de Tiradentes, fizeram com que a corrente democrática extravasasse e surgisse no extremo norte, em Pernambuco, a revolução nacionalista de 6 de março de 1817.

Vitória efêmera, que durou apenas 3 meses, desaparecendo em um lago de sangue os vultos heróicos dos padres Miguel da Costa (padre Miguelinho), padre Roma de Abreu Lima (padre Roma), frei Joaquim do Amor Divino Caneca (frei Caneca), padre Pedro Tenório, Capitão Domingos Theotônio Jorge, Segundo Tenente Henrique Rabello, Cipriano Barata, do Capitão de Barros Lima (o Leão Coroado) e o grande Domingos Martins, a alma deste movimento.

O Brasil se ia instituir independente, debaixo da consideração de uma necessidade impreterível e de uma conquista liberal.

A Política, os interesses nacionais, o ressentimento progressivo do Povo e até a própria Natureza, tornaram de fato, o Brasil independente.

A Monarquia, no instante da emancipação política, veio do exterior, como uma cousa enxertada e não produzida pela natural elaboração da consciência popular.

Com a Monarquia ou sem ela, a Independência era inevitável.

Apezar de já em 1808, o Brasil ter assumido a categoria de Estado, com a vinda da sede do Governo Português para o Rio de Janeiro, foi no entanto, no dia 7 de Setembro de 1822, com a ruptura dos laços que o prendiam à metrópole, que o Brasil se emancipou politicamente, alcançando autonomia plena, em suas relações internas e a sua soberania na vida internacional.

A Independência do Brasil, não foi um simples resultado de um movimento brusco de despeito, nem uma revolta: foi a coroação calculada e consciente de uma série de atos praticados pelo país, em defesa própria.

Glorificado, com as palmas da liberdade o feito magno, que assinalou a independência, foi antes e acima de tudo, uma obra popular, uma elaboração do trabalho e do vigor de muitas gerações.

Esta obra de vigor, esta emancipação, teve os seus soldados, os seus agentes, os seus operários, que a encarnaram, como os tipos representativos das aspirações nacionais.

Dentre estes destacaremos o do inolvidável José Bonifácio de Andrade e Silva, o verdadeiro patriarca da Independência, o verdadeiro fundador da nacionalidade brasileira, o verdadeiro representante do espírito nacional.

Só a este, poderia estar reservada esta tarefa, pois só ele, poderia realizar tão grande feito, pois era um dos tipos mais complexos, mais interessantes de toda a América.

Nascido em Santos, São Paulo, formado pela Universidade do Coimbra, foi discípulo de grandes mestres europeus, fez descobertas científicas, e foi festejado por nacionais e saudado por estrangeiros.

Como consumado sabedor, sempre acatado por notáveis academias, que o igualaram aos maiores e mais eminentes sábios da ciência contemporânea, deveria ser, como foi, o expoente máximo deste grande feito.

De sua bravura e valentia, temos provas em Portugal, quando invadido pelos franceses, vendo-o arregimentado com os professores e alunos da Universidade, caben-

do-lhe por tão nobres atos o posto de Tenente Coronel.

Tendo, em largos traços, rendido culto a este insigne varão, devemos também prestar homenagem aos seus principais colaboradores, que foram: Hypólito da Costa, Marquês de Barbacena (Felisberto Caldeira Brant Pontes), o português José Clemente Pereira, Joaquim Gonçalves Lêdo, Januário da Cunha Barbosa, frei Francisco Sampaio e o grande Almirante inglês Lord Cockrane.

Na consagração histórica da divisa — Independência ou Morte — a revolução teve, afinal, uma fórmula sintética, desferindo o surto da energia potencial das idéias.

Já que me referi à tão insigne marinheiro, vamos salientar o papel glorioso da nossa Marinha Nacional, neste grande feito.

A nossa Marinha de Guerra nasceu com a própria Nação.

Senhores os portugueses, do norte do Brasil, bem estabelecidos, quer em terra, como no mar, só poderiam ser expelidos de suas posições, por meio de uma esquadra.

Ainda não havia mesmo sido proferido o grito do Ypiranga e já a divisão de Rodrigo Antônio Delamare, largava do Rio, em 14 de Julho de 1822, para o norte, no propósito deliberado de prestigiar os guerrilheiros baianos, os quais lutavam arduamente contra o General Madeira de Melo, última sentinela, naquelas plagas brasileiras, da metrópole colonizadora.

Ainda na Bahia, Oliveira Botas, improvisa uma Marinha local, com lanchas, baleieiras e batéis, verdadeiro núcleo inicial da Armada brasileira.

Mas com que barcos se fundou esta esquadra, a que se dava tão alta, delicada e honrosa missão de guardar a nossa soberania! Quanto ao material iria crescendo, na medida do possível e viável, mas de que homens de ferro se iria tripular esses navios de madeira!

Não tínhamos como obter, nem inventar do nosso sangue indígena, na proporção das contingências prementes e urgentes, é então que cabe à figura do Marquês de Barbacena, nosso ministro em Londres, que adverte e aconselha ao governo contratar para a fase inicial deste grande empreendimento a competência e o denodo dos ingleses.

Estava feita a independência, que, entanto, era mister consolidar e defender; e defender com a Marinha que se impunha criar.

Formou-se, então, às carreiras, a esquadra nacional, com o que havia de escasso e deficiente na marinhagem nacional e supridos os claros por elementos estrangeiros, especialmente britânicos, que haviam se distinguido nas guerras do Chile e Perú.

A esquadra às ordens de Lord Cockrane (mais tarde Marquês do Maranhão), o condutor naval da emancipação do Novo Mundo, foi, mau grado a sua composição heterogênea, o agente principal de nossa União.

A exposição de alguns fatos mostram o papel glorioso de nossa Marinha, neste memorável acontecimento.

Assim, a nau "Pedro Primeiro", única veleira e bem tripulada, bloqueia a Bahia e imobiliza as forças marítimas portuguesas, superiores em número e como unidades, e assim impõe ao general luzitano Madeira a capitulação.

Ainda, este mesmo Almirante, com 4 navios brasileiros, dá caça à esquadra portuguesa de 13 navios, que comboiava 60 ou 70 embarcações, com tropa, munição e famílias luzitanas, que fugiam para a metrópole.

Deixando em paz o resto desta esquadra luzitana, Cockrane aproveitou-se de sua maior facilidade de movimento, e fazendo-se de vela para o Maranhão, reduz esta região à autoridade imperial, antes que chegassem recursos portugueses.

No Pará, o Capitão Grenfell, que fôra destacado pelo Almirante, para o mesmo fim, obtem resultado idêntico.

E assim, com tão valorosos feitos, pode gabar-se a nossa esquadra de, em tão curta campanha, sem sacrifício de uma só nau, subjugar duas enormes províncias e aprisionar mais de 120 navios portugueses.

Finalmente, a expressão do ato heróico da fragata "Niterói", ela, só, com a flâmula do nascente Império, desfaldada aos ventos, e navegando na amplidão do Atlântico, derrota uma numerosa esquadra luzitana, remanescente do poder que dominara este país durante 3 séculos.

A fragata "Niterói", fragil nau, não era a força que exprimia diante e ao alcance da poderosa frota portuguesa, mas, sim, a idéia de liberdade de um povo, de ser independente, senhor de si e de seu território, com a consciência do seu poder e do seu direito.

Era, portanto, o princípio da nova soberania nacional, que se constituía, ocupando o Brasil o lugar que lhe competia no certamen dos Estados cultos, com o valoroso concurso da Armada nacional.

Florianópolis, 7 de setembro de 1948.

Antão Alvaro Barata
Contra Almirante

O I Congresso de História Catarinense e o Professor Paiva Boléo

Sob o título de **O Bicentenário da Colonização Açoriana do Estado de Santa Catarina**, publicou A VOZ, grande diário de Lisboa, em sua edição de 23 de outubro, a seguinte notícia:

No "Bandeirante" da "Panair", regressou, a Lisboa, o Sr. Dr. Manuel de Paiva Boléo, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra que, a convite do Brasil, foi tomar parte no Congresso comemorativo do bicentenário da colonização açoriana, realizado em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, de 5 a 12 do corrente.

Falando aos jornalistas que o abordaram à chegada, aquele professor afirmou que, na história das relações luso-brasileira, não tinha conhecimento de que, nas últimas dezenas de anos, se haja verificado acontecimento mais significativo e de maior alcance psicológico do que este Congresso. Sem prejuízo da objetividade científica e das reservas que se possam fazer sobre aspectos de pormenor, foi posto bem em evidência (sem menosprezo dos outros elementos alienígenas), o valor da colonização açoriana no Estado de Santa Catarina; ao mesmo tempo reconheceu-se que o elemento português foi o que mais contribuiu para a formação da grande nação brasileira.

Acrescentou que foram apresentados oitenta trabalhos, alguns dos quais de mérito excepcional.

Os temas do Congresso

Falando dos assuntos gerais do Congresso disse: que pelos títulos das dez secções que o Congresso abrangeu se pode fazer uma idéia da sua amplitude: 1ª. secção: História Geral Catarinense; 2ª. História Demográfica e Política; 3ª. Colonização Insulana; 4ª. História Econômica; 5ª. História Social e Cultural; 6ª. Linguagem e Folclore; 7ª. Geografia História e Cartografia; 8ª. História Local; 9ª. Genealogia; 10ª. Bio-Bibliografia.

E acrescentou: "Chamo a sua atenção para o fato de ter sido incluída no Congresso, não obstante ser de história, uma secção de "Linguagem e folclore", idéia feliz do desembargador Henrique Fontes, o ativo, metódico e tenaz presidente da Comissão Executiva".

Falando da sua intervenção no Congresso, disse:

"Além de haver tomado parte nas sessões de estudo da 6ª. secção e de ter sido relator duma tese, apresentei o esboço dum trabalho, que só agora poderei completar em Portugal, sobre o falar açoriano e a linguagem popular de Santa Catarina, trabalho baseado num inquérito linguístico que fiz numa povoação do interior, em Rio Vermelho. Com êsse inquérito tive em vista, ao mesmo tempo, estimular a gente moça brasileira a interessar-se mais pelos seus próprios falares, tão necessitados de estudos urgentes".

Homenagens a Portugal

— Além das teses, houve outras manifestações de interesse para os portugueses?

— Houve excursões a localidades

que estão mais intimamente relacionadas com a colonização açoriana, e uma exposição histórica, geográfica e folclórica, inteligentemente organizada pelo engenheiro Vitor Peluso e destinada a mostrar a sobrevivência de costumes açorianos no Estado de Santa Catarina. Por uma coincidência feliz, o nosso compatriota eng. Euclides Rosa, natural do Faial, pôde ir a Florianópolis expor as suas maravilhosas miniaturas em miolo de figueira. Essas duas exposições, que foram muito visitadas, deram ao Congresso uma projeção popular.

Entre outras homenagens prestadas ao valor da colonização açoriana, recordarei ainda duas: a herma que vai ser levantada no jardim principal de Florianópolis, feita com pedra vinda expressamente dos Açores, e a restauração do nome antigo duma rua que voltará a chamar-se "Rua dos Ilhéus".

Já que falo de homenagens — continuo — não quero deixar de agradecer de novo as inúmeras atenções que, na pessoa do delegado de Portugal, foram prestadas ao nosso País e à Universidade de Coimbra, não só pelos congressistas, autoridades locais e imprensa, mas também pela população de Florianópolis. O meu coração de português já mais esquecerá as horas lusiadas que vivi nessa pitoresca cidade e, sobretudo, o orgulho com que tantas famílias catarinenses me vinham dizer que descendiam de açorianos. Mesmo que tenham sido humildes trabalhadores, tal descendência é considerada como uma espécie de título nobiliárquico, como um gráu mais profundo de brasilidade.

Falando das suas impressões do Brasil, declarou:

— Embora esteja convencido de que dificilmente se poderia ver mais do que eu vi no curto espaço de 24 dias, que passei no Brasil (só num dia percorri mais de 500 quilômetros de automóvel para visitar, ao menos rapidamente, as zonas de colonização alemã e italiana do Estado de Santa Catarina e ter assim elementos de confronto com a zona de colonização açoriana), seria arriscado fazer generalizações apressadas. Além disso, fora do Estado de Santa Catarina, só parei dois dias em São Paulo e quatro no Rio de Janeiro. Tive, é certo, a oportunidade de falar com portugueses e brasileiros, de diferentes classes sociais, sobre alguns problemas de flagrante atualidade; mas, repito, não é no aeroporto e à pressa, que posso transmitir as minhas impressões. Ficarão para outra oportunidade. Por agora, dir-lhe-ei apenas que esta viagem ao Brasil, que foi tão rica em informações e sugestões, constitui um dos acontecimentos mais felizes da minha vida.

AGRADECIMENTOS A

IMPRENSA

Do Sr. Presidente do Primeiro Congresso de História Catarinense recebemos o seguinte ofício:

"Florianópolis, 16 de outubro de 1948.

Sr. Diretor de "Atualidades",
Nesta.

Tenho o prazer de lhe comunicar que o Primeiro Congresso de História Catarinense aprovou em sessão plenária, por proposta do Presidente, a seguinte moção de reconhecimento à Imprensa:

"Proponho que conste da ata dos trabalhos os nossos mais vivos agradecimentos à Imprensa desta Capital e dos Municípios, bem como aos jornais da Capital da República e dos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, e bem assim às estações difusoras, pela divulgação que deram aos preparativos e da realização do Primeiro Congresso de História Catarinense".

Atenciosas saudações.

(a.) Henrique da Silva Fontes,
Presidente".

"O FUNCIONÁRIO"

Sob a direção dos Srs. J. Teixeira da Rosa Junior e J. A. Sena, iniciou sua publicação a 28 de outubro de 1948, o mensário "O Funcionário", órgão de defesa dos interesses dos funcionários públicos civis de Santa Catarina.

São seus redatores os Srs. Percival Flores, Martinho Callado Júnior e Hermes Guedes Júnior, contando, ainda, com ótimos colaboradores.

Gratos pela visita, fazemos votos de longa e útil existência, para benefício do funcionalismo público em geral.

"TRÂNSITO"

Editada pelo jornalista e advogado Plácido Justino Gomes, já foi posta em circulação a revista "Trânsito".

Ótimamente impressa, contendo variada matéria e colaborações de destacados elementos intelectuais catarinenses, foi muito bem recebida pelos leitores.

"Atualidades" cumprimenta a colega, fazendo votos para que pugne pelo desenvolvimento das letras catarinenses.

Primeiro Congresso de História Catarinense

Da primeira parte das Comemorações do Segundo Centenário da Colonização Açoriana, que se realizaram de 20 a 22 de fevereiro deste ano, demos circunstanciada notícia em nossa edição de outubro.

Consistiu a segunda parte em um certame cultural — o PRIMEIRO CONGRESSO DE HISTÓRIA CATARINENSE, que se reuniu nesta Capital no mês passado e que obedeceu ao seguinte

Regimento

Art. 1º — O Primeiro Congresso de História Catarinense, comemorativo do segundo centenário da colonização açoriana, reunir-se-á de 5 a 12 de outubro de 1948, na cidade de Florianópolis, e observará este Regimento e as Bases e o Programa-calendário já estabelecidos pela sua Comissão Organizadora.

§ 1º — Os Congressistas receberão um cartão de identidade, que lhes dará direito a tomar parte em todos os atos do Congresso.

§ 2º — Em sessão preparatória, que se realizará a 4 de outubro, reunir-se-ão os Congressistas sob a direção da Mesa da Comissão Organizadora para, por voto direto, eleger a Mesa do Congresso, que se comporá de Presidente, Primeiro, Segundo e Terceiro Vice-presidentes, Secretário Geral, Primeiro e Segundo Secretários e Relator Geral.

§ 3º — Na mesma sessão, serão escolhidos os membros das diversas Comissões, as quais corresponderão às seções em que se dividem os trabalhos do Congresso, e eles, entre si, escolherão os respectivos Presidentes e Primeiros e Segundos Secretários.

Art. 2º — Incumbe ao Presidente representar o Congresso em todos os atos, dirigir os trabalhos, tomar as iniciativas necessárias ao seu bom andamento e presidir às sessões solenes e plenárias, de acordo com o presente Regimento e, nos casos omissos, com o que for decidido pela Mesa.

Art. 3º — Incumbe aos Vice-presidentes substituir o Presidente nas suas ausências e impedimentos.

Art. 4º — Incumbe ao Secretário Geral assistir ao Presidente em todos os atos administrativos; tomar os apontamentos necessários para redação das atas; organizar a ordem-do-dia, de acordo com as instruções do Presidente; e dar diretivas ao serviço da Secretaria para o bom andamento dos trabalhos.

Art. 5º — Incumbe aos Secretários colaborar com o Secretário Geral em todas as suas atribuições, cabendo ao Primeiro os trabalhos de correspondência e expediente do Congresso, e ao Segundo a lavratura das atas das sessões plenárias.

Art. 6º — Incumbe ao Relator Geral resumir os relatórios dos Presidentes das Comissões para o relatório que será apresentado na sessão de encerramento.

Art. 7º — Distribuídos os trabalhos às Comissões, farão os respectivos Presidentes a distribuição dos mesmos aos seus membros, de maneira equitativa.

§ 1º — As Comissões reunir-se-ão independentemente de convocação e perante elas apresentarão os relatórios de trabalhos os seus pareceres, que serão discutidos e votados.

§ 2º — Os membros das Comissões podem pedir vista de trabalhos e dos respectivos pareceres.

§ 3º — Os pareceres vencedores, assinados pela Comissão, serão anexados ao trabalho e entregues ao Presidente.

Art. 8º — Nas sessões plenárias, serão discutidos e votados os pareceres das Comissões, pela ordem da sua entrega à Mesa, sendo relator o Presidente da Comissão, podendo usar da palavra o Autor, por dez minutos, e o Relator, por outros tantos, para encaminhar a votação.

§ 1º — Os trabalhos não aprovados serão apenas citados no Relatório Geral e não incluídos nos Anais.

§ 2º — Nas sessões plenárias, serão discutidas e votadas moções, indicações, recomendações e comunicações.

§ 3º — O Congressista que não seja orador oficial nem orador por delegação de outros Congressistas, poderá falar durante dez minutos.

Art. 9º — A Comissão dos Anais será escolhida pela Comissão Organizadora e pela Mesa do Congresso e Presidentes das Comissões.

Art. 10 — À Mesa da Comissão Organizadora do Congresso incumbe a parte financeira do mesmo, no decorrer das sessões.

Art. 11 — Terminadas as sessões do Congresso, ficarão os trabalhos complementares a cargo da Comissão Organizadora e da Comissão dos Anais.

Os trabalhos do Congresso desenvolveram-se de acordo com o seguinte

Programa calendário

DIA 4 DE OUTUBRO DE 1948, segunda-feira

Às 20 horas — Sessão preparatória para apresentação de credenciais, eleição da Mesa do Congresso e eleição das Comissões. Local: Faculdade de Direito.

DIA 5 DE OUTUBRO, terça-feira

Às 9 horas — Reunião das Comissões para eleição dos Presidentes e Secretários e distribuição dos trabalhos.

Às 11 horas — Homenagem à memória de José Artur Boiteux, fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e idealizador dos Congressos Brasileiros de Geografia. Colocação de flores na sua herma. Discurso do Representante do Centro Acadêmico XI de Fevereiro.

Às 20 horas — Sessão pública e solene de abertura do Congresso, no Teatro Álvaro de Carvalho. Discurso do excelentíssimo Senhor Doutor José Boabaid, Presidente da Assembléia Legislativa, no exercício do cargo de Governador do Estado, que presidiu à sessão e declarou inaugurados os trabalhos do Congresso; discurso de saudação aos Congressistas, feito pelo Sr. Dr. Othon da Gama d'Eça, representante da Comissão Organizadora; discurso do Sr. Professor Walter Spalding, representante dos Congressistas.

DIA 6 DE OUTUBRO, quarta-feira

Às 9,30 horas — Excursão: volta ao Morro.

Às 11 horas — Visita ao excelentíssimo Senhor Governador do Estado.

Às 11,30 horas — Visita à Câmara Municipal e ao exmo. Sr. Prefeito Municipal.

Às 14,30 horas — Visita à Assembléia Legislativa e ao Tribunal de Justiça.

Às 15 horas — Inauguração da Exposição Histórica, Geográfica e Folclórica. Discurso do Sr. Engenheiro Vitor Antônio Peluso Júnior, organizador da Exposição.

Às 17,30 horas — Visita ao excelentíssimo e reverendíssimo Senhor Arcebispo Metropolitano.

Às 20 horas — Reunião das Comissões. Local: Faculdade de Direito.

DIA 7 DE OUTUBRO, quinta-feira

Às 9 horas — Visita a São Miguel.

Às 14 horas — Visita a Santo Antônio e Canasvieiras.

Às 20 horas — 1ª sessão plenária. Local: Faculdade de Direito.

DIA 8 DE OUTUBRO, sexta-feira

Às 9 horas — Reunião das Comissões.

Às 14 horas — Visita ao Ribeirão e Sul da Ilha.

Às 20 horas — Danças tradicionais no estádio da Polícia Militar do Estado.

DIA 9 DE OUTUBRO, sábado

Às 7 horas — Partida para a excursão a São José, Enseada de Brito, Vila Nova e Laguna.

Às 13 horas — Almoço em Laguna e visita de uma turma de Congressistas a Tubarão.

Às 20 horas — Festa veneziana na baía do Sul.

Às 22 horas — Baile de gala de aniversário do Lira Tênis Clube, para o qual, por gentileza de sua Diretoria, foram convidados os srs. Congressistas.

DIA 10 DE OUTUBRO, domingo

Às 10 horas — Missa solene com assistência pontifical do excelentíssimo e reverendíssimo Senhor Arcebispo Metropolitano

Dom Joaquim Domingues de Oliveira, que proferiu palavras gratulatórias.

Às 12 horas — Churrascada no Colégio Catarinense e visita ao museu etnológico do mesmo estabelecimento.

Às 17 horas — Coquetel oferecido pelo Instituto Brasil-Estados Unidos.

Às 21 horas — Soirée oferecida pelo Clube Doze de Agosto.

DIA 11 DE OUTUBRO, segunda-feira

Às 9 horas — Reunião das Comissões.

Às 14 horas — Idem.

Às 20 horas — 2ª. sessão plenária.

DIA 12 DE OUTUBRO, terça-feira

Às 9 horas — 3ª. sessão plenária.

Às 14 horas — 4ª. sessão plenária.

Às 20 horas — Sessão pública e solene de encerramento no Teatro Álvaro de Carvalho, com discursos do Presidente do Congresso, do Representante da Assembléia Legislativa do Estado, de Congressistas e do Orador do Instituto e Geográfico de Santa Catarina.

DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS

Dia 4 de Outubro, segunda-feira

SESSÃO PREPARATÓRIA

A sessão preparatória compareceram, segundo o livro de presença, os seguintes Congressistas: Henrique da Silva Fontes, Oswaldo Bulcão Viana, Luiz Trindade, Ildefonso Juvenal, João Kuehne, Antônio Nunes Varela, Antenor Moraes, José Lupércio Lopes, Arnaldo S. Thiago, Custódio F. de Campos, Walter Fernando Piazza, José Maria Cardoso da Veiga, Braz Joaquim Alves, José Cordeiro, Adão Miranda, Antônio Fleury Barbosa, Victor da Luz Fontes, Alfredo Zimmer, Francisco Machado de Sousa, Demerval Cordeiro, Olivério José de Carvalho Costa, Jorge da Luz Fontes, Altair Teixeira da Rosa, Andreilino Natividade da Costa, Lucas Alexandre Boiteux, João dos Santos Areão, Olga Barbosa, Teobaldo Jamundá, Padre João Alfredo Rohr, Padre Alvinio Bertoldo Braun, Teresinha de Jesus da Luz Fontes, Henny Mary Hildebrand da Silva, Isaac Carlos de Camargo, Hélio Milton Pereira, Clementino Fausto Barcelos de Brito, Gécio Sousa Silva, Urbano Müller Salles, Nilson Vieira Borges, Waldir Mendonça, Nelson de Abreu, Ayres Gama Ferreira de Melo, Alcides Abreu, Acácio S. Thiago, João Teixeira Rosa Júnior, Carlos da Costa Pereira, Ruben Ulysséa, Dante de Laytano, Jorge Godofredo Felizardo, Olyntho Sanmartin, Walter Spalding, Hélio Viana, Ciro Ferreira Mendes, Luiz de Castro Faria, Guilherme Butler, Fernando Corrêa de Azevedo, Osvaldo Pilotto, Bueno de Azevedo Filho, Jorge Kaszás, Osvaldo R. Cabral, Paulo Fontes, Victor Peluso Júnior, Romeu Sebastião Neves, Roberto Lacerda, Aroldo Carneiro de Carvalho, Severino Nicomedes Alves

Pedrosa, Manuel de Paiva Boléo, Hamilton José Hildebrand, Trajano José de Oliveira e Sousa, Abelardo da Costa Arantes, Dalmiro de Andrada, João A. Senna, João Batista Bonnassis, Geraldo Gama Salles, Osvaldo F. de Melo, Jorge Lacerda, Wilmar Dias, Carlos Gomes de Oliveira e José Figueiró de Siqueira.

Da reunião deu A GAZETA a seguinte notícia:

“Presidida pelo sr. desembargador Henrique Fontes, realizou-se na Faculdade de Direito, a sessão preparatória do 1º Congresso de História de Santa Catarina, achando-se na mesa, além do presidente já citado, os srs. desembargador Urbano Müller Salles, dr. Carlos Gomes de Oliveira, dr. Osvaldo Rodrigues Cabral, Carlos da Costa Pereira e Clementino Barcelos de Brito.

Lido o expediente, que constou, entre outros assuntos, de um comunicado do sr. general Eurico Gaspar Dutra, por intermédio do seu chefe do gabinete civil, professor Pereira Lira e de uma mensagem do sr. dr. Moisés Lupion, governador do Estado do Paraná, pronunciou brilhante oração o sr. desembargador Henrique Fontes, que, ao terminar, foi alvo de comovimento e justa manifestação de apreço.

Terminados os aplausos, o sr. desembargador Henrique Fontes anunciou que, em obediência ao Regimento, iria proceder-se à eleição da mesa efetiva do Congresso. Com a palavra o sr. dr. Osvaldo Cabral, propõe seja a eleição realizada com a indicação dos nomes e pelo voto simbólico.

Em torno desta indicação travam-se acalorados debates, em que tomam parte os srs. dr. Alves Pedrosa, Arnaldo Santiago, dr. Carlos Gomes de Oliveira e dr. Osvaldo Bulcão Viana, opinando este último por que a votação se faça pelo foto secreto, mantendo o dr. Osvaldo Cabral sua proposta da eleição pela indicação dos nomes e pelo voto simbólico, o que foi aprovado.

Tendo o sr. desembargador Henrique Fontes, alegando motivos de saúde, declarado não poder continuar na presidência, escusando-se, porisso a aceitar sua eleição, caso sobre ele viesse a recair, vários oradores procuraram demovê-lo dos seus propósitos, entre os quais os srs. almirante Lucas Boiteux, Custódio de Campos, Arnaldo Santiago, tendo, por último, o sr. dr. Osvaldo Cabral, num impetuoso e brilhante improviso, declarado que, desde o lançamento da idéia de comemorar o segundo centenário da vinda dos primeiros casais açorianos para Santa Catarina, o sr. desembargador Henrique Fontes se sobrepôs aos demais companheiros, trabalhando incansavelmente, arrazando todos os obstáculos, apainando todas as dificuldades, sendo que os restantes, como ele orador, apenas haviam sido seus colaboradores, aceitando os seus conselhos. Assim sendo, não seria justo que o Congresso que ora se inaugurava, deixasse de ser presidido pelo seu organizador.

Depois de várias outras considerações, o sr. dr. Osvaldo Cabral declarou aceitar a tese apresentada

pelo sr. Arnaldo Santiago no sentido de ser eleito, além do presidente nato, também um presidente de honra. Aceitando-a, um outro nome existe que tem seguido os passos do sr. desembargador Henrique Fontes, ou seja o sr. almirante Lucas Boiteux.

Calorosa salva de palmas coroou estas palavras.

Pedindo a palavra para agradecer a homenagem prestada, o almirante Lucas Boiteux declara não lhe pertencerem as palmas, porque delas é apenas merecedor o sr. desembargador Henrique Fontes.

Nesta altura, o sr. desembargador Fontes, para que a casa livremente se pronuncie sobre a matéria em discussão, passou democraticamente a presidência ao sr. dr. Osvaldo Cabral.

Este, assumindo a presidência, põe em discussão a matéria.

O sr. Clementino de Brito, afirma que o sr. desembargador Fontes já está eleito, porque o plenário já o aclamou.

O sr. Arnaldo Santiago, propõe que sejam eleitos os srs. desembargador Henrique Fontes e almirante Lucas Boiteux, respectivamente presidente nato e presidente de honra, proposta que foi aprovada delirantemente por toda a assembléia de pé, o que levou o professor Custódio de Campos a afirmar terem os dois “ilustres catarinenses sido eleitos por consagração”.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. Nunes Varela, fazendo um veemente apelo ao seu velho e esclarecido professor, no sentido de aceitar a presidência, que, aliás, já lhe havia sido conferida pela unanimidade do plenário, na certeza de que seria atendido, porque o seu ilustrado mestre jámais se esquivara a servir Santa Catarina e a trabalhar pela cultura da sua terra e pela grandeza do Brasil.

Com a palavra, comovido, o sr. desembargador Henrique Fontes, declara que diante da atitude da casa e do apelo do seu antigo aluno, se rende à honra que lhe vêm de conferir.

Esta resolução é recebida delirantemente por todos os congressistas, de pé, e com prolongada salva de palmas.

O sr. dr. Osvaldo Cabral passou então, a presidência novamente ao sr. desembargador Henrique Fontes, agradecendo este a deliberação da Casa e aproveitando o ensejo para salientar a atuação desenvolvida pelos seus companheiros da Comissão Organizadora, dentre os quais destacou os srs. dr. Osvaldo Cabral, dr. Nunes Varela e major Álvaro Tolentino, que afirmou ter sido um verdadeiro herói no recolhimento das importâncias destinadas ao Congresso.

Retomando a palavra, o sr. dr. Osvaldo Cabral diz que, vencida a primeira batalha, com a eleição do sr. desembargador Henrique Fontes, cabia agora ressaltar a presença dos altos valores intelectuais brasileiros, de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Sendo-lhe grato — diz — poder distinguir todos os ilustres visitantes com um lugar na mesa, e tornando-se impossível aquinhoar todos com essa merecida distinção, propunha os nomes dos srs. drs. Hélio Viana,



Da esquerda para a direita: Dr. Dante de Laytano, 2º Vice-presidente do Congresso; Dr. Hélio Vianna, 1º Vice-presidente; Des. Henrique Fontes, Presidente; Dr. Manuel de Paiva Boléo, 3º Vice-presidente, e Dr. Oswaldo Cabral, 1º Vice-presidente da Comissão Organizadora

Dante de Laytano e Manuel de Paiva Boléo para primeiro, segundo e terceiro vice-presidentes, respectivamente, o que foi também aprovado com vibrante entusiasmo.

O sr. Arnaldo Santiago, seguidamente, indica o nome do sr. Carlos da Costa Pereira para Secretário Geral, o que também foi aprovado.

Pedindo a palavra, o sr. Carlos da Costa Pereira declarou renunciar à honra que lhe era conferida, indicando o nome do ilustre representante do Paraná, sr. dr. Oswaldo Piloto para substituí-lo. Nova discussão se generaliza, em que tomam parte vários congressistas, entre os quais o sr. dr. Oswaldo Piloto.

A sessão terminou com a eleição dos srs. dr. Oswaldo Piloto para Secretário Geral; Professores Luiz Bezerra da Trindade e Rubens Ulysséa para primeiro e segundo secretários; e jornalista dr. Ciro Mendes para relator geral.

Em seguida à posse da Mesa, propôs o Presidente, e a casa aprovou, uma homenagem à memória de José Boiteux, que consistiu em ficarem os Congressistas de pé, durante um minuto, a lembrar-se do muito que pela cultura de Santa Catarina fizera aquele seu ilustre filho.

No recinto da sessão — o salão de honra da Faculdade de Direito, além do retrato a óleo de José Boiteux, que o decora, havia o seu busto de bronze, pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico.

Foi o seguinte o discurso pronunciado pelo sr. desembargador Henrique Fontes:

"Meus Senhores,

Mercê de Deus, chega a Comissão Organizadora das Comemora-

ções do Segundo Centenário da Colonização Açoriana e Executiva do Primeiro Congresso de História Catarinense ao termo do principal dos seus trabalhos.

Não vale a pena miudear canseiras nem preocupações. Vale, sim, proclamar as animações e auxílios, que nunca lhe faltaram e que agora culminam com a presença de tão ilustres Congressistas, uns por si e outros com honrosas representações. Animações e auxílios recebeu-os a Comissão da Assembléia Legislativa Estadual, que, de pronto e espontaneamente, aderiu às Comemorações, mal foram anunciadas; recebeu-os da Prefeitura Municipal de Florianópolis, que lhe facultou meios para iniciar os trabalhos e que ainda os facultará para a ereção do monumento comemorativo; recebeu-os do Governo do Estado, que lhe deu o subsídio de cem mil cruzeiros, com que serão custeadas as despesas de realização do Congresso; recebeu-o igualmente da União, que, por proposta da bancada catarinense na Câmara e ali defendida pelo Deputado Tomás Fontes e votada no Senado, no regime de urgência, a requerimento do Senador Lúcio Corrêa, já foi sancionada pelo excelentíssimo Senhor Presidente Eurico Gaspar Dutra, com a subvenção de duzentos mil cruzeiros que será reservada para a publicação dos nossos Anais. Recebeu também a Comissão inteiro ânimo do excelentíssimo Senhor Doutor Nerêu Ramos, Vice-presidente da República, e ele está patente na vinda do Sr. Professor Dr. Manuel de Paiva Boléo, da Universidade de Coimbra, o mais velho centro da cultura lusitana. Nem são de esquecer, mas de salientar como elementos essenciais e sine

qua non, os trabalhos apresentados por doutos Congressistas e que se elevam a mais de sessenta.

Pode, pois, a Comissão considerar-se vitoriosa e pode, ufana, entregar a direção dos trabalhos do Congresso à sua Mesa definitiva, que, democraticamente e por voto direto, vai ser eleita.

E, se lícito me fôr apresentar um pedido, eu aqui o formulo: é que para ela não me elejam, porque já me sinto fatigado e também porque, por moléstia, não poderei ter nos seus intensivos trabalhos a participação que eles exigem.

É favor que veementemente imploro, ao declarar aberta esta sessão preparatória e ao pedir a Deus que ilumine todos os atos do Primeiro Congresso de História Catarinense, para que eles sejam úteis ao Brasil e à cultura luso-brasileira".

DIA 5 DE OUTUBRO, QUARTA-FEIRA

Reunião dos Comissões

Às 9 horas, no salão nobre e em várias salas da Faculdade de Direito de Santa Catarina, reuniram-se as Comissões para eleição dos Presidentes e Secretários e distribuição dos trabalhos.

Assinaram o livro de presença os seguintes Congressistas: Henrique Fontes, Luís Trindade, Oswaldo Pilotto, Ruben Ulysséa, Isaar Camargo, Andreino Costa, Fernando Corrêa de Azevedo, Nilson Borges, Wilmar Dias, Custódio Campos, Teobaldo Jamundá, Dante de Laytano, Jorge Felizardo, Victor Fontes, Oswaldo Cabral, Olga Barbosa, Ildefonso Juvenal, Jorge Kaszás, José Cordeiro, Carlos Pereira, Lupércio Lo-

pes, Guilherme Butler, Demerval Cordeiro, Trajano de Sousa, Hélio Vianna, Arnaldo S. Thiago, Walter Piazza, Francisco Machado de Sousa, Lucas Boiteux, João Bonnassis, João Kuehne, Walter Spalding, Alves Pedrosa, Nunes Varela, Antônio Lisboa, Ciro Mendes, Luís de Castro Faria, João Rosa Júnior, Álvaro Tolentino, Oscar Krieger, José Boiteux Piazza, Ayres Gevaerd, Paiva Boléo, Alcides Abreu, Jorge Lacerda, Cardoso da Veiga, Abelardo Arantes, Bueno de Azevedo Filho, Roberto Lacerda, Luís d'Amaral, Zedar Silva, Paulo Fontes, Alvino Braun, Jorge Fontes, Teresinha Fontes e Henny Mary da Silva.

As Comissões ficaram assim constituídas:

1ª. Comissão — História Geral Catarinense: Lucas Boiteux, Presidente; Alfredo Zimmer, Secretário; Hélio Vianna, José Boiteux Piazza, Ayres Gevaerd e Oscar Krieger.

2ª. Comissão — História Demográfica e Política: Arnaldo S. Thiago, Presidente; Andreino Costa, Primeiro Secretário; João Areão, Segundo Secretário; José Ferreira Bastos, Luís de Castro Faria, Alves Pedrosa, João Bonnassis, Demerval Cordeiro, João Kuehne, Antônio Fleury Barbosa e Ríld Silva.

3ª. Comissão — Colonização Insulana: Olyntho Sanmartin, Presidente; Walter Spalding, Primeiro Secretário; Oswaldo Cabral, Segundo Secretário; Dante de Laytano e Antônio Lisboa.

4ª. Comissão — História Econômica: Carlos Gomes de Oliveira, Presidente; Teobaldo Jamundá, Secretário; Victor Fontes, Roberto Lacerda, Alcides Abreu, Abelardo Arantes, Walter Piazza e Aroldo Carvalho.

5ª. Comissão — História Social e Cultural: Jorge Lacerda, Presidente; Paulo Fontes, Primeiro Secretário; João Rosa Júnior, Segundo Secretário; Ciro Mendes, João Alfredo Rohr, Trajano de Sousa, Martinho Callado, Roberto Lacerda, Ricarte de Freitas, Teobaldo Jamundá, Isaar Camargo e Acácio S. Thiago.

6ª. Comissão — Linguagem e Folclore: Luís de Castro Faria, Presidente; João Areão, Primeiro Secretário; Oswaldo Ferreira de Melo, Segundo Secretário; Manuel de Paiva Boléo, Custódio Campos, Francisco Machado de Sousa, Dante de Laytano, Guilherme Butler, Fernando Corrêa de Azevedo, Isaar Camargo, Oscar Martins Gomes, Jorge Kaszás, Heitor Stockler de França e Norberto Bachmann.

7ª. Comissão — Geografia Histórica e Cartografia: Guilherme Butler, Presidente; Wilmar Dias, Primeiro Secretário; Felix Schmiegelow, Segundo Secretário; Alvino Braun, Victor Peluso, Bueno de Azevedo Filho, Oswaldo Pilotto, Walter Spalding e Norberto Bachmann.

8ª. Comissão — História Local: Lupércio Lopes, Presidente; Walter Piazza, Secretário; Nunes Varela, Teobaldo Jamundá, Vitor Lima, Ruben Ulysséa, Blaise Faraço, Carlos Pereira e Acácio S. Thiago.

9ª. Comissão — Genealogia: Bueno de Azevedo Filho, Presidente; Antônio Taulois de Mesquita, Se-



A Rainha dos Estudantes, Srta. Maria Helena Ramos, colocando flores na herma de José Boiteux

cretário; Jorge Felizardo e Oswaldo Cabral.

10ª. Comissão — Bio-bibliografia: Heitor Stockler de França, Presidente; Oswaldo Bulcão Viana, Primeiro Secretário; Ildefonso Juvenal, Segundo Secretário; José Cordeiro, Antenor Moraes, Lydio Martinho Callado, Hamilton Ferreira, Braz Alves, José Antônio S. Thiago, Ney de Aragão Paz, Otávio da Costa Pereira, Zedar Silva, Nilson Borges e José Murilo da Costa Serra.

Homenagem a José Boiteux

Às 11 horas, os Congressistas, que se achavam reunidos na Faculdade de Direito para a organização das Comissões, dirigiram-se ao Largo do Fagundes, onde junto à herma de José Boiteux, ia ser prestada pelo Congresso uma homenagem à memória desse esforçado catarinense, que, entre outros grandes méritos, tivera o de ser o idealizador dos Congressos Brasileiros de Geografia.

Da solenidade deu a FOLHA ACADÊMICA, órgão dos alunos da Faculdade de Direito, a seguinte notícia:

"Como noticiamos, realizou-se de 4 a 12 de outubro, nesta capital, o 1º Congresso de História Catarinense, comemorativo do 2º Centenário da Colonização Açoriana em Santa Catarina, ao qual compareceram figuras as mais representativas da cultura catarinense, brasileira e portuguesa.

Foram dias brilhantes esses que

o Congresso proporcionou à gente catarinense, realizando em a nossa Capital magníficas sessões culturais e radiantes solenidades, das quais destacamos a que foi prestada, meritariamente, à memória do grande e inesquecível José Boiteux — o instituidor do ensino superior em Santa Catarina.

Quis o Congresso homenageá-lo por ter sido ele o fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e idealizador dos Congressos Brasileiros de Geografia, delegando a honra da homenagem aos acadêmicos da Faculdade de Direito de Santa Catarina — instituto esse fundado por aquele grande amigo da juventude estudiosa de Santa Catarina.

Assim, a homenagem caracterizou-se pelo relêvo que lhe deu o Centro Acadêmico "XI de Fevereiro", emprestando-lhe galas festivas.

Conforme programa do Congresso, no dia 5 de outubro p. findo, com início às 11 horas, no Jardim do Largo Fagundes teve lugar a homenagem com a presença de altas autoridades, congressistas, estudantes, professores e numerosas outras pessoas.

Iniciando a solenidade a gentil senhorinha Maria Helena Ramos, M. D. Rainha dos Estudantes de Florianópolis, depositou ao sopé da herma de José Boiteux belíssima "corbeille" de flores naturais, como estampa o clichê supra.

A seguir, representando o Cen-

tro Acadêmico "XI de Fevereiro", discursou o seu orador oficial, acadêmico Alcides Abreu, pronunciando a seguinte oração:

"Duas centúrias se passaram desde que no arreból de um dia fagueiro aqui aportaram, na ilha ensolarada e primaveril, habitantes de outras ilhas, verdes com esta e como Jurerê-mirim convidativas e amigas.

De lá, daquele período hoje distante no tempo, nos chegam por esforço de pesquisadores e pela energia dos compulsadores de arquivos e canastras, de tombos e registo, toda uma história, todo um passado repleto de paisagens sonoras, fulgurantes na magia das suas cores e indeléveis na vitalidade da sua composição.

Os que assim se esmeram e reconstituem, os que pesquisam e reagrupam, os que recuperam e refazem, os que ajuntam fatos e recompõem feitos, sabem do rumo que os move e das razões que os empolgam. Sabem-no e demonstram o amor quase supremo que dedicam ao passado, de onde arrancam, à custa de perseverança e carinho, as expressões e o significado da nossa atual paisagem social e humana.

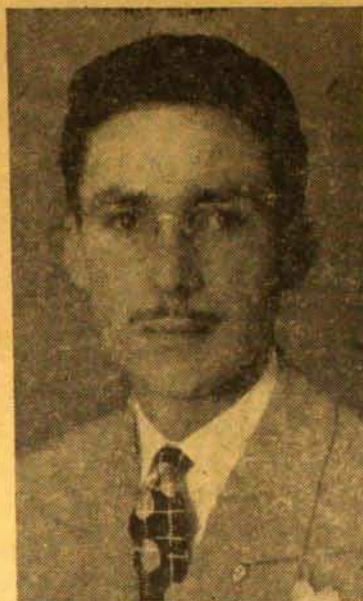
Sabem-no e perfilham, com energia desdobrada, rotas sempre vencidas, no exclusivo intuito de reavivarem no cidadão de hoje o homem de atrás dois séculos. Méritos maiores não querem estes intemoratos bandeirantes dos nossos fastos que contribuir para o conhecimento e o alicercamento de uma tradição rica em variedade, plena de vicissitudes e de conquistas e, que, por isto, como patrimônio comum que é, a todos deve pertencer.

Da experiência e dos ensinamentos, da verdade ou da mentira, da fortaleza ou da covardia, da bravura, da intrepidez e da honra das gerações passadas vivem e se desenvolvem as presentes conformações sociais. Na mesma extensão com que aquelas foram nobres e justas, estas, por atavismo incoercível e por vocação histórica, se caracterizarão pelo espírito de probidade e de inteireza, sem que as assediem ou derribem contumélias e doestos.

Quis a suprema direção do I Congresso de História Catarinense homenagear, como parte do seu programa de festividade, a figura

de um catarinense dos mais ilustres, José Boiteux, símbolo da trabalhosa geração a que pertenceu e exemplo edificante daqueles que hoje tentam vencer as mesmas trilhas apenas rompidas pela capacidade tentacular e absorvente da sua inteligência.

Das origens remotas de todo homem, das marcas iniciais do apeli-



Acadêmico Alcides Abreu

do nos registros fiscais à plenitude do seu desenvolvimento, erram os mais diversos sucessos, vagueiam as recordações mais opacas e transitam as mais fugidias reminiscências.

Conquistada, depois de ingente luta, a sobrevivência no conjunto da História, derrama-se a sua capacidade com o poderio e a fascinação do aço incandescente sobre as vibrações espirituais dos que lhe servem a trajetória anteriormente delineada, até nelas integrar-se por completo e neles habitar com o mesmo objetivo acendradamente patriótico.

O homem, o cidadão, o brasileiro que estamos cultuando, é a resposta viva aos que negam direito e razões ao culto do passado, à veneração de quanto nele se construiu e objetivou para a grandeza política, social e econômica do estágio que cursamos.

Queiram ou não os pregoeiros de modernas concepções filosóficas e doutrinárias, as leis naturais

da evolução são um marco decisivo e o veículo único por onde se chegará ao supremo ideal dos homens e à satisfação plena dos seus desejos e anseios. E, evolução aqui significa tradição que avança, que cresce e anda com o mundo, que se desenvolve e desembaraça conforme aumentam as descobertas e corre a ciência. É o passado dirigindo e orientando as cousas do futuro, presidindo-lhes o surgimento, o crescimento e a maturidade. É a intervenção impercebida ou tangível dos anos remontando as éras que sempre ali está a influenciar, a conduzir e a determinar.

José Artur Boiteux aqui perpetuado no bronze pela amizade e gratidão dos acadêmicos de Santa Catarina, o foi por conter na sua personalidade e essência, a legítima fagulha e o amor imoderado, mais eminentemente e soberanamente razoável e sadio, às coisas do nosso passado, que são as mesmas do presente em que vivemos e que hão de ser identicamente, o baluarte dos dias que estão por vir.

Nenhuma figura das terras incultas dos carijós e nenhum ascendente ou descendente dos que habitaram aquele território ou viveram na aprazível Jurerê-mirim se identifica melhor com o pensamento dos catarinenses que inda hoje aqui se demoram, quanto José Boiteux, paladino da unidade e da grandeza nacionais, cultor da memória dos vultos ilustres de cidadãos renomados.

Ninguém como ele amou as letras e a arte, a religião e a cultura, nos homens que as personificaram e delas se fizeram expressões da mais alta valia no cenário estadual, brasileiro e continental.

Não parava aí, no público reconhecimento dos méritos de quem os possuía, a paixão que José Boiteux inflamou dentro de si, a prol do crescimento e da expansão da sua terra.

Enamorado de Santa Catarina, o era também do Brasil. Não lhe bastava querer bem àquela sem que a este fizesse acompanhar quinhão igual de afeição. E, entendendo que ao brasileiro compreendia antes que tudo conhecer bem a sua Pátria, não mediu esforços para conseguir a realização de Congressos de Geografia que haviam de mostrar, no norte tropical e no sul de amenos e suaves climas, toda a exuberância e toda a inominável riqueza e extensão do território comum.

Na sua trajetória de meteoro deixou conosco a luz que vivifica, que conforta, que recupera e acena a novas empreitadas. Infatigável e ativo presidiu ou presenciou a quantas atitudes se tomaram que convergissem a preitos e a instituições que representassem progresso intelectual, artístico, moral, social e cultural.

Das magníficas atuações desta figura inconfundível de beletrista e patriota, para lhe valerem uma consagração definitiva e absoluta, bastaria mencionar duas escolas que o tiveram como fundador: o Instituto Politécnico e a Faculdade de Direito de Santa Catarina.

Aquêle, hoje desaparecido, foi a primeira manifestação do ensino superior em Santa Catarina. Esta última, a Faculdade de Direito,



Um grupo de Congressistas junto à herma de José Boiteux

fruto da operosidade do mestre amante e do gênio insatisfeito, já é um cenáculo onde pontificam as mentalidades de maior expressão no âmbito da ciência jurídica. E dela já saíram escritores e magistrados, advogados, poetas e reputados, ao mesmo tempo que aumenta e cresce o seu prestígio como Templo de Justiça e de trabalho.

Centro maior da cultura catarinense, a Faculdade de Direito que José Boiteux idealizou e que outros, com ele, fizeram progredir, se apresenta na atualidade como a mais significativa e importante obra do batalhador incansável.

Neste instante, por distinção da Comissão Organizadora do I Congresso de História Catarinense, cujo presidente, o doutor Henrique da Silva Fontes, é um outro emérito propugnador do nosso levantamento cultural, e pelo CENTRO ACADÊMICO XI DE FEVEREIRO, da CASA de JOSÉ BOITEUX, eu presto à memória deste inesquecível amigo da mocidade, em nome dos homenageantes por quem falo e dos acadêmicos de direito que represento, a manifestação do nosso agradecimento e a expressão mais real e mais sincera do apreço que lhe dedicamos os que somos e foram fruto da sua consciência marcanamente catarinense e soberanamente brasileira".

Em seguida, representando a Sociedade Brasileira de Geografia, produziu belo e eloquente improviso o ilustre intelectual catarinense Prof. Arnaldo Santiago.

Por último, falando em nome da família Boiteux, discursou de improviso, agradecendo a homenagem, o sr. Walter Piazza Boiteux, Vereador do município de Nova Trento.

Assim, em justa e oportuna lembrança dos promotores do I Congresso de História Catarinense, foi cultuada a memória daquele que, muito amando a terra barriga-verde, lutou pelo seu engrandecimento cultural, idealizando obras grandiosas como hoje é a Faculdade de Direito de Santa Catarina — pedra basilar da Universidade de Santa Catarina!"

Do discurso do sr. professor Arnaldo S. Thiago fez A GAZETA a seguinte súpula:

"Em nome da Sociedade Brasileira de Geografia falou o congressista Arnaldo S. Thiago, cuja oração definiu a brilhante cultura do ilustre intelectual catarinense.

De início declarou o orador que só agora compreendia a razão por que, sendo ele o último dos associados daquela antiga e prestigiosa associação cultural, tinha sido o escolhido pelo sr. Ministro Fonseca Hermes, presidente em exercício da Sociedade Brasileira de Geografia, para representá-la neste Congresso a que comparecem homens notáveis, como o Almirante Lucas Boiteux, sócio também, e dos mais prestigiosos, daquela antiga Sociedade: é que se previra a realização de homenagens, como a que se estava realizando, à memória do nosso grande conterrâneo dr. José Artur Boiteux, a quem Santa Catarina deve tantas e tão belas iniciativas no campo da cultura e do progresso desta querida gleba do nosso grande Brasil — e certamente haveria de



O Sr. Professor Arnaldo S. Thiago discursando junto à hóstia de José Boiteux

ser difícil ao seu preclaro irmão, ali presente, prestar-lhe as homenagens a que o ilustre varão tem incontestável direito. Efetivamente, continuou o orador, José Boiteux realizou, pela pujança do seu ideal e da impertérrita atuação social a que se consagrava sem esmorecimentos, uma obra de tal vulto, que lhe não puderam alcançar os delineamentos muitos contemporâneos do ínclito catarinense desaparecido. Daí os doestos, as perfídias, os ataques sofridos em vida pelo grande homenageado de hoje; esse é o tributo sempre pago pelos verdadeiros idealistas, os que têm alguma coisa a realizar entre os homens. Mas estavam agora bem vívidos os frutos daquele notável idealismo do nosso ilustre conterrâneo e nós podíamos ver agora toda essa plêiade de moços de talento que têm podido elevar bem alto, pela cultura, o nome de sua terra, graças aos sábios esforços do dr. José Boiteux em todos os setores do desbravamento da inteligência. Glória, pois, ao grande concidadão, a cuja memória vinha prestar também uma pálida homenagem, em nome da Sociedade Brasileira de Geografia. E, perorando, com vivo entusiasmo e calor de absoluta sinceridade, o orador terminou o seu eloquente improviso entre unânimes aplausos da numerosa assistência".

A SESSÃO INAUGURAL

Da imponente abertura oficial dos trabalhos do Congresso deu A GAZETA a notícia que segue:

A sessão solene de inauguração dos trabalhos do I Congresso de História Catarinense, representou um acontecimento de alta cultura e distinção, levando ao Teatro "Álvaro de Carvalho", além dos Congressistas todo o nosso mundo intelectual.

Não só o palco da velha casa de espetáculos, onde foi colocada a mesa dos trabalhos, como esta, achavam-se ornamentadas com muita elegância e bom gosto, dando ao ambiente um aspecto alegre e agradável.

As 20 horas, o sr. dr. José Boabaid, governador interino do Estado, dava entrada no recinto, seguido do mundo oficial.

Na mesa tomaram parte, além de sua esposa, como presidente, os srs. Cônego Frederico Hobold, representante do sr. Arcebispo Metropolitano, desembargador Urbano Müller Sales, presidente do Tribunal de Justiça; almirante Antônio Barata, comandante do 5º Distrito Naval; coronel Paulo Weber Vieira da Rosa, comandante do 14º B. C.; dr. Jorge Lacerda, representante do sr. Ministro da Justiça; desembargador Henrique Fontes, presidente do Congresso; dr. Osvaldo Piloto, secretário geral; desembargador Ferreira Bastos, representando o presidente do Tribunal Eleitoral; Manoel Ferreira de Melo, representando o prefeito da capital; dr. Othon Gama d'Eça, orador oficial da sessão e dr. Walter Spalding, orador dos congressistas.

Aberta a sessão aos acordes do Hino Nacional, com todos os presentes de pé, tomou a palavra o sr. governador dr. José Boabaid que pronunciou o seguinte discurso:

"Senhores Congressistas!

Estais na bela e ardente ilha de Santa Catarina, para solenizar a inauguração do I Congresso de História Catarinense.

Iniciativa meritória pelos seus



O Sr. Governador José Boabaid discursando para inaugurar o Congresso

objetivos, assinala aqui, para todos os tempos, a data histórica mais expressiva dos sentimentos da população catarinense.

A repercussão nacional do Congresso é eloquente pelo intenso entusiasmo despertado nos meios culturais do país e de Portugal.

Florianópolis orgulha-se em



A Mesa que presidiu à solene sessão inaugural e parte da assistência

hospedar homens ilustres, eminentes valores intelectuais, professores de Universidades, como também representantes de altas autoridades do país.

O louvável empreendimento oferece oportunidade para uma compreensível união dos homens de sensibilidade intelectual e artística, no estudo da magnitude histórica da efeméride e da ilha que encantou os nossos povoadores, proporcionando aos que aspiram conhecer o que há de mais característico e avivado, de mais representativo da civilização fundada pelo colonizador português e desenvolvida pela nova raça que aqui se amalgamou.

O Governo do Estado deu franco apóio ao conclave que ora se realiza, por compreender a sua alta finalidade na História e na Cultura de Santa Catarina.

Senhores!

A data cuja celebração hoje se assinala, sobre ser um dever cívico da geração atual, tem ainda fundamento em profundas obrigações morais nossas, para com os primeiros desbravadores do Brasil, nos séculos XVI e XVII.

É que o bi-centenário da colonização açoriana deve ser marcado, nesta hora, não só cronologicamente, mas sociologicamente também, por isso que o açoriano é o português, é o lusitano dos séculos de quinhentos e seiscentos e que, nos primórdios da nacionalidade, confraternizou conosco na defesa da Pátria; é o cristão catequista que está em Nóbrega e Anchieta; que expulsa os franceses do Rio e limpa de holandeses o nordeste brasileiro.

Os que aqui então chegavam, era para negociar com o índio, ou

para escravizá-lo. O português veio, para fundar uma pátria. O grito do Ipiranga, palavra mágica nos fastos históricos, foi proferida pelos lábios de um príncipe português da casa de Bragança.

O trabalho de catequese foi jesuítico, foi português de lei, e aquele João Fernandes Vieira companheiro de Vidal de Negreiros, era de nascença portuguesa, tal como o Padre Vieira, esplendor de uma literatura, e defensor da formação moral de toda uma época; português tudo que temos de brasileiro e profundo: são os destinos da nossa fé e do nosso idioma, da fé pregada na selva por frei Henrique de Coimbra, e da língua dos jesuitas que adoçaram o gentio, e que "é ainda essa de que Vieira redourou os pulpitos da Baía, e com a qual Rui Barbosa ensinou ao mundo como não ha neutralidade entre o direito e o crime."

Descendo a essas profundezas em que se estendem as raízes da nacionalidade, cativa-nos a pátria dos que nos descobriam e colonizaram, o perfil lavrado das caravelas, do incenso queimado em comum para os mesmos altares e das flores do jardim único e eterno, descerradas de uns e outros lábios, para a expressão da mesma doçura, para o reflexo dos mesmos ideais e sentimentos e toda a grandeza que através dos séculos projeta a visão do promontório de Sagres.

O bi-centenário da colonização açoriana reflete, parece-me, a reivindicação histórica das chamadas "colônias estrangeiras", no Brasil. Bem entendidas, tais colônias jamais seriam "quistos raciais", e sim elementos de colaboração; ja-

mais seriam "pedras indigeríveis" no estômago da nacionalidade. Seriam homogeneizadas, o progresso, a riqueza, a cultura, a família brasileira, em suma, florescente em terras da América, com o brilho de uma nova civilização e o calor de um novo sangue, em pacífica transfusão de benéficos efeitos para a economia e a saúde do tipo racial, a desenhar-se, ainda, no imenso corpo do Brasil.

O Governo do Estado bate, pois, palmas entusiásticas às festas dos duzentos anos da vida portuguesa em Santa Catarina.

Como governante e como catarinense, eu me associo, de pleno coração, ao bi-centenário da colonização lusitana em nossa gloriosa terra e declaro inaugurados os trabalhos do Iº Congresso de História Catarinense".

Recebendo, ao terminar, vibrante salva de palmas, seguiu-se-lhe no uso da palavra o sr. dr. Othon da Gama d'Eça.

A ORAÇÃO DO DR. OTHON D'EÇA

O Sr. Dr. Gama d'Eça saudou os Congressistas, em nome da Comissão Organizadora, proferindo o seguinte formoso discurso:

— "Senhores Congressistas! — Palavras de saudação, de desvanecimento e de orgulho são estas que vos dirijo neste momento, quando nos reunimos para comemorar, em torno do altar dos antepassados, uma data que, para nós catarinenses, tem o sabor amorável de uma festa familiar.

Homens de coração e de espírito, bem compreendeis os motivos sentimentais das nossas festividades, destas alegrias cantantes e coloridas como as paisagens ilhóas nos cercam.

Não estamos a exaltar o impeto avassalador de uma conquista, nem as maravilhas de uma civilização.

tentacular, feita dos ruidos trepidantes das máquinas e das angústias profundas das massas.

Não trazemos, aos florões das nossas oferendas, desbravadores barbudos e cruéis, de sapatos de couro crú, avassalando montes e florestas, no estímulo e na cunha das pedras verdes que reluzem.

Mostramos apenas aos olhos de uma era, desvairada pela ambição e pelo dinheiro, uns homens destemidos e bravos em cujos corações simples e bons, a esperança e o sonho haviam criado novos ritmos de ternura e de fé.

O que importa, para nós, é a virtude indomável do povoador, do ilhéu magnífico que soube vencer a vaga incerta, os desvairamentos das calmarias e da sede, os máus preságios das velhas superstições marítimas para criar, na terra escolhida, esses núcleos humanos que ainda hoje mantêm, por um milagre da tradição e da língua, o espírito da pátria ancestral, a ternura, o fatalismo e o amor da gente portuguesa.

Estas comemorações assemelham-se, assim, como nas géstas normandas, ao culto do heroísmo, à comunhão entre o Presente e o Passado, à homenagem de um século que está sofrendo o mal de amargas concepções, quasi submergido em filosofias sem beleza — ao século em que a bravura, o sonho, o sacrifício, a abnegação valiam mais do que um prato de lentilhas.

Exaltemos, como num templo, os açorianos que nos deram o seu espírito e o seu sangue, e que souberam manter, sob o céu da América, neste recanto amorável do Brasil, a doçura e o encanto da Raça, o valor da estirpe ilhoa — honra e flôr de Portugal.

Eles aqui aportaram, num dia triste de fevereiro, em 1748, após os tormentos de uma travessia incerta de perigos, de incertezas e desolações.

Depois, ainda combalidos e imprecisos como sombras, semeados pela ilha e pelo continente, iniciaram o rude trabalho dos pioneiros e dos desbravadores, começando a escrever, como cronistas obscuros e anônimos, um novo capítulo na história militar do Brasil.

É que o castelhano, vindo também da península e do ciclo das vélas, ainda com a cabeça ardendo às incitações de um tratado que nos confinara nos limites de um meridiano, ameaça-nos pelo mar; no sul, nos pampas riograndenses, Castela também desfralda a bandeira do seu imperialismo agressivo e quixotêsco.

O Regimento de Linha de Santa Catarina, que os meus avós comandaram, tinha claros nas suas fileiras.

Pelas quebradas os tambores ruavam e os bandos passavam inflexíveis e inevitáveis.

E os recrutamentos começaram.

Durante várias décadas as povoações da ilha e do continente levaram ao Barriga-Verde heróico, o melhor dos seus braços, a flôr dos seus homens, os jovens mal entrados na virilidade.

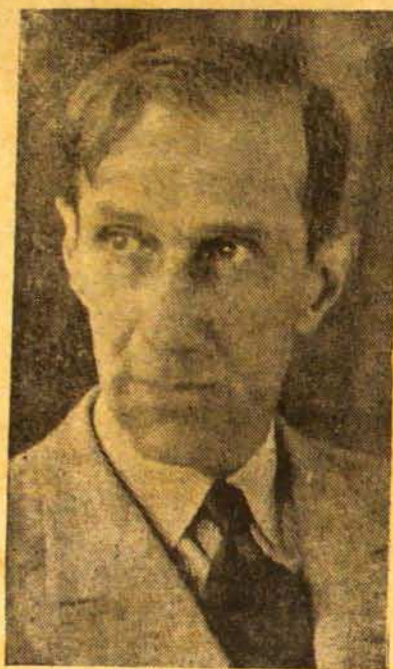
Vinte e cinco anos de campanhas no sul, naquelas guerras em que a nacionalidade brasileira se afirmava e o ímpeto da Pátria nascente chegava até às margens do Rio da Prata.

Ficaram na terra, amanhando a glêba, os velhos e as mulheres, aqueles a quem a Pátria nova não reclamara ainda o sangue e a vida.

E ficaram sós, porque nunca mais aqui aportaram novos povoadores, novos pioneiros para continuarem a obra iniciada, para dilataram a conquista pacífica da terra e erguer cidades pelos chapadões.

Mas nem por isso eles merecem menos o nosso carinho, a nossa veneração, o nosso orgulho.

A grandeza dos povos não está somente na riqueza que eles acumularam mas, também, nos elementos morais que lhes serviram de estímulos e aqueceram os seus entusiasmos.



Dr. Othon da Gama Lobo d'Eça

A História não é uma sebe ríspida e seca em que se enroscam fatos, números e estatísticas; uma arêna tumultuosa em que se debatem homens e egoísmos. Não é, também, uma sucessão de lutas econômicas, um embate de classes, um negro e incessante tumultuar de espadas tintas de sangue e de punhos sujos de lama.

A História da humanidade é, ainda, a obra dos seus heróis, dos seus santos, dos seus poetas e dos seus artesãos. O economismo materialista não explica a fraternidade dos simples, a coragem dos mártires, o ímpeto dos heróis. A matéria é pó que o vento leva, revolve e dispersa. Só as vibrações que o espírito comunica à natureza humana serão capazes de manter, na terra ingrata e fendida pelas vilanias dos iconoclastas, aquela doçura amena e aquele contentamento consolador que anima, que diviniza e que perdôa.

Senhores Congressistas! Bemvindos sejais a esta terra e a esta gente — a esta terra dadivosa e agasalhadora que o povoador açoriano santificou com o seu sacrifício e a sua esperança e que hoje se engrinalda para festejá-lo e expressar ao Brasil e ao Mundo, o orgulho da sua ascendência.

Nós nos sentimos desvanecidos com a vossa presença, a vossa colaboração e o calor fraternal dos vossos aplausos. Como estais vendo, a semente de bondade e de fé cristã do pioneiro açoriano frutificou bem e já agora árvore fron-

dosa, abre os seus galhos viridentes aos cansaços dos homens e ao amor dos passaros.

Nós vos agradecemos e confessamos, neste instante de júbilo em que figura uma das mais legítimas expressões da cultura portuguesa — o professor Boléo — que nos sentimos regamente compensados de tôdas as fadigas e de tôdas as incompreensões, porque soubemos cumprir o nosso dever, exaltando a memória dos povoadores açorianos.

Servindo ao Brasil de hoje, dando-lhe os seus músculos e a sua alma, o seu sangue e a sua vida, nada mais fazem os catarinenses do que seguir os exemplos dos seus maiores, os estímulos dos seus heróis, de todos aqueles que honraram a terra do berço, engrandecendo a terra da Pátria.

A ORAÇÃO DO PROFESSOR WALTER SPALDING

O Sr. Professor Walter Spalding, em nome dos congressistas, pronunciou o seguinte substancioso discurso:

"Exmo. Snr. Dr. Governador do Estado de Santa Catarina; Exmo. e Revmo. Snr. Representante do Snr. Arcebispo Metropolitano; Exmos. Snrs. Presidentes de Honra e Presidente da Mesa; Exmos. srs. Congressistas; Exmas. Senhores; Meus Senhores.

Distiguído com honroso convite para esta reunião de inteligência e cultura e, ainda, com a representação, nela, do meu município gaúcho, cruzei os ares do Rio Grande e do sul de Santa Catarina, com um só fito: aprender.

Mas a bondade excessiva dos meus ilustres pares nesta augusta assembléia que é o 1º Congresso de História Catarinense, comissão ainda mais honrosa me conferiu: a de orador de todos eles nesta memorável noite de 5 de outubro.

Assim, eu que quisera ser aqui, apenas "em ouvir, o primeiro, — em falar, o derradeiro", como dizem os picarotos dos Açores, arvorado em orador que nunca fui, não sou e nem serei, vejo-me na dura contingência de fazer algo do meu nada, para dar-vos um pouco do muito que talvez, esperais.

Senhores: Disse Alexandre de Gusmão, o insigne santista, que "a história é seminário de heróis". E sendo ela, como o quer Cícero, e na realidade o é, "a mestra da vida", os congressos de história são, simplesmente, reunião de heróis porque, não ha dúvida, é preciso ser herói para percorrer arquivos, estudar alfarrábios, palimpsestos e incunábulo, examinar, confrontar, concluir e depois, ver todo seu esforço, todo esse trabalho imenso, jogado a um canto e, no geral, — porque há honrosas exceções, — considerado obra de louco, tempo perdido, dinheiro pôsto fóra, justamente por quem, de toda-

Os trabalhos aprovados pelo Primeiro Congresso de História Catarinense

O Congresso de História Catarinense estudou noventa e cinco trabalhos, dos quais foram aprovados, para terem inserção nos Anais, os oitenta e cinco constantes da relação abaixo exarada, sujeitos alguns, entretanto, a modificações indicadas nos pareceres que os apreciaram. Dois desenvolvidos trabalhos sobre Botânica, que foram presentes ao certame, por não poderem ser enquadrados nos temas para ele adotados, serão, com encômios, recomendados a instituições daquela especialidade.

De acôrdo com os poderes dados à Comissão dos Anais, também nêles poderão ser insertos alguns dos trabalhos que só mereceram louvor, se forem melhorados pelos autores.

Há ainda trabalhos chegados tardiamente, sobre os quais deliberará a Comissão dos Anais.

São os seguintes os trabalhos aprovados:

1ª secção — História Geral Catarinense

1. SANTA CATARINA NO SÉCULO XVI, do Sr. Lucas Alexandre Boiteux.

2. UM PONTO CONTROVERTIDO DE HISTÓRIA (Notas à margem do livro de autoria de Henrique Martínez Paz — "El nacimiento del Obispo Trejo y Sanabria", Córdoba, República Argentina, 1946), do Sr. Carlos da Costa Pereira.

2ª. secção — História Demográfica e Política

3. ALGUMAS ACHEGAS, do Sr. Lucas Alexandre Boiteux.

4. NOSSA SENHORA DO DES-

TÉRRO — OS JUÍZES DE FORA, do Sr. Oswaldo R. Cabral.

5. A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA EM LAJES EM 1839 E A SUA ADESÃO EM 1889 À REPÚBLICA, do Sr. Otacílio Costa.

6. CONTRIBUIÇÃO PARA A ETNOLOGIA INDÍGENA DO ESTADO DE SANTA CATARINA, do Padre João Alfredo Rohr.

7. AS CONSTITUIÇÕES DO ESTADO — AS CONSTITUINTES ESTADUAIS DE 1891 a 1947, do Sr. Otacílio Costa.

8. APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DE BLUMENAU, do Sr. Paulo Malta Ferraz.

9. CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO ALEMA NO VALE DO ITAJAÍ, do Sr. Max Tavares Amaral.

3ª. secção — Colonização insular

10. CONTRIBUIÇÃO DOS CAISILHÉUS À FIXAÇÃO DO UTI-POSSIDETIS, do Sr. Manuel Diégues Júnior.

11. SÍNTESE HISTÓRICA DO ARQUIPÉLAGO AÇORIANO, do sr. Olyntho Sanmartin.

12. OS AÇORIANOS, do Sr. Oswaldo R. Cabral.

4ª. secção — História Econômica

13. HISTÓRIA ECONÔMICA DO VALE DO ITAJAÍ, do Sr. Theobaldo Costa Jamundá.

14. ASPECTOS ECONÔMICOS DE SANTA CATARINA, do Sr. Carlos Gomes de Oliveira.

15. A CONSTRUÇÃO NAVAL EM SANTA CATARINA, do Sr. Lucas Alexandre Boiteux.

16. A PESCA DA BALEIA — AS ARMAÇÕES — A PESCA, EM GERAL, do Sr. Lucas Alexandre Boiteux.

17. A AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EM SANTA CATARINA — RETROSPECTO HISTÓRICO (1504-1747), do Sr. Lucas Alexandre Boiteux.

18. ROTAS PIONEIRAS DE SANTA CATARINA, do Capitão Osmar Romão da Silva.

5ª. secção — História Social e Cultural

19. HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO RELIGIOSO DE SANTA CATARINA, do Sr. Evaldo Pauli.

20. LAJES E A HISTÓRIA DOS SEUS TEMPLOS — A ERMIDA — A IGREJA — A MATRIZ — A CATEDRAL, do Sr. Otacílio Vieira da Costa.

21. O ENSINO EM SANTA CATARINA, DA COLÔNIA ÀS REGÊNCIAS, do Sr. Lucas Alexandre Boiteux.

22. APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DO EVANGELISMO EM SANTA CATARINA, do Sr. João Teixeira da Rosa Júnior.

23. O PRIMEIRO SÍNODO DA DIOCESE DE FLORIANÓPOLIS, do Sr. Biase A. Faraco.

24. HISTÓRIA DA FILATELIA (SÍNTESE) — O SÉLO NO BRASIL, do Sr. João Steudel Areão.

25. O TIRO DE GUERRA 40 — UMA TRADIÇÃO BARRIGA-VERDE, do Sr. Andreilino Natividade da Costa.

26. HISTÓRIA ECLESIASTICA — OS PRIMEIROS MISSIONÁRIOS — JESUITAS E FRANCISCANOS DO MUNICÍPIO DE LA-

essa trabalhadeira insana dos que labutam na História, na Geografia, nas Ciências em geral, mais deveria agradecer-nos: os dirigentes do povo, aqueles que são diretamente responsáveis pela glória e grandeza da Nação.

Se melhor fôsse estudada a História; se mais meditassem os seus ensinamentos, outros seriam, por certo, os rumos político-sociais de nossa gente, outros os seus meios, outras as suas possibilidades, e não teríamos que ouvir a todo o instante e a cada passo aquele chavor doloroso e triste: a História se repete!

Não, senhores, a História não se repete. São os homens que repetem os erros do passado porque não estudaram a História, porque não a mediam. A História é ciência e é arte. Como a economia, como o direito, como a ciência administrativa em geral, a História e a Geografia são absolutamente necessárias aos administradores, aos responsáveis pelo bem estar e cultura do povo.

Não é, pois, passatempo, distração ou brinquêdo. Não estamos

aqui para isso, mas sim para trabalhar, para cooperar com os homens públicos e, neste momento, com o emérito governo de Santa Catarina, numa obra de tombamento que lhes indicará o rumo para levantamentos sócio-geográficos e estudos sociológicos capazes de destruir a triste frase feita: "a História se repete".

"Sem odios e sem preferências", dispostos a tudo: tudo enfrentaremos para trabalhar, para estudar, para examinar e aclarar, embora com algum egoísmo: o de "não passarmos pela vida em branca nuvem", como disse o poeta, e para que não nos atirem à memória o crime de lesa-pátria, isto é, o do abandono de sua História, inibindo, de certo modo, aos homens públicos que em virtude de suas funções não se podem dedicar à pesquisa dos mananciais necessários, pondo-lhes sob os olhos "a Mestra da Vida".

Senhores: Santa Catarina é reino privilegiado na grande Pátria Brasileira. Não ha atividade humana em que se não tenha ilustrado.

É, por isso, o cadinho, por excelência, das aproximações.

Não é esta a primeira vez que vultos de destaque dos diversos Estados da União, aqui se encontram e se unem pelo abraço barriga-verde na esperança, que será certeza amanhã, do mais amplo conhecimento, mais amplo e mais perfeito, de todos os recantos do Brasil, de norte a sul, de leste a oeste.

Assim, bemdizendo esta terra hospitaleira e boa, os Congressistas aqui reunidos para este certame consagrador da terra e do povo catarinense, saudamos a Vossas Excelências, a quem ficamos e ficaremos unidos por laços mais fortes que os da amizade comum, isto é, pelos laços inderrocáveis do amor ao passado e do amor às tradições, abençoados pela santa, pela divina brasilidade.

E, como os velhos açorianos quando se punham ao mar, digamos neste momento, olhos postos no Cruzeiro do Sul: Que Deus nos guie!"

JES, do Sr. Danilo Tiago de Castro.

27. PRIMÓRDIOS DA INTRODUÇÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO NA TERRA DE CORREIA PINTO, do Sr. Trajano Souza.

28. SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA IGREJA PRESBITERIANA DE FLORIANÓPOLIS, do Sr. Isaar Carlos Camargo.

29. PEQUENA MEMÓRIA HISTÓRICA SOBRE OS FRANCISCANOS EM SANTA CATARINA, do Sr. Elzeário Schmitt.

30. OS AÇORIANOS E A INTEGRIDADE TERRITORIAL DO BRASIL, do Sr. Arthur Cesar Ferreira Reis.

31. UM NÚCLEO DE CULTURA NO PLANALTO CATARINENSE, do Sr. Elzeário Schmitt.

32. SOCIEDADES RECREATIVAS — SOCIEDADES CARNAVALESCAS — BANDAS DE MÚSICAS — GRUPOS DRAMÁTICOS, ETC., do Sr. Lucas Alexandre Boiteux.

33. SANEAMENTO DA ILHA DE SANTA CATARINA, do Sr. Jacintho Mattos.

34. O COLÉGIO CATARINENSE — SUA FUNDAÇÃO E SUA ATIVIDADE, do Padre Alvino Bertholdo Braun.

35. A MÚSICA EM SANTA CATARINA NO SÉCULO XIX, do Sr. Osvaldo R. Cabral.

36. NOTAS PARA A HISTÓRIA DA IMPRENSA, do Sr. José Lupércio Lopes.

6ª. secção — Linguagem e Folclore

37. FALARES CATARINENSES, do Sr. Custódio F. de Campos.

38. COLETÂNEA DE TEMAS MUSICAIS FOLCLÓRICOS CATARINENSES, do Sr. Osvaldo Ferreira de Melo.

39. FALARES CATARINENSES, ETC. — CRENDICES E SUPERSTIÇÕES, do Sr. Lucas Alexandre Boiteux.

40. AÇORES: ALMA E CORAÇÃO DO BRASIL-SUL, do Sr. Walter Spalding.

41. O SENTIMENTO AÇORIANO NA POESIA POPULAR DA ILHA DE SANTA CATARINA, do Sr. Almiro Caldeira.

42. SUPERSTIÇÕES COMUNS AO BRASIL E AOS AÇORES, do Sr. Luís da Silva Ribeiro.

43. FOLCLORE CATARINENSE, do Sr. Álvaro Tolentino de Souza.

44. O ELEMENTO AÇORIANO NO FOLCLORE CATARINENSE: A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, da Sra. Mariza Lira.

7ª. secção — Geografia Histórica e Cartografia

45. COROGRAFIA DA CAPITA-

RIA DE SANTA CATARINA (ATRAVÉS DAS INFORMAÇÕES DADAS EM 1797 PELO GOVERNADOR MIRANDA RIBEIRO), do Sr. Dante de Laytano.

46. TOPONÍMIA TUPÍ GUARANÍ DO ESTADO DE SANTA CATARINA, do Sr. Norberto Bachmann.

47. FLORIANÓPOLIS, do Sr. Wilmar Dias.

48. COSTA DA SERRA, do Sr. Victor A. Peluso Júnior.

49. ESBOÇO GEOGRÁFICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA, do Sr. Victor A. Peluso Júnior.

50. NOTÍCIA HISTÓRICA DOS AÇORES E DA MADEIRA, do Sr. Lucas Alexandre Boiteux.

51. A ILHA DE SANTA CATARINA, do Sr. Jacintho Mattos.

52. FAZENDA DO CEDRO, do Sr. Victor A. Peluso Júnior.

53. SANTA CATARINA COLONIAL, do Sr. Victor A. Peluso Júnior.

54. CORONEL ANTÔNIO JOSÉ DA COSTA, do Sr. Otacílio Costa.

55. SANTA CATARINA — TERRA ONDE NASCEU NOSSA SENHORA, do Sr. Marcos Konder.

56. SISTEMA OROGRÁFICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA, do Sr. Jacintho Mattos.

57. PIÇARRAS, do Major Arlindo Vianna.

8ª. secção — História Local

58. PANORAMA HISTÓRICO DA LAGUNA, do Sr. Ruben Ulyséa.

59. FALECERAM DA VIDA PRESENTE, do Sr. Walter Dachs.

60. SÃO JOSÉ — DO POVOADO À CIDADE, do Sr. Laércio Caldeira de Andrada.

61. O MUNICÍPIO DE NOVA TRENTO, do Sr. Walter Fernando Piazza.

62. CASAS, SOBRADOS E CHÁCARAS, do Sr. Osvaldo R. Cabral.

9ª. secção — Genealogia

63. DESCENDÊNCIA AÇORIANA (GENEALOGIA DAS FAMÍLIAS DE MANOEL PEREIRA TEIXEIRA E DE DOMINGOS DA COSTA COUTO), do Sr. P. J. Pedroso Xavier.

64. OS SILVEIRA DE SOUZA, do Sr. Lucas A. Boiteux.

65. LINHAGENS CATARINENSES NO RIO GRANDE DO SUL, do Sr. Jorge Godofredo Felizardo.

66. GENEALOGIA DOS JACQUES DE ALEMQUER E SEUS ALIADOS, do Sr. Lucas Alexandre Boiteux.

67. CORONEL JOSÉ BONIFA-

CIO CALDEIRA DE ANDRADA, ASCENDÊNCIA E DESCENDÊNCIA, NO BRASIL (1700-1948), do Sr. Laércio Caldeira de Andrada.

68. DESCENDÊNCIA DO CASAL COMENDADOR JOSÉ MARIA DO VALLE E D. TOMÁZIA DA LUZ DO VALLE, NETA DO CASAL AÇORIANO MANOEL RODRIGUES DA LUZ E D. MARIANA VICENCIA DA ENCARNÇÃO, do Sr. Heitor Blum.

69. RAIZES SECULARES DE SANTA CATARINA, do Sr. Osvaldo R. Cabral.

70. GENEALOGIA CATARINENSE, do Sr. Antônio Taulois de Mesquita.

71. LINHAGENS AÇORIANAS NO RIO GRANDE DO SUL, do Sr. Jorge Godofredo Felizardo.

72. TRONCOS AÇORIANOS NO RIO GRANDE DO SUL, dos Srs. Jorge Godofredo Felizardo e João Pinto da Fonseca Guimarães.

73. DUAS LINHAGENS MADEIRENSES NO RIO GRANDE DO SUL, do Sr. Jorge Godofredo Felizardo.

10ª. secção — Bio-bibliografia.

74. ANTÔNIO CAETANO MACHADO, do Sr. Boaventura Lopes Pinto de Arruda.

75. JOSÉ ARTUR BOITEUX, do Sr. Dante Martorano.

76. BIOGRAFIA DO MAJOR MANUEL JOAQUIM DE ALMEIDA COELHO, do Sr. Lucas Alexandre Boiteux.

77. CORONEL FERNANDO MACHADO DE SOUZA, do Sr. Andreilino Natividade da Costa.

78. VULTOS DA HISTÓRIA DA LITERATURA EM SANTA CATARINA — OS IRMÃOS NUNES PIRES, do Sr. Ildefonso Juvenal.

79. O IRMÃO JOAQUIM FRANCISCO DO LIVRAMENTO, do Sr. Henrique da Silva Fontes.

80. MANOEL TIAGO DE CASTRO (APONTAMENTOS PARA UMA BIOGRAFIA), do Sr. Nilson Vieira Borges.

81. UM ALEMÃO ILUSTRE — (CARLOS HENRIQUE HILDEBRAND E SUAS VIAGENS PELOS SERTÕES CATARINENSES), do Sr. José Cordeiro.

82. CORONEL JOÃO DA SILVA RIBEIRO JÚNIOR (DADOS BIOGRÁFICOS), do Sr. Walmor Argemiro Ribeiro Branco.

83. ESBOÇO BIOGRÁFICO DO SARGENTO-MÓR CAMILO MACHADO DE BITTENCOURT, da Sra. Anésia Walter Crespo.

84. HERNANDO TREJO Y SANABRIA, do Sr. Arnaldo S. Thiago.

85. A FISIONOMIA LÍRICA DE LUIZ DELFINO (ESTUDO CRÍTICO-BIOGRÁFICO), do Sr. Ne-reu Corrêa.

COLONIZAÇÃO AÇORIANA

A 5 de outubro, o Sr. Deputado Octacílio Costa, na Câmara Federal, fundamentando um voto de congratulações com o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, proferiu o brilhante discurso que damos em seguida e que foi publicado no Diário do Congresso Nacional de 6 do mesmo mês.

REQUERIMENTO

Requeremos, na forma do Regimento, que o Presidente da Câmara dos Deputados mande inserir na ata dos trabalhos de hoje um voto de regosijo e congratulações com o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, com sede em Florianópolis, pela instalação hoje naquela cidade do Congresso Comemorativo do Bi-Centenário da Colonização Açoriana e 1º Congresso de História Catarinense, que ali se está realizando.

Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1948. — Octacílio Costa. — Rogério Vieira. — Erasto Gaertner. — Aristides Largura. — Negreiros Falcão. — Medeiros Neto. — Osorio Tuyuty. — Arthur Fischer. — João Botelho. — Vivaldo Lima. — Rocha Ribas. — Eunápio de Queiros. — Osvaldo Studart. — Manoel Duarte. — João Mendes. — Nicolau Vergueiro. — Pedro Vergara. — Flores da Cunha. — Freitas Diniz. — Darcy Gross. — Manoel Anunciação. — Mourão Vieira. — Bayard Lima. — Freitas e Castro. — Herophilo Azambuja. — Augusto Viagas. — Jurandyr Pires. — Raul Barbosa. — Altomar Baleeiro. — Coaracy Nunes. — Alarico Pacheco. — Sigfredo Pacheco. — Alencar Araripe. — Vandoni de Barros. — Hans Jordan. — Martiniano de Araujo. — Ponce de Arruda. — Paulo Sarasate. — Manoel Novaes. — José Joffily. — Alfredo Sá.

O SR. OTACILIO COSTA (*Lê o seguinte discurso*) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, há dois anos, exatamente, num 5 de outubro, subi a esta tribuna para dirigir uma saudação ao povo português, pela passagem de mais um aniversário da proclamação daquela República:

Comemorava-se mais um aniversário do desmantelamento de uma das Monarquias mais justamente famosas do Mundo.

Inalterável e permanente, tem sido a admiração, o afeto fraternal e o orgulho com que o Povo Brasileiro sempre viu e sempre vê, o grande, o glorioso, o imortal povo lusitano. Tanto mais, senhores, dizíamos naquele dia, tanto mais se conhece, a história do Mundo, tanto mais aumenta a nossa admiração por Portugal. Dizíamos e repetimos hoje, desde as nebulosidades do seu nascimento, quando ainda mal se distinguiam na Ibéria os contornos do que viria a ser mais tarde, a Lusitânia, que seu povo demonstrou a vocação heróica que depois haveria de assinalá-lo como um dos mais notáveis do mundo. Ao princípio foram as lutas contra os invasores de fora da Península, mais tarde, já Condado Português, os atritos permanentes

com a Galiza. Surge, depois, D. Afonso Henrique e com ele a longa e magnífica fase heróica de Portugal que através dos tempos se prolongou da era dos descobrimentos até menos de meio século, quando solidificou seu Império Colonial. Nos seus oito séculos de vida independente e de grandeza, durante os quais são notáveis os numerosos feitos que se assinalaram indelevelmente na história da humanidade, uma característica se destacou, do povo português, maior que todas as outras: o seu espírito cristão de colonizador. Conquistava para colonizar e colonizava para civilizar. Desvendaram o Mundo e deram na prática, á humanidade, a exata noção do que era a terra. Seus filhos se espalham hoje pelo mundo que seus maiores aumentaram e levam aos outros povos o exemplo de laborio-



Deputado Octacílio Vieira da Costa

sidade, de espírito de iniciativa e de rijeza de caráter da Raça Imortal.

Quando naquele dia pronunciávamos palavras de homenagem ao grande povo imortal da Lusitânia, desta tribuna do Parlamento, no momento não nos acudiu à mente a lembrança de que bem perto estávamos, no meu pequeno e glorioso Estado de Santa Catarina, de um dos maiores dias da sua história de Estado pequeno pela extensão territorial, mas ao mesmo tempo grande pelos homens que o edificaram desde o Império, nas letras, nas artes, nas armas, na política! Neste dia estamos realizando na sua capital, na cidade de Florianópolis, a comemoração do bi-centenário da colonização Açoriana e o 1º Congresso de História Catarinense. A esse certame aderiram elementos intelectuais de grande projeção, historiadores de renome, entidades várias e centros culturais que darão ao grande certame maior realce e brilho. E um acontecimento invulgar no panorama intelectual de Santa Catarina.

É aguardada a vinda ali, do Professor Paiva Boléo, catedrático da Universidade de Coimbra e um dos mais autorizados estudiosos de assuntos sobre brasileirismos

e fatores Açorianos, sendo ainda autor da obra "Filologia e História" e "A Emigração para o Brasil".

Quero ler aqui, Senhores Deputados, a manifestação do Instituto Histórico da Ilha Terceira por seu Presidente Dr. Luiz da Silva Ribeiro que assim se manifestou ao ter conhecimento da realização do Congresso a que nos estamos referindo.

O Instituto Histórico da Ilha Terceira por intermédio do seu presidente, Dr. Luiz da Silva Ribeiro, assim se manifestou ao ter conhecimento da realização deste Congresso: "Exmo. Sr. presidente da Comissão Executiva das Comemorações Centenárias da chegada dos primeiros açorianos — Dr. Henrique da Silva Fontes — Florianópolis.

O Instituto Histórico da Ilha Terceira ao ter conhecimento da comemoração bi-centenária da chegada dos primeiros colonos açorianos ao Rio Grande do Sul e Santa Catarina, não pode ficar indiferente a tão honrosa homenagem e de coração grato e enternecido a ela se associa entusiasticamente.

Há muito julgamos a parte que nos coube no povoamento desse belo e florescente País como uma das nossas mais brilhantes glórias e disso justamente nos orgulhamos. Mas ao desvanecido orgulho vem juntar-se o agradecimento por ver como os brasileiros de hoje celebram o nosso esforço de então.

Se no fundo da atual prosperidade do sul do Brasil está a inicial ação tenaz e decidida dos casais açorianos que consolidaram o domínio português, desbravaram e cultivaram a terra e formaram os primeiros núcleos populacionais, sobre ela eleva-se o árduo, trabalho das gerações que se lhe seguiram, o patriotismo e clarividência do conjunto de altos valores humanos constituído pelos homens da atualidade, obreiros dedicados do engrandecimento do seu País e maior honra não podemos ter do que sabê-los, em maioria, descendentes de açorianos.

A vossa festa é assim também nossa e sentimos imperiosa necessidade de vo-lo dizer.

Aos rio-grandenses e catarinenses, nels dos casais açorianos, como numa grande festa de família, outros netos que na terra de origem ficaram, levam agradecidos a expressão da sua solidariedade e os votos mais ardentes e sinceros de futuras prosperidades".

O diário "O Estado" de Florianópolis assim noticiou o Decreto assinado por El-Rei D. João V.

O decreto assinado por el Rey D. João V, sobre a colonização do sul do Brasil, determinava que fossem transportados para ali ... 4.000 casais, incluindo-se colonos dos Açores e da Madeira. Pelos apontamentos encontrados, sabe-se, devido às informações de João Álvares de Carvalho, corregedor da Comarca das mesmas Ilhas, em carta datada de 17 de setembro de 1747, que foram inscritos para sair dali 2.505 pessoas, a saber: da Ilha de S. Miguel, 141 casais e 78

Pequena contribuição para o conhecimento da Ilha Terceira

Ao Primeiro Congresso de História Catarinense,
comemorativo do 2º centenário da colonização
açoriana.

NORBERTO JORGE

A Ilha Terceira assim se chama por ter sido a terceira a ser descoberta, em 1449, e a sua capitania foi doada ao fidalgo flamengo, Jacome de Bruges, casado com uma dama da infanta, d. Brites, que a colonizou e cultivou. A ilha, de figura oval, tem 30 quilômetros de comprimento, com 18 na sua maior largura. A sua população anda por cerca de 70 mil habitantes. A sua superfície desigual e montanhosa, é dividida por muitas serras e semeada de inumeráveis picos. As montanhas, cobertas de densa vegetação apresentam interessantes fenómenos geológicos. Entre esses merecem especial menção a caldeira de Santa Barbara, com vários lagos; a da Agualva e a do conde da Praia da Vitória, junto ao pico do Galpanario. Pela fertilidade do seu solo, é uma das que criam muito gado.

A leste do Monte Brasil, considerável cone de tufo, entre a ponte de Santo Antonio e o castelo de S. Sebastião, existe profunda angra em forma de ferradura, com um ancoradouro, não muito grande, mas suficiente para acolher mais de 30 vapores de regular tonelagem. Ao fundo dessa angra está situada a cidade, que deriva o seu nome dessa circunstância. A pedido de D. João III criou o Papa Paulo III o bispado dos Açores, em 1534. A cidade de Angra do Heroísmo é a Capital da ilha, o assento do governo civil da província central dos Açores, a residência da jurisdição episcopal do arquipélago, e a sede da divisão militar. É regularmente disposta; com boa casaria, em linhas retas conservando entre si paralelismo, ruas largas, bem calçadas e com passeios laterais de lagedo. Tem bons templos e alguns edifícios notáveis, tanto antigos como modernos, sobressaindo entre estes o Palácio Municipal, a Alfandega, a Praça do Mercado, Teatro, e entre aqueles a Sé Catedral, de grandiosas proporções, ereta em 1618, a igreja do extinto Convento de S. Francisco, em que repousam os despojos do capitão Paulo da Gama, que ali aportou em 1499, com seu irmão Vasco da Gama, na volta da primeira viagem à Índia; o vasto Palácio do Governo, onde se realizaram as sessões da regência do Reino, presididas pelo duque de Palmela, e onde habitou D.

Pedro IV de Portugal e I do Brasil. O Castelo de S. João Batista, onde por espaço de cinco anos viveu demente, destronado e traído, o infeliz monarca D. Afonso VI, é digno de grande interesse histórico. Dentro de suas muralhas também viveu e morreu o filho do Gungunhana, príncipe guerreiro africano de renome.

De todas as ilhas do arquipélago do Açores, é incontestavelmente a Terceira a que tem uma história digna de merecido apreço, porque foi ela o cenário vastíssimo dos mais memoráveis feitos. Pinto da Rocha, escritor gaúcho de estirpe lusitana, chamou-lhe a histórica e brava, a heroica ilha Terceira que, lealíssima, três anos resistiu a dominação espanhola, e guardou fidelidade ao Prior do Crato; a destemida, que formou na vanguarda do liberalismo contra D. Miguel, a adarve, de onde partiu para a conquista da liberdade constitucional, a expedição dos sete mil e quinhentos heróis que, pisando as praias do Mindelo, deram à pátria a redenção e a glória, a soberba e generosa, que concedeu ao marquês de Vila Flor o seu braço, a sua coroa e o seu título de duque.

Em 22 de junho de 1828 foi aclamada em Angra a rainha D. Maria II, o que lhe valeu merecer em 1837, o título de "Heroísmo" e novo braço de armas, no qual se assinalam com a insignia da Torre Espada o seu "valor, lealdade e mérito". Julio de Castilho, chamou-lhe celeberrima, hospitaleira, que viu, último nos domínios portugueses, hasteado o pendão da resistência nacional às prepotências castelhanas e que denodamente repeliu a invasão das esquadras Filipinas. Foi a Terceira a última a render-se ao domínio espanhol, em 1583 e a primeira a sacudi-lo em 1641. Angra foi corte quando recebeu regimento D. Antonio, rei de Portugal, e reconhecida como corte e capital do governo constitucional de D. Maria II. Na ampla baía da vila da Praia da Vitória, é que em 11 de agosto de 1829, foi derrotada a poderosa esquadra miguelista, composta de 22 vasos de guerra. Como componentes do batalhão de Voluntários da Rainha, ali estiveram Alexandre Herculano, Almeida Garrett, José Estevão e outros. O valor militar dos tercei-

renses é um fato tantas vezes comprovado em mais de uma refrega. Opondo-se a que Felipe II da Espanha ali governasse como rei, recusou altivamente todas as promessas sedutoras de dinheiro, e de honrarias, mantendo-se firma à fé jurada. Desbaratou no campo da Salga os terços valorosos do almirante d. Pedro Valdez. Nessa batalha, tão gloriosa para os fastos açorianos, destacam-se várias figuras de pujante relevo — Brianda Pereira, que animou os servçais e pastores, homens e mulheres na defesa da leira abençoada. O sobrinho do duque d'Alba que a pretendia raptar, foi morto por um tiro certo do marido, o lavrador Bartolomeu Lourenço. Um monge agostiniano, frei Pedro, patriota exaltado, como os demais, aconselhou o povo a que lançasse os touros sobre os assaltantes e o exito dessa sortida foi formidável, como se poderá calcular.

Berço e tumulto, no dizer do escritor Gervasio Lima, de vultos que honrando a Pátria glorificaram a raça, a Terceira se orgulha de alguns nomes que ainda nos fazem estremecer os musculos: o capitão Francisco d'Ornelas, Brianda Pereira, Violante do Canto, conde da Praia da Vitória; e os mareantes e percussores de Colombo: João Vaz, Gaspar e Miguel Corte Real, Pedro de Barcelos, o primeiro que tocou terras do Novo Mundo, e João Fernandes Labrador.

Não é sem merecida justiça que os terceirenses se orgulham da sua terra e das suas gloriosas e nobilíssimas tradições históricas.

Tivemos ocasião de ouvir alguns dos seus notáveis oradores, numa festa do Teatro de S. Miguel, e então pudemos apreciar todo o entusiasmo com que, muito justamente, exaltavam a bravura indomita dos seus antepassados, citando passo a passo, todas as páginas de sua interessante história. A Ilha Terceira tem, além do culto pelo passado, uma grande paixão pelas diversões, e, por isso, uma boa parte do ano é dedicada às festas do Divino Espírito Santo e às touradas à corda.

(DO DIÁRIO DE SÃO PAULO,
de 13 de outubro de 1948).

NOMES DE PESSOAS

(De um livro em preparo)

HENRIQUE FONTES

ABISAG, f. Hebraico. De significação desconhecida, para Vigouroux, *Dict. de la Bible*; "pai do erro", segundo Gesenius, *Lexicon*.

Abisag de Sunam ou a Sunamita é o nome de uma formosa virgem que assistiu ao rei David no fim de sua vida (3 Reis 1, 3-4).

ABISAI, m. Hebraico. "Pai é dádiva".

Nome de um dos valentes de David (2 Reis 23, 16-39).

ABISUE, **ABISUA**, m. Hebraico. "Pai salva" ou "Pai é salvação". V. Elisua e Josué.

Nome bíblico.

ABISUR, m. Hebraico. "Pai é muralha", "Pai é defesa".

Nome bíblico.

ABITAL, f. Hebraico. "Pai é orvalho".

Nome de uma das mulheres de David (Bíblia).

ABITOB, m. Hebraico. "Pai é bom". V. Aquitob e Tobias.

Nome bíblico.

ABIÚ, m. Hebraico. "Pai é Ele", isto é, "Pai é Deus". Latim Abihu.

Filho de Aarão, morto por um fogo do céu, com seu irmão Nadab, por terem oferecido incenso ao Senhor com fogo profano (Lev. 10, 1-2).

ABIUD, m. Hebraico. "Pai é honra", "Pai é glória". Nome bíblico.

ABLÁBIO, m. Grego. "Que não prejudica, inocente". De a-, prefixo de negação, e blabê "dano, prejuízo, mal".

ABNER, m. Hebraico. "Pai é luz". Variante: Abiner. Tio de Saúl e comandante em chefe do seu exército (Bíblia).

ABON, **ABÃO**, m. Alto-alemão antigo. Forma reduzida de Alberico ou de Adalberon. A forma alemã é Abbo; a latina Abbo, genitivo Abbonis; a francesa Abbon; e a inglesa também Abbon. V. Abano.

Há três santos assim chamados e comemorados a 15 de abril, 13 de novembro e 3 de dezembro (Allg. Mart.).

ABRA, f. Grego. "Criada jovem", favorita de sua patroa. Em grego o substantivo comum é hábra ou ábra e é tido como derivado de habrós "tenro, delicado, gracioso"; pode, porém, ter provindo do aramaico habra "companheira" (v. Boisacq, *Dict. étym. de la langue grecque*, vb. habrós).

Há uma santa de nome Abra, irmã de S. Fortunato, bispo de Poitiers, festejada a 14 de dezembro.

ABRAÃO, m. Hebraico 'Abrahâm. "Pai é excelso". É derivado de 'Abrâm por dilatação. A narração bíblica dá lugar a outra interpretação: "pai de multidão". É preciso, porém, ter presente a seguinte ponderação do padre Ernesto Vogt, S. J., a propósito das "etimologias" bíblicas: "Já no Antigo Testamento há várias explicações de nomes; mas convém notar que lá não se trata de verdadeiras etimologias. O antigo Testamento não quer explicar a significação real dos nomes, mas quer somente associar com um nome uma ou mais palavras semelhantes e, por meio destas, um ou mais pensamentos que o autor quer inculcar ao leitor. Para este fim lhe bastava alguma consonância ou semelhança externa desta palavra com o nome. Certamente o autor do primeiro livro de Samuel não julgou que o nome de Samuel se derive do verbo sa'ál, quando diz que Ana deu ao filho o nome de Samuel, porque o pedira (= sa'ál) ao Senhor (1 Sam. 20). O mesmo é evidente em Gen. 17,5, onde Deus diz a Abraão: "Serás chamado Ab-raham, porque te destinei para pai de uma multidão (ab-hamôn) de gentes". Pois entre "raham" e "hamôn" não há mais que uma semelhança puramente externa. (Interpretação de nomes próprios hebraicos, no Anuário de 1946 do Seminário Central da Imaculada Conceição, São Leopoldo, págs. 37 e 38). Relativamente ao elemento ram diz o mesmo autor: "Nomes compostos com o adjetivo ram = alto, excelso, preconizam a majestade divina: Io-râm (rei de Israel) = Iahvé é excelso; Adoni-râm (alto funcionário de David e Salomão) = o Senhor é excelso; Malki-râm = o Rei (isto é, Deus) é excelso; Am-râm (pai

de Moisés) = Irmão é excelso; Abi-râm (Abiron ássecla do revoltoso Datan) = Ab-râm (nome antigo de Abraão) = Ab-raham (Abraão, nome derivado de Abram por meio de dilatação) = Pai (isto é, Deus) é excelso. Semelhantes nomes foram também usados por outros povos; conhecido é o nome do rei fenício que forneceu a Salomão material para a construção do templo: Hi-râm = Ahi-râm = o Irmão (isto é, Deus) é excelso" (ibid., págs. 44 e 45). Em inscrições assírias, encontrou-se o nome Abu-ramu, que corresponde a Ab-râm e que tem o mesmo significado (Vigouroux, *Dict. de la Bible*, vb. Abraham). Ibraím é forma arábica de Abraão. O Vocabulário Ortográfico escreve Ibraíme.

Filho de Taré e progenitor dos hebreus. Casou com Sara, de quem houve Isaac. Da escrava Agar houve Ismael; e de Cetura, Zamran, Jecsan, Madan, Madian, Jesboc e Sué (Bíblia). Figura no calendário cristão como pai de todos os crentes — "omnium credentium Pater" — a 9 de outubro. O Martirológio Romano menciona dois outros santos de nome Abraão, um a 16 de março e outro a 15 de junho.

ABRÃO, m. Hebraico' Abrâm, V. Abraão.

ABRAAMES, **ABRAÉM**, **ABRÂMIO**, m. São provavelmente corruptelas de Abraham.

Abraames (latim Abrahames) é o nome de um bispo da Mesopotâmia, no século V, comemorado a 14 de fevereiro (Allg. Mart.). Abrâmio (latim Abrâmio) é o nome de dois mártires na Pérsia festejados a 4 de fevereiro e a 22 de abril (ibid.). Abraém é mencionado no Vocabulário Ortográfico.

ABRIL, m. Latim Aprilis. É o nome do mês, usado como nome de pessoa. O mês é "caracterizado pelo abrir (em latim aperire) dos renovaos das plantas" (J. J. Nunes, Os nomes de batismo, vb. Abril). É essa a velha etimologia popular latina; o nome parece, porém, remontar ao etrusco apru, empréstimo do grego Aphró, hipocorístico de Aphrodite (v. Ernout et Meillet, *Dict. étym. de la langue latine*, vb. aprilis).

Há no calendário dois santos de nome Abril (latim Aprilis), mencionados a 18 e a 24 de março (Allg. Mart.). "Entre os fidalgos dos Nobiliários figura um D. Abril Pérez ou Pires, senhor de Lumiares; seus filhos foram D. Urraca Abril e Pero Abril" (J. J. Nunes, ibid.).

ABRÚNCULO. V. Aprúnculo.

ABSALÃO, m. Hebraico. "Pai é paz", isto é, "Deus é causa de prosperidade, paz, bem-estar" (Vogt).

Filho de David, célebre pela revolta contra seu pai (Bíblia). O Martirológio Romano, a 2 de março, menciona um santo desse nome, mártir na Capadócia.

ABU-BECRE, m. Árabe. "Pai da Virgem" é a interpretação corrente desse nome, que é o do primeiro califa, sogro e sucessor de Maomé; o seu nome primitivo de Abd-el-Caaba "servo da Caaba" éle o teria mudado para Abu-Becre, quando Maomé desposou sua filha Aixa. Diz, entretanto, o dr. Augusto Müller que Abu-Becre significa simplesmente "pai de Becre", sendo Becre nome árabe muito vulgar, e que a tradução de "pai da virgem" é fantasia de um erudito, que teve a sorte, reservada em geral a tais erros, de ser copiada em todas as narrativas populares (História Primitiva do islamismo no Oriente e no Ocidente, no vol. VIII da História Universal, de G. Oncken, pág. 216).

Abu — significa "pai de". As vezes o pai é designado pelo nome do filho precedido desse vocábulo. Abdalá, pai de Maomé, é chamado Abu-Mohâmmede "pai de Maomé; e o próprio Maomé tirou de seu filho Kassem o cognome de Abu'l-Kassem. "A precedência do nome do filho é título de glória para alguns e simples tradição para outros" (Eduardo Dias, Árabes e muçulmanos, vol. I, pág. 5).

ABUDEMIO, m. Latim Abudemius. É o nome de um mártir, sob Diocleciano, na ilha de Tênedos, mencionado no Martirológio Romano a 15 de julho. Talvez seja corruptela do Grego Apódemos "que viaja fóra de seu país".

ABUNDÂNCIO, m. Latim. "Abundante, generoso, liberal". É formado de abundans, antis, participio presente

COLONIZAÇÃO AÇORIANA

(Conclusão da pág. 17)

solteiros, perfazendo 700 pessoas; da Ilha Graciosa, 62 casais, que com alguns soldados completaram 373 pessoas; da Ilha de S. Jorge, 245 casais, com 1.432 pessoas.

O Congresso Nacional votou o Projeto de Lei n. 352, dêste ano concedendo um crédito para auxiliar o custeio das despesas do Congresso Comemorativo do bi-centenário da Colonização Açoriana. A 20 de fevereiro dêste ano teve lugar, em Florianópolis, o lançamento da pedra fundamental do monumento comemorativo, como parte de um programa de comemorações, iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico, patrocinado pelo governo do Estado, Assembléia Legislativa e Prefeitura de Florianópolis e a cargo de uma Comissão Executiva da qual é Presidente, o ilustre historiador, Desembargador Henrique da Silva Fontes, Presidente daquele Instituto. Da importância e alto alcance dêste certamen podemos referir, dando ciência à Casa, das várias seções do seu programa — História Geral Catarinense — História Demográfica e Política — Colonização Insulana — História Econômica, História Social e Cultural — Linguagem e Folclore — Geografia Histórica e Cartografia História Local — Genealogia — Bio-bibliografia.

A Comissão de Finanças da Câmara proclamou a importância dêste conclave cultural e a Comissão de Educação e Cultura por seu relator, o brilhante e notável historiador Deputado Aureliano Leite, declarou que se vai cuidar naquele certamen não só de uma festa de comemoração ao bi-centenário da Colonização Açoriana "como do debate e esclarecimento de importantes assuntos brasileiros de ordem geral como a história catarinense, que deita suas raízes mais profundas na Capitania de S. Vicente, depois S. Paulo a que pertenceu até 1738, tendo pois, estado ligada pelo cordão umbelical dos bandeirantes mais de duzentos anos".

No ano de 1737, lemos na obra notável do historiador Capitão de Mar e Guerra Lucas Boiteux, começou a governar a Capitania de

S. Paulo Gomes Freire de Andrade. Foi Gomes Freire — Conde de Bobadela — quem mostrou a El-Rei a necessidade de ficar toda a Costa Sul do Brasil sob a ação de um só Governo até a Colônia do Sacramento e a necessidade de fortificar-se a ilha de Santa Catarina. Nomeado o Sargento Mor de Batalha, José da Silva Paes para fortificar a ilha, este embarcou para Santa Catarina e assumiu o comando do novo presidio ou praça de guerra. Com o pessoal que levou do Rio de Janeiro, aliás, um destacamento e com a tropa que encontrou na Ilha de Desterro, organizou um batalhão de artilheiros fusileiros, de quatro companhias, chegando esta unidade a constituir um regimento conhecido pela alcunha de Barriga Verde, devido ao peitilho verde do uniforme.

Encheu, disse Lucas Boiteux, o Regimento Barriga Verde, um século da nossa história militar com páginas de heroísmo, resignação, disciplina e galhardia. Daí herdam os catarinenses esse epíteto honroso. O Regimento Barriga Verde recebeu seu batismo de sangue em Rio Pardo e Missões. Quando em 1777 forças espanholas desembarcaram na Ilha de S. Catarina, resistiu o batalhão Barriga Verde, coberto que estava dos louros das campanhas cisplatinas. Os arquipélagos dos Açores e da Madeira regorgitavam de habitantes. Diversas representações haviam sido encaminhadas a Metrópole para que se aliviasse aquelas ilhas de certo número de casais.

O Brasil pedia braços. Resolveu El-Rei aproveitá-los para o povoamento de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Vieram 4.024 pessoas, começando o transporte em 1.748.

Com a vinda dos primeiros açoritas e madeirenses foram fundados os povoados de Santo Antônio, Trindade, Trás do Morro, Canasvieiras na Ilha e São Miguel no continente. Em 1750 chegava a quarta leva fundando-se então o povoado hoje cidade de São José. Em 1753, ordens reais mandavam para o Rio Grande muitos colonos açoritas. Assim teve início a colonização açorita e madeirense de Santa Catarina.

Disse o historiador catarinense Sr. Oswaldo Cabral, quando do lançamento da pedra fundamental do monumento comemorativo do bi-centenário da colonização: "da modesta casa do Governo, há duzentos anos, descia o Governador Silva Paes, radiante e satisfeito rumo à praia a poucos passos dali. O sonho que arquitetara de povoar o Sul do Brasil do Rio São Francisco até os serros de São Miguel, a fim de garantir aos portugueses a posse perene da conquista, a fim de apoiar as armas que na Colônia do Sacramento tinham seu brilho refletido nas águas do Prata, estavam no momento tomando corpo, vivendo seu primeiro instante de realidade.

O ilustre historiador Henrique da Silva Fontes, Presidente do Instituto Histórico, disse: "No caso concreto da colonização insulana temos a distancia de dois séculos. Frustaram-se os sonhos lusitanos de levar o domínio ao estuário do Prata, sonhos a que se prendia a bem estudada colonização do Brasil meridional.

Sabemos que dos colonos ilhéos não saíram os lavradores neles esperados, mas sabemos, porque sentimos e palpamos e muitos de nós o sentem no próprio sangue, que os ilhéus aqui cresceram e triunfaram, contribuindo preponderantemente para a rija base de cultura luso-brasileira que enfrentou e absorveu ou modificou outras culturas sendo elemento de segurança e de progresso para o Brasil".

Descendente que somos do Sargento Mór Thomaz Francisco da Costa que da ilha do Faial numa das levas veio povoar Santa Catarina, tronco de uma das mais antigas e numerosas famílias de Açorianos de Santa Catarina, no dia da comemoração do bi-centenário dessa Colonização — acontecimento de grande relevo da sua história e do seu povo — requeremos também, como representante de Santa Catarina, a inserção de um voto de congratulações na ata dos trabalhos de hoje com o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, pela realização dêsse grande e patriótico certame. Era o que tinha a dizer.

(Muito bem muito bem)

do verbo abundare, e de — ius, terminação dos nomes gentílios romanos.

O Martirológio Romano registra dois santos assim chamados, um a 1º de março e outro a 16 de setembro. O nome é também usado na forma feminina Abundância, sendo o de uma santa mencionada pelo Allgemeines Martyrologium a 19 de janeiro. Dêsse nome, ao tratar de outros que são significativos, diz o padre Manuel Bernardes: "Aos sobreditos podemos ajuntar o nome que teve a mãe do grande patriarca S. Bento, que foi Abundância. Neste só filho que deu à Igreja lhe comunicou tal abundância que procederam dele inumeráveis santos doutores, bispos, cardeais e sumos pontífices: pela conta de Trítêmio, que dizem ser a mais estreita, são os santos da Ordem quinze mil" (Nova Floresta, vol. IV, pág. 151).

ABÚNDIO, m. Latim. "Abundante, copioso". É formado do adjetivo abundus com a terminação — ius, dos nomes gentílios.

Há no Martirológio Romano oito santos dêsse nome.

"ATUALIDADES"

Publicação mensal iniciada em 1945

— O —

Redação e Oficinas:
Avenida Mauro Ramos, 301.
Propriedade e Direção:
E. I. KUEHNE

— O —

Assinaturas:

Ano Cr\$ 18,00
Número avulso Cr\$ 1,50

COMÉRCIO & TRANSPORTES

C. RAMOS S. A.

Matriz: Florianópolis

Filial: Lajes

Rua João Pinto, 9

Rua Cel. Córdova s/n.

Concessionários da
INTERNATIONAL HARVESTER MAQUINAS S/A.
Caminhões "International" — Tratores de rodas e esteiras — Motores
Industriais — Conjuntos Elétricos

—○—
Distribuidores dos
Automóveis CITROEN
para os municípios de Lajes, Curitibanos, Campos Novos,
Bom Retiro e São Joaquim

—○—
Distribuidores
para o Sul do Estado dos óleos e lubrificantes
"VEEDOL MOTOR OIL"

—○—
Distribuidores
dos afamados motores de popa marca
"JOHNSON SEE HORSE"

—○—
Secção de Peças e Acessórios
para caminhões "INTERNATIONAL"
— Peças Chevrolet e Ford —
Estreito — Sub-Distrito de Fpolis.

—○—
Posto de gasolina "Esso" e serviços
Óleos e lubrificantes de todos os tipos e marcas
Gasolina Esso — Baterias — Pneus — Serviço de lavação,
lubrificação e consertos
Estreito — Sub-Distrito de Fpolis.

Os romances de Atualidades

O começo de sua publicação no próximo número

Inserindo-lhes as produções em suas páginas, «Atualidades» tem proporcionado meio de expressão à mór parte dos escritores catarinenses.

Alguns deles, em verdade, foram revelados por ela, e o público, hoje, deleita-se com os labores artísticos que lhes saem da pena.

Nossa revista — ainda no intuito de incentivar a literatura, premiar os que nela se destacam e beneficiar aos leitores — vái introduzir uma novidade: publicar romances — um capítulo em cada número — dos seus mais apreciados colaboradores. Iniciará a série com a novela «Janice», de José Cordeiro, uma história de indiscutível valor literário, em que, ao lado da técnica segura do autor, da pureza de linguagem e da emoção que a urdidura desperta no espírito do leitor, a profundidade de pensamento e ensinamentos morais de alta valia.

Aguardem o próximo número, e os leitores, e muito especialmente as leitoras, terão oportunidade de ler «Janice» — a mais recente produção do poeta, escritor e jornalista José Cordeiro, um dos valores reais de nossas letras.

«A Distância do Passado»

«Atualidades» a partir do princípio do ano p. vindouro publicará, em capítulos, o terceiro romance do escritor catarinense, Juvenal Melchiades de Souza, «A DISTÂNCIA DO PASSADO», que tem por tema a história de um jovem estudante pobre, narrada com a firmeza e naturalidade de que é dotada a pena do escritor contarrâneo.

Os personagens de seu romance vão surgindo espontaneamente no desenrolar da narrativa, tão naturalmente que o leitor tem a impressão de os estar vendo e ouvindo.

Juvenal Melchiades de Souza, como jornalista e poeta, é sobejamente conhecido, e, dia a dia mais cresce no conceito de seus leitores porque, os seus trabalhos simples e humanos, muito se assemelham aos dramas da vida de muita gente.

Em «A DISTÂNCIA DO PASSADO», o autor foge, por momentos, aos cenários verdadeira-

Écos do 1º Congresso de História Catarinense

Ao regressarem a Curitiba, os ilustres e dignos membros da Embaixada Paranaense Srs. Drs. Osvaldo Piloto e Professor Fernando Azevedo, dirigiram ao estimado conterrâneo e nosso colaborador Sr. Farmaceutico Ildefonso Juvenal, o seguinte despacho telegráfico:

«Deixando Florianópolis apresentamos prezado amigo cuja cultura e valor pessoal muito admiramos, nossas despedidas oferecendo modestos prestimos Curitiba».

O festejado poeta e jornalista Dr. Heitor Stokler, cuja atuação no 1º Congresso de História Catarinense, foi muito brilhante, como a de seus ilustres confrades acima referidos, também apresentou a Ildefonso Juvenal suas despedidas e reafirmação do seu apreço.

Aos seus dignos confrades, Ildefonso Juvenal agradeceu nos seguintes termos:

«Ao preclaro e digno filho da linda e querida Terra dos Pinheirais, que soube com nobreza e proficiência representar a cultura e o elevado sentimento paranaense no 1º Congresso de História Catarinense, estreitando ainda mais os laços que unem os intelectuais dos dois Estados irmãos e vizinhos, e deixando um amigo e admirador em cada Congressista, — a reafirmação do meu sincero apreço, respeitosa estima e reconhecimento, em fraterno e cordial abraço, extensivo ao culto, progressista e valoroso Paraná, e votos de feliz viagem».

mente humanos de seu livro e lado a lado, com o leitor vai caminhando pelos suaves atalhos das divagações e as páginas que se seguem são quais belos poemas ditados pela emotividade da alma poética do autor.

Numa perfeita combinação de arte e vida, entrelaçados surgem das páginas de seu livro o riso e a lágrima, cuja extraordinária fusão empresta ao seu romance o estranho sabor dessa mistura de prazer e angústia que compõe a vida.

«Atualidades» sente-se satisfeita em poder oferecer aos seus inúmeros leitores, o mais recente romance de Juvenal Melchiades, autor de valiosos trabalhos literários, como poesias, crônicas e magníficos contos, em grande parte publicados em nossa revista.

HOMENAGEM ao Dr. Aroldo Pederneiras



Em meio de grande cordialidade realizou-se em 1º de outubro, no Lira Tennis Club, um jantar que os funcionários do Departamento de Estradas de Rodagem ofereceram a seu Diretor-Geral, Engº Haroldo Pederneiras, recentemente eleito Diretor-Presidente da Empresa, de Joinville.

Em nome dos referidos funcionários falou, oferecendo o jantar e enaltecendo as virtudes do homenageado, como chefe e amigo, o Engº Renato Ribeiro Cardoso.

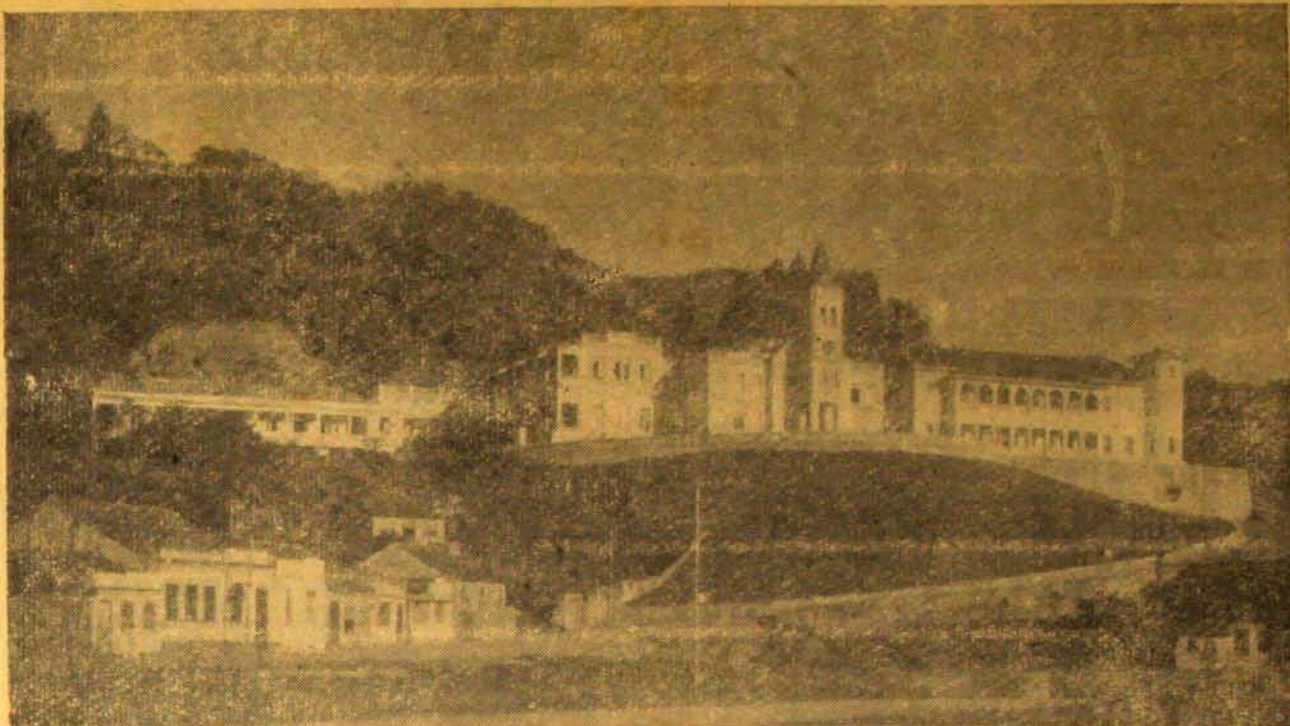
O homenageado respondeu, agradecendo em seu nome, e no de sua esposa, presente, também alvo de homenagens, as manifestações recebidas.

Na tarde do mesmo dia, perante numerosa assistência, havia sido inaugurado em seu gabinete, o retrato do Engº Haroldo Pederneiras, havendo discursado o Dr. Alfredo Damasceno da Silva.

O homenageado agradeceu, num belo discurso, em palavras repassadas de gratidão.

A inauguração do retrato, além dos funcionários do DER estiveram presentes muitos amigos do homenageado.

A Imprensa esteve representada.



HOSPITAL DE CARIDADE

DA

“IRMANDADE DO SENHOR JESUS DOS PASSOS”

FLORIANÓPOLIS

Apartamento de luxo, com telefone, facilitando ao doente, do seu próprio leito comunicar-se diretamente com todos os pontos do Estado servidos pela Companhia Telefônica Catarinense. Quartos de 1ª. e 2ª. classe e salas de quatro leitos. Refeitórios para as diferentes classes.

Salas de estar e avarandados com vista para o mar.

Quatro salas de operações para cirurgia séptica, aséptica e especializada com negatoscópio, sala ortopédica com mesa especial para correção de defeitos e fraturas sob raios X, água esterilizada e aspirador, e nove salas de curativos.

Fisioterapia, diatermia, ondas curtas, pantostato, correntes galvânicas e farádicas, electrocoagulação, bisturi elétrico, infra-vermelho, ultra-violeta, termóforo de Bier, câmara de aquecimento, banho Suda intestinal, nebulização de penicilina e streptomina.

Oxigenoterapia (também em residência) pelo aparelho tenda e máscaras.

Clínica das doenças do coração — Electrocardiografia.

Clínica das glândulas internas — Emagrecimento e engorda — Bócio — Metabolismo Basal. Reumatismo, clínica e cirurgia.

Exames radiológicos em geral (gabinete completo) e especiais com pielograma, seriografia gastro-duodenal, enemas, colecistograma, arteriografia, utero-salpingografia, broncografias e tomografias. Aparelho transportável sobre rodas para exames no leito, durante as operações e em residência.

Clínica médica geral e especial do coração, rins, fígado, vesícula, intestinos (regimes dietéticos). Curas de repouso. Clínica infantil médica e cirúrgica (cozinha dietética).

Convenios especiais com todos os Institutos, Caixas e Companhias de Seguros para dar a seus beneficiários todos os recursos do aparelhamento em continuo aperfeiçoamento.

Centro de estudos: reuniões bimensais dos Médicos para aperfeiçoamentos dos modernos estudos e tratamentos.

Laboratório — Exames clínicos de urina, sangue, fezes, liquor, derrames e pús; dosagens de uréia, creatinina, cálcio, potássio, glicose; hemoculturas, hemossedimentação, contagem de glóbulos. Serviço de transfusão de sangue, seleção de doadores, imunotransfusão — Plasma sanguíneo. Tubagem duodenal.

Centro de aplicação de penicilina (enfermagem especial).

Serviços cirúrgicos em geral, ginecológicos, do estômago, intestinos, da vesícula, rins, unetères e bexiga, urétra e próstata. Clínica e cirurgia do reto e anus (hemorroidas, fistulas e fissuras). Do simpático cérico-torácico (estrelado) lombar e periarteral. Da tuberculose cancer e tumores em geral. Bócio (papo). Ortopédicos (fraturas, defeitos, pés tortos — mesa especial de correção e controle aos raios X).

Estufa de esterilização permitindo ter a qualquer hora todo material pronto para socorro urgente.

Instalações e material especializado da clínica de olhos, nariz, garganta e ouvidos. Aparelhagem de laringo-tráqueo-broncoscopia.

Correção de lábio leporino e guela de lobo.

Radioterapia: aparelho o mais moderno e possante para tratamento dos tumores, dores, inflamações, doenças da pele; radium (110 miligramas).

Corpo de clínicos e cirurgiões especialistas em escala de plantão dia e noite garantindo prontidão e eficiência de socorro.

A ADMINISTRAÇÃO DA IRMANDADE E HOSPITAL NÃO VISANDO LUCROS, AS RENDAS SE DESTINAM A MELHORIA, APERFEIÇOAMENTO E AMPLIAÇÃO DOS SERVIÇOS, HOSPITALIZAÇÃO E TRATAMENTO DOS INDIGENTES, QUE SE BENEFICIAM DE TODAS AS APARELHAGENS CITADAS. O HOSPITAL DISPÕE DE SEIS CONFORTÁVEIS ENFERMARIAS PARA HOMENS, SETE PARA MULHERES E SEIS PARA CRIANÇAS, COMPORTANDO EM MÉDIA TREZENTOS LEITOS PARA INDIGENTES, EM DEPENDÊNCIAS SEPARADAS DAS DOS PARTICULARES.

MATRIZ

Rua 15 de Novembro, 533

Caixa Postal, 90 - Fone 1085

Blumenau — Sta. Catarina

End. telegr.: "Siewert"

GRAFICA 43 S. A.**INDÚSTRIA E COMÉRCIO****FILIAL**

Rua João Pinto 9-A

Fone 1407-Caixa postal, 308

Florianópolis-Sta. Catarina

End. telegr.: "Siewert"

IMPRESSOS EM TIPOGRAFIA E OFFSETT — LIVRARIA — PAPELARIA — ARTIGOS DE CRITÓRIO E ESCOLAR**A Exposição**

de ELIAS FEINGOLD

RUA FELIPE SCHMIDT, 54 - TEL. 1603

Casemiras - Tropicais - Linhos - Brins
e Sedas. - Confeções finas para homens,
senhoras e crianças.

TAPETES E CONGOLEUNS.

Distribuidor dos aparelhos de rádio "Olimple",
"Airmec" e RCA RadiolaVENDAS A VISTA E PELO SISTEMA
CREDIÁRIO
FLORIANÓPOLIS**Restaurante Estrêla**

Bebidas nacionais e estrangeiras

Cosinha a la "carte"

Asseio e prontidão

WALDEMIRO ALVES

Praça 15 de Novembro

Torrefação e moagem de café

"MIMI"

Fabricante: I. C. Pires

Rua Cel. Pedro Demoro, 1352

ESTREITO

FLORIANÓPOLIS — S. CATARINA

"Tome Café MIMI"

Exija-o de seu fornecedor

COMERCIAL E INDUSTRIAL**FETT LTDA.**

Indust. e Exportadores

Madeiras beneficiadas :Forro, assoalhos, abas, cabros, reguas, e
demais madeiras para construções.
Caixarias pinho. — Resserrados.**ESCRITÓRIO E DEPOSITOS :**

Rua 24 de Maio 246/258.

Tel. 23 — Estreito — Florianópolis.

End. Telegr. — "TELMO"

Caixa Postal 16

Fábrica: CAMBIRÉLA, mun. de Palhóça

POMADA
MINANCORA
NUNCA EXISTIU IGUALPARA FERIDAS,
ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES,
COCEIRAS,
FRIEIRAS,
ESPINHAS, ETC.**LABORATÓRIO ELECTRO TÉCNICO "ELECTRON"**

OTOMAR GEORGES BÖHM

Profissional Formado na Europa com 20 Anos de prática

Especializado em reconstrução de

MOTORES, DINAMOS, TRANSFORMADORES, etc.

Rapidez e Garantia

Florianópolis - Estreito. Estado de Santa Catarina

Rua Osvaldo Cruz, n. 613

O Cacique Doble e sua horda

Francisco S. G. Schaden

(Do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina)

I

No município riograndense de Lageado há uma localidade com o nome de Cacique Doble, que surgiu como sede de uma colônia particular fundada em 1901. Doble, Dobre ou Dovre foi um chefe indígena, amigo dos brancos, que prestou bons serviços à colonização do Rio Grande do Sul. Perto dessa colônia estabeleceram-se as de Sananduva e Forquilha, esta em 1918 e aquela igualmente em 1901. Junto ao Rio Ligeiro, no extremo oeste da colônia de Sananduva, fundou-se o Toldo Ligeiro, habitado por índios da tribo Kaingáng. Mais tarde, esses aborígenes passaram para a outra margem do rio, ficando aldeados no município de Erechim. Graças ao desenvolvimento e à prosperidade daquelas colônias, toda a região, outrora coberta de mata virgem, está hoje entregue à lavoura.

A uns sessenta quilômetros para o sul, em território pertencente ao Campo do Meio e a pequena distância da antiga colônia militar do mesmo nome, fundada, ainda na época imperial, para proteger os núcleos civilizados contra incursões de selvícolas bravios, existe o Toldo de Caseros, também de índios Kaingáng.

Já o mapa «Carraffa», desenhado entre 1635 e 1640, indica os Guandaná no curso superior do Rio Uruguai. Da língua desses indígenas nos foi transmitida uma única palavra, «akuplí», que significa espírito ou alma. O fato de se tratar de um termo kaingáng sugere desde logo a hipótese de os Guandaná terem pertencido a essa tribo. Mas há ainda outros indícios que servem para abonar essa opinião. De outro lado, não é possível decidir se os índios que hoje vivem na região são descendentes daquele grupo. Mais certa me parece a hipótese, já defendida no século passado por Reinhold Hensel («Die Coroados der brasilianischen Provinz Rio Grande do Sul», *Zeitschrift für Ethnologie*, vol. 1º, págs. 124-135, Berlim 1869), de que os atuais representantes da tribo Kaingáng no Alto-Uruguai descenderiam, pelo menos em sua maior parte, de hordas vindas do planalto catariense em época mais ou menos recente.

Antes de se estabelecerem relações relativamente amistosas com os atuais Kaingáng do Rio Grande do Sul, já se havia conseguido a pacificação de outros grupos da tribo nos estados vizinhos. Todavia, era necessário tratá-los com bastante cautela e grande reserva, porque não raro surgiam desavenças entre eles e os moradores civilizados.

O aldeamento de índios Kaingáng nas proximidades do posto militar de Caseros foi empreendido por ordem e com auxílio do governo. O objetivo era o de fornecer aos soldados um ponto de apoio que lhes facilitasse o cumprimento de sua missão. A colaboração de índios aldeados ou «mansos», conhecedores dos modos de agir e reagir peculiares à tribo, devia tornar menos perigosas e mais eficientes as expedições «punitivas» que se pretendiam organizar contra os Kaingáng que entrassem em conflito com os moradores civilizados.

Naturalmente os chamados «índios mansos» con-

tinuavam a viver a maior parte do tempo nos campos e no interior das matas em procura dos alimentos que se necessitavam no toldo. Apesar disso, estabeleciam às vezes contacto com os moradores brancos da região; estes, entretanto, os encaravam antes como seres exóticos e estravagantes, que despertavam a curiosidade geral, mais ou menos como os grupos ciganos que, de quando em quando, apareciam nos sítios do interior como especialistas em cartomancia e outras artes. Entre os moradores civilizados era opinião corrente que os Kaingáng se aproximavam dos povoados com o único fito de pedinchar e de roubar o que pudessem conseguir.

Além dos Kaingáng «mansos», havia, como vimos há pouco, os que não se conformavam com a ocupação de seus domínios pelo branco invasor. Entre eles, contavam-se os Kaaguá, que habitavam o curso superior do Rio Caí, i.é., territórios muito próximos das colônias acima mencionados. Também eles já aparecem no mapa «Carraffa». Provavelmente era o grupo Kaingáng mais avançado para o sueste. Volta e meia perturbavam a tranquilidade das colônias, assaltando e pilhando os sítios dos primeiros imigrantes. De outro lado, é certo que muitas das incursões atribuídas aos Kaaguá foram feitas por índios «mansos» que não se conformavam com a vida um pouco mais «disciplinada» no toldo do cacique, preferindo às vezes cuidar da vida por própria conta. Os Kaingáng aldeados foram, por exemplo, os autores das cenas que em 1853 se desenrolaram nas proximidades da colônia de Mundo Novo e nas quais perdeu a vida o colono Wartenpuhl, cuja propriedade foi saqueada; na mesma ocasião raptaram-se cinco pessoas, uma das quais encontrou a morte nas mãos dos índios, ao passo que as outras quatro puderam ser reconduzidas, depois de dois anos, ao convívio com o mundo civilizado. Ocorrências dessa natureza não eram raras.

Ao cacique Doble, chefe dos Kaingáng «mansos», naturalmente não cabia culpa alguma nesses fatos deploráveis. Procurava mesmo reprimir os abusos, castigando com severidade os culpados, e não perdoava nem sequer aos parentes próximos, como, aliás, veremos daqui a pouco.

No tocante aos Guandaná e Kaaguá, convém mencionar um fato notável. Os vizinhos mais próximos destes grupos de Kaingáng, na extremidade sul de seu território, eram os Tape, Arachane e Karijó, que, na opinião do Pe. Teschauer não eram Guarani, mas Tapuia que somente teriam aceito a língua e parte dos costumes dos Guarani. Essa hipótese, que se apóia em informes de diversas fontes, não pode ser rejeitada sem mais nem menos. Entretanto, ninguém ainda tratou de examiná-la com a devida atenção. Seja como for, é certo que de seu lado os grupos da tribo Kaingáng não fizeram até hoje concessões aos Guarani no que se refere ao idioma e aos costumes, salvo em alguns pormenores insignificantes, o que, aliás, é inevitável em qualquer zona de contacto prolongado, por maior que seja a reserva nas atitudes de

(Conclue na p. nultima pagina)

Livraria Moderna

de PEDRO XAVIER & CIA.

Tipografia - Encadernação - Pautação

Rua Felipe Schmidt, 8 - Cxa. Postal 129
Telefone 1418

PAPELARIA - MIUDEZAS - ARTIGOS
ESCOLARES - FIGURINOS - REVISTAS
ESTAMPAS - ARTIGOS DE PINTURA
E DE ESCRITÓRIO E DE DESENHO etc.

EMPRESA COMERCIAL

R. GROSSENBACHER S. A.

BEBIDAS - ARMARINHOS - FERRAGENS

Comércio por Atacado

IMPORTAÇÃO - EXPORTAÇÃO

Rua 15 de Novembro, 857 - C. Postal, 15

BLUMENAU



O maior e o mais antigo Clube de Sorteios do Estado

Sob autorização e fiscalização do Governo Federal, de acordo com o Decreto 7.930,
de 3 de setembro de 1945

CAPITAL FIXO Cr\$ 200.000,00

Praça 15 de Novembro, 22 — 2º andar. Florianópolis — Santa Catarina

Endereço Telegráfico — "Cretomútu" — Telefones: 1324 -- 1388 — Caixa Postal n. 5

Distribuição mensal de prêmios em mercadorias nos seguintes valores:

1º Prêmio: — Cr\$ 6.000,00.

5 Prêmios de Cr\$ 1.000,00 cada um (aproximações superiores).

5 Prêmios de Cr\$ 500,00 cada um (aproximações inferiores).

CASA

FOTO AMADOR

G. Scholz

Rua 15 de Novembro, 596

Telefone 1010

BLUMENAU

Cervejaria Catarinense S. A.

'OURO PILSEN'

a nossa cerveja de alta qualidade e de
preço ao alcance de todos.

Representante: J. BRAUNSPERGER

Rua Felipe Schmidt, 41.

Telefone 1350

Lira Catarinense

HORÁCIO NUNES PIRES

HORÁCIO NUNES Pires, poeta, prosador, jornalista, dramaturgo, comediógrafo e romancista.

Na expressão autorizada do erudito general Dr. Liberato Bittencourt, conceituado autor da «Nova História da Literatura Brasileira», Horácio Nunes «foi o maior vulto literário em atividade em Santa Catarina, espécie de Severiano Cardoso em Sergipe, no verso e no teatro especialmente.»

As quatro joias poéticas, abaixo, encontram-se enfeixadas no escrínio NEBULOSOS, e foram publicados em rodapé, em 1900, pelo «Sul Americano», festejado semanário desterrense, — um dos melhores órgãos da imprensa catarinense daquela época.

Manhã serena

Surge a manhã serena, e límpida e formosa,
como noiva gentil que espera o noivo amado,
o sol—sultão da luz,—amante apaixonado,—
traz um beijo de amor à terra lacrimosa...

Farfalha brandamente a veiga suspirosa
ao tom da viração. Alegre, um coro alado
saúda o sol que nasce—o rei idolatrado,
que é todo encanto e festa e crenças cor de rosa.

Tranqüilamente calmo, o mar repousa agora,
e a sua transparência unida e cintilante
co'a ponta d'aza branca uma gaivota esflora...

Revive a natureza—esplendida e cantante...
—após da noite o horror—surge a serena aurora
precursora da paz divina e triunfante!

Visão

Quando ela apareceu,—beleza ingente,—
constelada de pérolas custosas,
muda ficou a multidão ardente,
e perderam a cor as próprias rosas.

Grega estátua, animada à luz fremente,
passou,—sultana altiva,—e as mais formosas,
àquela aparição grande, esplendente,
sentiram n'alma agruras invejosas...

A que céu pertencêra aquela estrêla?
d'onde surgira assim,—soberba e ousada,—
aquela flôr soberbamente bela?

Veio e passou,—de frente levantada,
mostrando o riso que o desdém revêla,
de um murmúrio de pasmo acompanhada!

Noite de tempestade

Triste noite de inverno, interminável, fria,
a fria terra envolve. «As nuvens da tormenta»,
do relampago à «luz»—fugaz, «amarelenta»,
arrastam do trovão «a rouca artilharia»...

Do imenso e negro mar na vastidão sombria,
embalde o viajor,—perdido, louco,—tenta
não perder a esperança,—o braço que o sustenta
n'aquela dôr tremenda, enorme da agonia...

Ruge e clama o tufão,—gigante aceso em sanhas,
revolvendo no espaço as nuvens da proceta,
contorcendo do mar as pávidas entranhas...

No céu,—luto de horror—nem um olhar de estrêla;
no mar, no grande mar,—montanhas e montanhas,
na terra—a solidão, o pânico que gela!

O Amor

Nasce do amor a frágil creatura,
vive por êle e dêle morre. A vida
pelo amor gosa, e, pelo amor ferida,
soluça e chora, em ânsias de amargura.

O amor é a luz sagrada da ventura,
ou a treva da mágoa dolorida,
a descrença fatal, a fé sentida,
—goza, pena, sol belo, ou noite escura...

Oferece abrolhos ou derrama flores,
conduz à glória,—a glória deslumbrando,
leva do crime a todos os horrores...

Mas,—imutável lei, meigo ou nefando,
quer traga o amor a dita ou agras dores,
—nasce o homem do amor e morre amando!

CÔMERCIO E INDÚSTRIA
K. RAMTOUR
Florianópolis - S. Catarina

FA'BRICA DE BANHA

Produtos suínos - Conservas - Comestíveis - Salsicharia - Laticínios - Aves frigorificadas - Ovos etc.

MERCADO PUBLICO MUNICIPAL

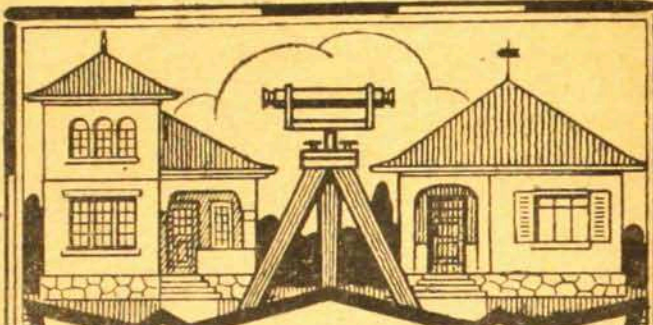


E todos, a seu turno, pedirão

«Saturno»

Fabrica de Choco-
late Saturno
BLUMENAU, S. C.

Representante em Florianop.:
JOSÉ P. LIMA
Caixa Postal, 49



CASTULIO DO AMARAL
Engenheiro Civil
Casas prefabricadas — casas eco-
nômicas — casas populares
Loteamento — Arruamento
Engenharia Sanitária
Rua Raymundo Correia, 81
ESTREITO
Caixa Postal 9 — Florianópolis

D R S.
J. B. BONASSIS
A. G. DE ALMEIDA
F. MAY FILHO
— A D V O G A D O S —

Causas cíveis, comerciais, criminaes, traba-
lhistas, contratos, naturalizações, consultas
e pareceres

Escritórios:
Rua Felipe Schmidt 34 - sala 3 - Florianópolis
Rua Pedro Demoro 971 - Estreito

Bazar de Módas

OLGA DAUER MAFRA

Especialista em confecções femininas,
segundo o rigor dos ultimos figurinos. —
Confecções em geral para senhoras e cri-
anças. — Aceita encomendas para rapido
aviamento e perfeição garantida.
Rua Felipe Schmidt, 34 - FLORIANOPOLIS

Mantem estoque permanente de lãs e sedas,
nacionais e estrangeiras, dos mais moder-
nos padrões.

O único

FLORISBELO
Rua João Pinto. 21

Alfaiate

Nas esquinas, nos cafés, em todos os lugares

Ninguém pode servir a dois senhores!

Temos, aqui, talvez, o mais verdadeiro dos provérbios do Cristianismo e que somente na concepção *cristã* do universo pode ser sustentado. Proferido no famoso Sermão da Montanha, nem todos os ouvintes o terão apreendido plenamente. É que envolve em suas dobras verdades profundas que num só refletir da inteligência não se percebem.

O homem serve a Deus *glorificando-o*. Embora aspire também a *felicidade*, sua e do lar, acima, porém, paira a glória a Deus Criador. *Glorificar a Deus*, constitui este o fim supremo do homem; o tributo pelo qual há de servir ao Todo Poderoso.

Definidamente, é da compreensão ampla desta verdade fundamental, relativa aos destinos humanos, determinando servir a Deus, pela glorificação, que depende o entendimento da máxima do Sermão da Montanha.

Começemos por comparar o universo a um templo. Repare-se, num edifício deste gênero, tudo converge para Deus, nada distrae. As alturas impressionam e fazem erguer os olhos ao céu. As pinturas do teto e das paredes, representando anjos e santos em adoração, elevam a alma, e instintivamente os joelhos se dobram e os lábios pronunciam uma oração. Realmente, cada templo, constitui uma casa de Deus, no qual um só é o Senhor glorificado.

Também o universo constitui uma catedral. Nele *tôdas* as magnificências são orientadas num só sentido. Uma somente é a sinfonia. E um só é o glorificado, o divino artista que lhe deu origem.

Na verdade a *obra glorifica o artista*, que no caso é um só, o Deus único, criador de tudo quanto existe fora dele. Mas, e aqui está a razão fundamental, para que a obra dê glória ao artista, necessário se torna que tal criação seja precisamente, e em todos os contornos, aquilo que o autor dela desejou fazer. Qualquer desvio ou aresta desdizem, apagam o brilho, prejudicando a glória que é um *certo brilho*. Por isso, tirando logo a conclusão certa, o mundo, o homem, a família e a sociedade glorificam a Deus tão só quando se desempenham, com perfeição plena, no papel que lhes foi confiado pelo Criador. Nada escapa a esta lei. Tudo abarca, mesmo o mais leve sinal com a vista. Um só foi o artista divino e por isso um somente poderá ser o Senhor glorificado. «Para Ele, diz São Paulo, são todas as coisas; glória pois a Ele eternamente» (Rom. 11,36).

A natureza, que belo espetáculo! O sol, os astros, as núvens, os pássaros, as flores, as borboletas, não há dúvida, executam os desígnios divinos e glorificam o Senhor.

Também o homem tem uma função no templo da criação, mas a seu modo, porque é inteligente e livre, capaz para a vida doméstica e social, para o brilho da cultura e as realizações estupendas da civilização. Sem fazer excessão, tem o homem um programa a realizar e bem maior.

Dentro de concepção tão amplificada do mundo universo, não há diferença de obrigações dentro e fora dos templos. Não se possibilita ascender uma vela a Deus, na banquetta do altar, e outra ao demônio, nas esquinas e nos cafés. Um só é o cris-

tão de *todos* os lugares e ambientes, no templo e na família, na escola e no sindicato, na fábrica e no comércio, na sociedade e nas reuniões, nos palácios e nos parlamentos.

Nas famílias os pais hão de bem educar os filhos. Nas escolas o professor há de instruir esclarecidamente os alunos. No comércio longe ficará o lôgro. Nos contratos de trabalho avaliar-se-á melhor o valor pessoal do esforço humano. Nos parlamentos mais seriedade. Nos palácios menos interesses individualistas. Na Sociedade mais respeito e menos escândalo.

Portanto, si a ordem doméstica, a ordem política foram criadas por Deus, necessário se torna, para que Deus nelas fique realmente glorificado, que em tôdas, sem excessão de uma só letra, se desencumba o homem plena e corretamente, como quem realiza uma obra de arte mandada fazer pelo divino artista. Bem feita, Deus estará glorificado.

Não leva este modo de proceder a exageros? Segundo esta bitola de medida não deveria um professor de matemáticas, para ser bom cristão, principiar a aula com alguns minutos de preleção catequética? Falso! Mal entendido! E repito: professor cristão de matemática é aquele que *bem* ensina a matemática. Da mesma forma é bom pai de família quem educa deveras seu filho, bom operário aquele que realiza o trabalho contratado, bom negociante aquele que não sae dos justos preços. Nestas ocupações cada qual glorifica a Deus, porque efetiva plenamente o papel confiado pelo artista divino. Quem faz bem tôdas as tarefas que lhe são confiadas, com a intenção de fazê-las, como devem ser, glorifica a Deus, faz boas obras, merece a prêmio da vida eterna.

Como se vê, «Servir a Deus» não se faz somente sob as arcadas dos templos. O cristianismo não se restringe à sacristia. Aí tem apenas a sede o centro de irradiação, mas se estende a toda a ordem criada.

Se em tôdas as circunstâncias há um papel obrigatório a ser realizado escrupulosamente, cabe aos detentores do poder espiritual, chamar a atenção sobre estas obrigações de cada qual. Deve-se reagir vivamente a quantos procuram trancar o ministro de Deus no recinto do presbitério. «O lugar do Padre é na Igreja» — dizem rispidamente, sem querer admitir sua atuação ou opinião na família e na escola, nos sindicatos e costumes sociais. As vezes até saem tais disparates da boca de pessoas instruídas. Em verdade, não sei como dirigir a palavra a tamanho absurdo, quando é evidente que, na concepção cristã do universo, não há dois senhores a servir. Instrução! Mais instrução! É a melhor resposta a uma objeção nascida da ignorância de uma das verdades fundamentais do conceito cristão da vida humana.

Não obstante, é preciso recordar sempre. As verdades mais sublimes são facilmente esquecidas, particularmente na prática da vida. Embora reconheça a belíssima doutrina que o mundo constitui efetivamente um templo, nem por isso deixa de profaná-lo.

Antes que chegue a compreensão e a prática não é possível cogitar numa pomposa catedral, vibrando em hinos ao Senhor único.

As origens do desenho ornamental

Egon Schaden

(Universidade de São Paulo)

Entre os índios Bakairi, Meinaku, Auetó e outras tribos das nascentes do Xingu, Karl von den Steinen encontrou desenhos ornamentais constituídos de figuras geométricas, como, por exemplo, triângulos em diferentes posições, losangos e linhas em zigue-zague. Encontravam-se êsses desenhos em máscaras para dança, tortuais de fuso, remos, cuias e outros objetos. Baseado nas explicações dos próprios índios, que lhe designaram essas figuras como desenhos de uluris (tangas femininas de forma triangular), diferentes espécies de peixes, abelhas novas, morcegos, vértices de peixe e uma porção de outras coisas, o etnógrafo chegou a conclusão de que os ornamentos geométricos se originaram do desenho representativo dos objetos da natureza.

O desenho do peixe-matrinchã, traçado na areia à margem do rio piscoso, afim de indicar a abundância do peixe, «tinha o valor de uma palavra escrita e constituía um desafio» ao companheiro de tribo, para que aí tentasse a sorte. (Karl von den Steinen, *Entre os aborígenes do Brasil Central*, pág. 305, São Paulo 1940.)

À força de ser repetido, o desenho, a princípio cópia natural do objeto, se teria simplificado cada vez mais até resultar num losango.

Da mesma forma, os outros desenhos, constantemente reproduzidos, e aplicados a um sem-número de utensílios, se teriam, pouco a pouco, reduzido a figuras geométricas de poucas linhas.

«Quando certas figuras se repetem regularmente, quando até se trata de um ornamento adotado, pode-se ter a certeza de que os primeiros indivíduos que o desenharam tinham diante dos olhos um modelo determinado; o sentido, porém, foi talvez negligenciado pelas gerações seguintes ou até esquecido completamente debaixo da influência da diferenciação linguística dos vocábulos, que passaram a ser usados como termos técnicos». (O. c., pág. 341). Estas palavras de von den Steinen resumem a «teoria da estilização», que, propugnada também por outros autores, desfrutou aceitação quase geral durante muito tempo. A tal ponto que, no dizer de Wundt, foi utilizada «para interpretar toda a ornamentação dos povos primitivos, também nos casos em que não havia possibilidade alguma de se apontarem formas intermediá-

rias que tornassem provável uma transição entre as formas». (*Probleme der Völkerpsychologie*, 2a edição, pág. 214. Stuttgart 1921).

Dentre os fatores que teriam favorecido o processo de esquematização, pelo qual o ornamento se teria afastado do modelo concreto, von den Steinen salienta os de ordem técnica. Os desenhos eram gravados em objetos de madeira, barro etc., de modo que as formas angulosas necessariamente deviam alcançar a predominância. «O fato de se gravarem os desenhos por si mesmo levou à estilização». (O. c., pág. 333).

Em estudos posteriores, levados a efeito com extraordinária paciência por Max Schmidt, a técnica é apresentada como origem e fonte do desenho ornamental. As figuras observadas entre os índios do Xingu seriam simples produtos da técnica dos trançados. Pela cópia dos padrões fundamentais resultante dessa técnica é que o índio teria obtido os desenhos com que adorna os seus utensílios. Transferindo ou projetando para a figura geométrica a imagem do objeto natural, que lhe estava presente na memória, e associando-lhe o nome desse mesmo objeto, teria elevado o desenho à categoria de símbolo.

Essa teoria foi aceita por vários americanistas, como Koch-Grünberg, Krause e outros. O próprio von den Steinen, abandonando a explicação que antes defendera, e que passou a considerar como inversão da realidade, aderiu ao novo ponto-de-vista.

Tem havido muita discussão entre os adeptos das duas teorias, uns defendendo a prioridade da figura geométrica (obtida ora pela técnica do trançado, ora como simples garatuja produzidas em obediência a um «impulso lúdico»), outros tomando o desenho naturalista, comunicativo e representativo, como ponto de partida de uma longa série de progressivas estilizações.

A questão é muito complexa e, ao que parece não pode ser resolvida satisfatoriamente com uma explicação unilateral. Os dois pontos-de-vista têm a sua razão de ser. E' pelo menos, a esta conclusão que nos leva o material etnológico de que dispomos. Ao lado de ornamentos formados diretamente de figuras geométricas, outros há em que a estilização aparece de maneira evidente.

Empenhe-se cada qual em cumprir o seu papel. A glorificação de Deus é um tributo obrigatório. Constitue dever de toda a criação curvar-se, de joelhos, perante seu Autor. Quando isto for conseguido, assistiremos a um espetáculo único. Pela primeira vez na história realizar-se-á um pontifical festivo de alegrias puras e suaves, as verdadeiras alegrias das almas que começam na terra e se consumam no céu.

EVALDO PAULI

Dr. Rafael G. Cruz Lima

— E —

Dr. Carlos Loureiro da Luz

A D V O G A D O S

Escritório: — RUA JOÃO PINTO N. 18

Organização Comercial Catarinense

FRANCISCO CHAGAS, O "CABRA"

Quiz Deus patentear aos homens soberbos e preconceituosos, naquele penumbroso período da Escravidão no Brasil, a igualdade entre todos os mortais, criados à sua imagem e semelhança, fazendo com que a luz miraculosa da Inteligência brilhasse também com fulgôr no cérebro de muitos, oriundos da infeliz e desprezada raça de Cham.

Sabíamos que, além de uma centena de homens de côr que se evidenciaram nas letras e nas artes profanas, três haviam recebido dos Céus a divina graça da luz aclaradora de suas inteligências, para engrandecimento da Religião como da Nacionalidade, ou por assim dizer, da fé como do patriotismo: o sábio e santo doutor da Igreja e egrégio das letras pátrias Dom Silvério Gomes Pimenta; o virtuoso padre e mestre José Maurício e o piedoso e extraordinário escultor sacro Antônio Francisco Lisboa. Entretanto, temos de acrescentar à essa luminosa trindade de eleitos do Senhor, outro nome: o do não menos piedoso e inspirado escultor baiano Francisco Chagas, o "Cabra".

Dom Silvério Gomes Pimenta, o virtuoso Dom Bosco Negro, de menino pobre e humilde sacristão, ajudando missa durante o dia e estudando à noite, à luz dos restos das velas da igreja, chegou a Arcebispo de Mariana e membro da Academia Brasileira de Letras. Encheu de admiração os mais altos dignatários da Igreja, ao discursar em Roma, escorreitamente, na língua oficial da própria Igreja, e mais tarde aos imortais da Academia de Letras do seu país, desejosos de ver como se haveria um sacerdote, ao fazer o elogio de um ateu, a quem sucedia, provando à evidência que Alcino Guanabara, o mais capacitoso dos nossos jornalistas, tido e havido como dos mais ferrenhos ateus, era crente na infinita bondade e misericórdia de Deus!

O padre José Maurício foi, sem contestação, o nosso maior compositor sacro.

Desafiado para uma competição musical com o afamado maestro e compositor Marcos Portugal, nome sobejamente conhecido na Europa, apresentou-se humilíssimo diante o seu competidor, mas ao executar ao cravo ou órgão, perante D. João VI, sua côrte e altos dignatários da Igreja, a sua monumental *Requiem*, em louvor à Virgem Maria, que o inspirára, magnificando sua música de melodia di-

vinal, agigantou-se de tal forma perante a assistência, que o seu competidor, tido por mais erudito, foi o primeiro a lhe reconhecer, de justiça, a merecida vitória.

— Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, foi o estupendo escultor que espalhou pelas velhas igrejas de Ouro Preto, Sabará, S. João del Rei e outras históricas cidades mineiras, belíssimos e admiráveis trabalhos, como o famoso *Grupo dos Passos da Paixão*, da Igreja de Congonhas do Campo, a mais prima de suas obras e os *Doze Profetas* no Santuário de Jesus de Matosinhos, que artistas de todos os países do mundo, em vindo ao Brasil, pasmam de admiração ao contemplá-los.

Francisco Chagas, o "Cabra" — (apelido dado a todo filho de mulato com preta ou vice-versa) — conforme evidência o eminente e erudito general Dr. Liberato Bitencourt, em a conceituada obra "Nova História da Literatura Brasileira", a mais completa e imparcial no gênero, "foi escultor baiano de real mérito. Não se lhe sabe ao certo o nascimento e morte. Na Ordem Terceira do Carmo, da Bahia, ha de sua lavra o monumental grupo *Nossa Sra. das Dores, São João e Madalena*; a *Nossa Sra. do Carmo* com menino Deus copiado de criança-modelo; e *Senhor da Redenção*. Ao fim da vida, por não querer executar novo *Menino Deus* igual ao anterior, foi perseguido, preso e afinal chegou à loucura".

Adianta aquele emérito professor de literatura comparada e uma das nossas maiores autoridades em ciências matemáticas e filologia, e abalisado crítico e historiador, em a aludida obra, *acreditar-se* ser a primorosa imagem do Senhor Jesus dos Passos, existente na Igreja do Menino Deus, de nossa Capital, imagem que é objeto da mais sincera e piedosa veneração dos catarinenses, trabalho desse malogrado artista, versão até ha bem pouco, sem confirmação. Virgílio Varzea em Nota à margem de sua esplêndida monografia sobre a "Ilha de Santa Catarina", ao referir-se à imagem do Senhor dos Passos, confessa completo desconhecimento, ao afirmar: "Esta imagem, verdadeiro primôr de escultura, foi feita na Capital da Bahia, por um velho artista brasileiro e filho daquele Estado, cujo nome ignora-se".

Entretanto, Santa Catarina vem de ser visitada por um dos mais ilustres filhos da Bahia, — terra

mãe da Nacionalidade, — o Cônego Manoel Aquino Barbosa, estimado pároco da Igreja da Conceição da Praia, notável orador e um dos mais conspícuos membros do Instituto Histórico e Geográfico daquele Estado, o qual, nos trouxe, a respeito, autorizados esclarecimentos.

Sua reverendíssima viéira à nossa terra afim de representar aquele venerando Soligueu no 1º Congresso de História Catarinense, satisfeito, também, pela grata oportunidade que teria de ver e admirar aquele labor da arte sacra baiana.

Depois de embevecer a sua bondosa alma na religiosa contemplação daquela imagem, que acompanha o observador, por todos os lados da igreja, com o seu olhar tão expressivo de angústia e tristeza, — revelou a todos os que ali se achavam: membros da Irmandade e outros fiéis, o nome do artista genial que, inspirado pela Divindade, a esculpiu: chamava-se Francisco Chagas, sendo mais conhecido por "Cabra". Era êle um humilde homem de côr, dotado pelos céus de sentimento artístico incommum. Esculpira outras lindas imagens, uma das quais se encontra em igreja vizinha a de sua paróquia.

Nós, catarinenses, não tínhamos até então, certeza incontestável de quem teria sido o artista genial que, inspirado pelos céus, como Rafael ou Leonardo da Vinci, produzira tão estupenda obra, sem igual no Brasil, pela fisionomia verdadeiramente significativa da angústia, da dôr e do sofrimento, que enternece a alma de quem a contempla. Sabíamos apenas que a imagem se destinava ao Rio Grande do Sul, mas aportára à nossa Capital pelo ano de 1764, e, por designio de Deus aqui ficára, pois, por duas ou três vezes ao tentar a embarcação que a conduzia, transpôr a barra do Rio Grande, tivéra de regressar ao nosso porto, devido a grandes temporais que logo se formavam, impedindo o prosseguimento da viagem.

E o nosso povo, reconhecidamente devoto, tem sabido corresponder a essa manifestação divina, amando e venerando aquela imagem do filho de Deus, nos passos dolorosos para o monte Calvário, onde haveria sucumbir pregado ao madeiro, para redenção da humanidade sofredora.

Donald Pierson, Professor de Sociologia e Antropologia Social da Escola Livre de Sociologia e Política da Universidade de São Paulo, e um dos maiores estudiosos do afro-brasileirismo, encetado por Nina Rodrigues e continuado por Artur Ramos, Gilberto Freire, Ro-

"Até que surja a Alvorada"

Prof. Trajano Sousa

Li com atenção o romance "Até que surja a alvorada", da autoria do escritor conterrâneo Zedar Perfeito da Silva. Seria lugar comum dizer ao autor que me impressionou ótimamente: entrecio bem urdido, estilo elegante, linguagem fluente e correta, dialogação natural e espontânea, problemas da atualidade, ventilados com grande conhecimento de causa e ... outras cositas mas,

Pretensão minha seria abalancar-me a uma análise literária. Entretanto, como sei ser do agrado do autor uma opinião franca, parto de quem partir, até dos menos autorizados, limito-me a umas poucas de impressões colhidas durante a leitura.

Começarei por afirmar que as teses defendidas pelo autor são as mais simpáticas a quantos se adaptaram às realidades do nosso tempo e do nosso meio, tôdas tendentes à solução dos problemas sociais. Nacionalista por índole e formação, como me prezo de o ser, de bom grado subscreveria as reivindicações contidas no romance, no que diz respeito à defesa do nosso petróleo, à nacionalização dos bancos, à valorização do elemento humano nacional, aos preconceitos raciais. Aliás a proposição anti-racista julgo uma das principais preocupações do autor. Vêm à baila ainda instituições sobejamente debatidas, e que há muito já deviam ter sido introduzidas no Brasil, quais sejam o divórcio e o exame pré-nupcial.

Não resta dúvida que também existem assuntos controvertidos e sobre que poderia fazer as minhas restrições. Haja visto o veto à introdução do capital estrangeiro, assim como a pouca ou quase nenhuma importância que os protagonistas dão ao problema religioso, tanto assim que só muito depois do casamento é que Guilherme indaga das convicções religiosas de Marina, sua cara metade.

Apreciei imenso a naturalidade



Zedar Perfeito da Silva

das situações e das cenas, que se vão desenrolando numa sequência admirável como num filme, prendendo a atenção do leitor e trazendo-o em suspenso, da primeira à última página — mais um índice do talento e da vocação de verdadeiro novelista, que é Zedar Perfeito da Silva.

Entre parêntesis, cá para nós: que tal, leitor amigo, se alguma das nossas companhias cinematográficas aproveitasse o argumento sugestivo de "Até que surja a alvorada", para fazer rodar uma película 100% brasileira, numa síntese dos anseios da

coletividade nacional, consoante ficou planejado no livro? Ou consentirá acaso o cinema cá de casa que empresas de terra estranha, pobre em ficcionistas, lhe adquiram os direitos para, no fito de se locupletarem com a renda das nossas bilheterias, nos remeterem, de torna-viagem, e porventura adulterado, o fruto das lucubrações do talento privilegiado do autor conterrâneo?

Perdoe-me, leitor amigo, a digressão. Prosseguindo em nossa ordem de idéias, devo acrescentar que assim a dramaticidade da ação como os flagrantes da vida cotidiana, traçados com maestria impressionante, de par com o imprevisto dos fatos, no fim do terceiro capítulo, onde atinge o ponto culminante do enredo, sem poder adivinhar o desfêcho, são qualidades que põem em evidência os recursos do romancista, fadado que o vejo a grandes triunfos na carreira das letras. Isto quanto à essência.

No que tange à forma literária, notei-lhe essa fluência e naturalidade da linguagem viva dos nossos dias, num estilo que faz lembrar Erico Verissimo, em Clarissa. Demais disso, é deveras para impressionar a correção e segurança da gramática, o que não é comum nos valores novos, nem sempre em dia com as questões fundamentais do idioma. Os leves deslises que, de raro em raro, se nos deparam com relação a minúcias da concordância, da colocação dos pronomes átonos e, principalmente, da tão mal-sinada ortografia oficial, em nada empanam o brilho do conjunto, verdadeira obra de arte que muito recomenda o autor de "Até que surja a alvorada".

Os meus votos sinceros e calorosos são para que Zedar Perfeito da Silva continue colhendo novos triunfos e produzindo belíssimas jóias com que está enriquecendo a literatura pátria e honrando a cultura da gente catarinense.

ger Bastide e outros, em a sua admirável obra "Branços e Pretos na Bahia", o melhor livro científico e erudito publicado em 1942, no campo das relações raciais, também nos relata que "o mulato baiano Francisco Chagas, mais conhecido por "Cabra", esculpia imagens com tal perfeição, que pelo menos cinco delas (Nossa Senhora do Carmo, São Benedito, São João e Madalena, Nossa Senhora das Dores e o Senhor da Redenção) ainda podem ser vistas na Igreja do Carmo.

Que essa revelação do preclaro sacerdote e historiador patricio, não sirva para arrefecer a fé no coração de alguns... pois aos olhos de

Deus todos somos iguais na terra. Isso nos revelou claramente o próprio Jesus, não apenas quando homem feito, por meio das suas divinas obras, mas também quando criança, na mangedeira de Belém, ao expressar divino sorriso de satisfação, indistintamente, tanto aos reis Gaspar e Melchior, que eram da raça branca, como ao núbio rei Baltazar, que era da cor da noite.

Quão alva e pura, quão diferente de sua pele, deveria ter sido a alma de Francisco Chagas, o Cabra, que lhe fôra dado produzir por inspiração divina, obra tão maravilhosa e comovedora!

Atualidades

Publicação mensal
Redação e Oficinas: Av. Mauro
Ramos 301 — Florianópolis
S. Catarina — Brasil

Propriedade — Direção —
Redação e Gerência:

E. I. KUEHNE

—O—

Assinaturas:

Anual Cr\$ 18,00
Número avulso Cr\$ 1,50

Restaurante Lira Tennis Clube

de FRANCISCO PRAZERES

Diariamente

Atende serviços externos

Cozinha de 18,

Conforto - Higiene - Ótima vista - Ambiente próprio para
homenagear uma família ou amigos de fóra

CIA. WETZEL INDUSTRIAL

Joinvile

FABRICA DE:

Vélas de Stearina

das afamadas marcas
JOINVILENSE - ECONÓMICA
LINDA - N.º 6 - PARA CARRO

Velinhas para Natal
em 6 lindas cores

Sabão

«VIRGEM ESPECIALIDADE»
em 3 tipos - 1/1 - 1/2 - 1/3

Glicerina

«LOURA FINA» e «BRANCA»

Massa para rolos
para tipografias.

A CLIPER

Rua Trajano, 4

Confecções finas

Tecidos em geral

Grande sortimento

de

Tapetes e Congoleuns

A CAPITAL

Oscar Cardoso S. A.

Confecção DISTINTA - Marca registrada

Da Fábrica ao consumidor, distribuida pela casa

A CAPITAL

Endereço Telegráfico: CAPITAL

Filiais: Blumenau e Lages

O melhor sortimento em artigos para homens, senhoras e crianças

O Corinthians Descobriu Florianópolis!

(Crônica lida, na Radio Cruzeiro do Sul, pelo jornalista Pimenta Nêto, que acompanhou a delegação do Corinthians a Santa Catarina em 1943)

«Amigos de São Paulo e de Santa Catarina:

O Corinthians descobriu Florianópolis. A cidade surgiu fascinante, amiga, convidativa, do outro lado da monumental ponte «Hercílio Luz». Depois da paisagem paradisíaca, vieram os homens sorrindo sem artifício, sem teatralidade. Lhaneza de maneiras, a bondade elevada ao cubo, com homenagens múltiplas à gente da delegação. O Corinthians era recebido com o respeito de um grupo de catedráticos que fossem ensinar algo de novo. Qualquer coisa de «sui generis», mas de muita utilidade. Modestamente os catarinenses esconderam as coisas fortes que realmente possuem: gente de fibra, com um desmedido entusiasmo. E veio o Figueirense, o clube do nosso gentilíssimo amigo dr. Cesar Seara e do não menos camarada de verdade Osny Ortiga. Um time onde pontificam rapazes de ferrea disposição. Com gente que corre sempre incansavelmente com um folego assombroso, com alguns bons valores. Com esse ponta agil, astucioso, irrequiêto que é Teixeira. Com um centro-medio atlético, capaz, que promete ir longe na sua carreira futebolística: Chocolate. E o arqueiro de elasticidade quase que fenomenal representado pelo flexível Luiz. O publico generoso, educado, brincalhão. O democra-tíssimo interventor Nereu Ramos a aparecer no campo como qualquer cidadão, sem protocolo, sem preconceito algum, a aplaudir os jogadores com um apurado espirito esportivo de «gentleman» de fidalga envergadura moral. E acima de tudo a valorizar o bom trabalho dos jogadores do Figueirense, uma lealdade à toda prova. Uma partida em que tudo saiu correto, que ficou entre as disputadas com lisura incomum.

Entre essa pugna e a com o Avaí F. C., o galhardo campeão local, sucederam-se provas de inequivoco apreço. Foi aquela encantadora festa na fazenda de

Cesar Seara, em que os corintianos foram cumulados de atenções, num ambiente assáz cordial. O almoço oferecido pelo sr. Solon Vieira e o jantar do sr. Celso Ramos. Foram sempre na rua as provas delicadas de admiração do hospitaleiro povo de Florianópolis. Sentiamos que estávamos em casa, à vontade, passando dias agradáveis como se morássemos por alguns dias no Eden.

A segunda pugna foi a mais disputada que o Corinthians teve na atual excursão. O Avaí mostrou-se superior ao Curitiba F. C.: mais vibrante, mais coeso, com um futebol de melhor qualidade. Por isso a gente corintiana teve mesmo que suar a camisa. O «placard» de 4 a 3 mostra claramente como transcorreu essa luta.

Novamente tivemos a oportunidade de conhecer alguns elementos que poderiam brilhar no futebol paulista ou carioca, desde que tenham mais experiência das peijas de alta responsabilidade. O arqueiro Adolphinho mostrou que possui predica-dos para a posição: corajoso, com reflexos mentais instantaneos, muita atenção e elasticidade, tornar-se-ia um «ás» se tivesse quem o ajudasse. E também o meia Felipinho, com recursos de escól. E o centro Braulio, com qualidades que o tornam um elemento prestimoso. E Saulzinho, um ponta esportíssimo, que deu um estafante trabalho à defesa corintiana.

Mas de novo predominou o alto espirito esportivo dos locais. O Avaí teve jogadores que comprovaram conhecer profundamente o «dout» esportivo.

Também a assistência teve a mesma maneira distinta e captivante de proceder. Soube receber a vitória do Corinthians com as maiores homenagens.

A imprensa de lá conta com elementos dignos de todo o acatamento de que se destaca o nosso colega Nelson Maia Machado, um redator inteligente e que tem ampliadíssimo o sexto

O fato abaixo, sobre a guerra dos Farrapos, serve para mostrar que essa luta entre irmãos não se revestiu de caráter separatista, como a princípio possa parecer.

Querendo o ditador Rosas, da Argentina, conquistar a simpatia dos rebeldes brasileiros, mandou oferecer auxílio de tropas para combater as forças imperiais. Davi Canabarro, um dos principais chefes farroupilhas, respondeu, então, ao ditador: «Senhor, o primeiro de vossos soldados que transpuser a fronteira fornecerá o sangue com que assinaremos a paz de Piratini com os imperiais, pois acima do nosso amor à República está o nosso brio de brasileiros. Quisemos ontem a separação de nossa Pátria, hoje almejamos a sua integridade. Se vossos homens ousassem invadir nosso país, encontrariam, ombro a ombro, os republicanos de Piratini e os monarquistas do Senhor D. Pedro II».

Os aduladores são a pior espécie de inimigos.

TACITO

A estupidez é mais criminosa que o vício; quando mais não fosse, porque o vício é curável e a estupidez incurável.

sentido do jornalista moderno e cintilante. Ha milhares de nomes de amigos de São Paulo. Registramos alguns: Cesar Seara e senhora, dona Zilma Seara, Solon Vieira, Osny Ortiga, Celso Ramos, Nelson Maia Machado, Teixeira Junior, João Assis, Waldir Grisard, Orlando Scarpelli, Aribaldo Povoas.

Os clubes paulistas podem visitar Santa Catarina, que não serão defraudados em sua otimista expectativa. Encontrarão lá diletos amigos.

Quero para finalizar saudar, pelo microfone da muita conceituada Cruzeiro do Sul, nesse ótimo programa de Blota Junior e Geraldo Bretas, mais uma vez o publico de Florianópolis, aguardando, apenas, que venham o Avaí e o Figueirense, para que se possa retribuir as atenções recebidas».

Outros choraram... Outros também chorarão...

Escreveu: PEDRO DE LIMA BRENNEISEN

Benjamin estava de partida. Passara os dias de Carnaval em alegres e despreocupados folguedos, esquecendo-se ou procurando esquecer as realidades da vida.

Quarta feira de cinzas.

Fazia os ultimos preparativos para a viagem do dia seguinte e, em dado instante, dirige-se a Severo, seu irmão mais velho, com um papelucho qualquer e...

— Severo, acabo de receber este aviso de registro postal, entretanto, como sabes, não é possível retirar a encomenda, viajarei amanhã, com destino ao norte do Estado.

— E então, o que queres?

— Que o encaminhes para o meu novo enderêço. Poderás fazê-lo?

— Perfeitamente. Amanhã mesmo, irei ao correio e farei as modificações necessárias, inscrevendo o teu novo enderêço, está bem assim?

Após este ligeiro diálogo, acercaram-se da mesa para a refeição da noite. Terminada esta, Benjamin permaneceu taciturno e preocupado, sem proferir palavra. Um mundo de coisas, por certo, ocorria-lhe à mente. Uma avalanche de pensamentos lhe perpassava em turbilhão, naquele instante de sua vida, quando o seu desejo talvez fosse ter, naquele momento, um pouco de calma e serenidade para o seu espírito perturbado. Momentos depois, saiu. Voltou mais tarde e se recolheu ao leito, tomado ainda pelas mesmas ideias que o atormentavam cada vez mais. Severo, por sua vez, conhecedor da situação, dificilmente conseguiu conciliar o sono. Pela manhã, saltou do leito, às pressas, chamando Benjamin que dormia sono profundo, conseqüente de fadigas e excessos durante as noites de Momo, esquecido de que deveria viajar. Eram seis horas. O primeiro ônibus, de cuja lotação deveria fazer parte, já havia largado às cinco. Vestiu-se. Mal lhe sobrou tempo para uma rápida «toilette» e ei-lo na rua caminhando apressadamente, acompanhado de Severo, rumo à estação rodoviária. Encontraram o «Darius» quasi

lotado, já em caminho e, se não fôra o gesto atencioso do condutor, mandando parar a diligência, o nosso herói teria perdido a viagem.

Dez horas da manhã.

Severo ajusta o paletó e sai. Vai ao correio. Dirige-se à Secção de encomenda e registrados. — Mete o nariz em um guichet e inquire:

— Senhorita, por obsequio, quer ver o registrado nº..., destinado a Benjamin de...?

— Benjamin...?

— Sim. Isso mesmo. Queira ter a bondade...

— Um momentinho apenas, cavalheiro...

— Olá, por que não, — aduziu Severo, atenciosamente, enquanto a funcionaria que o atendia, consertava alguns papeis em sua carteira. — Às suas ordens! Vamos ver... por obsequio, o certificado cavalheiro...

— Ei-lo...

— Pronto... aqui está... um belo pacote... o que conterà?

— A Senhorita poderá ver pela discriminação constante do certificado anexo... Vamos ver, adiantou Severo, abrindo o bilhete, passando-o às mãos de sua interlocutora.

— ?!...

— E' isso mesmo, continue...

— Como assim?! «Um anel de noivado, no valor de Cr\$. «Diversas fotografias, cartões postais e cartas, no valor de.....» Que significa tudo isso?

— E' isso tudo que a Senhorita leu..., aduziu Severo.

— O Snr. poderá contar-me essa história?

— Por que não, Senhorita. Entretanto, confesso, é sem prazer que se contam histórias como essa. E passou a descrever todo aquele romance de amor desde o seu início até o momento em que, com aquele simples registrado postal, desmornaram-se todos os castelos de esperanças, feneceram todos os sonhos de amor acalentados por muito tempo, ante as juras e promessas, por alguém que neste momento chora, não mui longe daqui, arrependida talvez, de ter sido excessivamente sincera.

— Mas... o que está dizendo? Iam casar-se em maio?! E qual a causa desse rompimento?

— E' verdade, sim. O enlace matrimonial estava marcado para o dia 10 de maio, data natalícia de Benjamin. Quanto aos motivos da terminação do noivado, minha cara amiguinha, como em todos os casos de amor, é sempre difícil de se chegar a uma conclusão sobre quais teriam sido, no entanto... a distância que os separa de tempos a esta parte, a impossibilidade de encontros constantes, outros atrativos, outras amizades, outros encontros seguidamente repetidos e cada vez com mais insistência, possivelmente teriam contribuído para esta ruptura...

— Outros encontros... outras amizades?! Quer dizer que...

— Isso mesmo...

— E... as outras ignoravam esse noivado?

— Não, minha amiguinha, não obstante, pretendem escrever uma página de felicidade no livro de suas vidas, com as lágrimas da infelicidade alheia...

— Cavalheiro, olhe aqui,... estou tão emocionada com essa história que até me arrepiam os cabelos...

Severo encarando-a notou que de fato, uma emoção forte havia alterado o estado d'alma de sua amiguinha. Verificou também que de seus olhos de um castanho pouco vulgar, rolavam lágrimas, umas após outras, como a atestarem o estado de espírito em que se encontrava.

— Choras, minha amiguinha?!

— Sim... Não me contive...

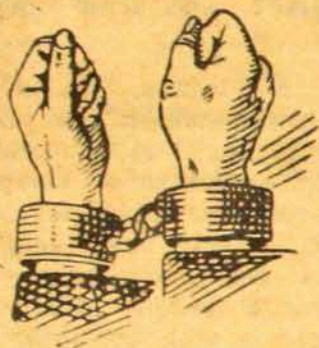
— Assim é a vida... Assim é este mundo em que vivemos... Enquanto uns riem outros choram... choram a sua dor e choram também a dor alheia...

E Severo, despedindo-se de sua amável interlocutora acentuou:

— Outras lágrimas rolaram, outros semblantes se contrairam em tristeza e sofrimento... Outros choraram e outros também chorarão...

Linhos Para Terno de Cavalheiros
da fabrica diretamente ao consumidor
pelo Serviço Reembolso Postal
FABRICA DE TECIDOS DE LINHO
Aceita-se agentes em todas as cidades
ITAJAÍ - Santa Catarina - Caixa postal 2

As algemas



da **IGNORÂNCIA**
podem ser destruidas
A leitura da Sabedoria

Desejando livros
sobre
quaisquer assuntos
peça-os a

LIVRARIA ROSA

Rua Deodoro, 33
FLORIANÓPOLIS

Atende pelo Serviço
de Reembolso Postal.

Se ricos quereis ficar
De modo facil e legal,
Fazei hoje uma inscrição,
no **CRÉDITO MÚTUO PREDIAL**

COLCHOARIA
Gonzaga
DE
APOLONIO GONZAGA

Especialista em

REFORMAS DE MO-
VEIS ESTOFADOS,
ACOLCHOADOS
PARA AUTOMOVEIS,
CAPAS, COLCHÃO
DE MOLAS E
MOVEIS
EM GERAL.

Felipe Schmidt 31- Fpolis.
STA CATARINA

Atualidades

Publicação mensal
Redação e Oficinas: Av. Mauro
Ramos 301 - Florianópolis
S. Catarina - Brasil

Propriedade — Direção — Re-
dação e Gerência:

E. I. KUEHNE

Assinaturas:

Anual Cr\$ 18,00
Número avulso Cr\$ 1,50

Dr. Rafael G. Cruz Lima

— E —

Dr. Carlos Loureiro da Luz

ADVOGADOS

Escritório: — RUA JOÃO PINTO N. 18

Organização Comercial Catarinense

Nas
FERIDAS.
ECZEMAS.
ESPINHAS.
FRIEIRAS.
IMPINGENS

Nos
SUORES FETIDOS dos
PES e das AXILAS?

BRUGGEMANN
CURA RÁPIDA E GARANTIDA!

ILSE KREILING
CIRURGIÃ-DENTISTA

Consultas das 8 às 12 e 2 às 6 = sábados das 8 às 12
RUA ESTEVES JUNIOR, 6

“Meus filhos queridos, sêde bons, dignos e felizes”

MARIA MADALENA DE MOURA FERRO

Discurso pronunciado pela professora Maria Madalena de Moura Ferro, por ocasião da formatura dos alunos do Curso Normal do Instituto de Educação Dias Velho, de Florianópolis, como paraninfa da turma.

Meus amigos:

Ao falar-vos, nesta hora de tão graves responsabilidades para todos vós, quando, de alunos até ontem, passais à nobre categoria espiritual de mestres de amanhã, talvez nenhuma frase pudesse encerrar mais sinteticamente e com expressão mais adequada tudo o que desejo dizer a cada um de vós em particular, do que as palavras tão simples que o grande escritor Raul Pompeia, de tão trágico destino, pôs no pórtico de seu famoso livro, na boca do pai, ao deixar o filho, pela primeira vez, a porta do colégio: “Vais encontrar o mundo. Coragem para a luta”.

Inútil propósito, de fato, seria o meu, se tentasse sequer amortecer, por um escrúpulo descabido, desde que é a última oportunidade que tenho de conversar convosco, ainda como vossa mestra de tantos anos, o alto e profundo sentido que se encerra naquela sentença, que não deveis tomar como grito de doentio pessimismo, porém como salutar aviso de salvaguarda, que vos cabe ter sempre presente ao espírito, nesta hora de iniciação numa nova vida.

É que, bem sabeis, em todo o curso da história, nunca a humanidade se viu deante dum espetáculo como o que se oferece hoje aos nossos olhos. Um filósofo com sombria visão não teria esforço em demonstrar, no correr de meia dúzia de conceitos fundados na atualidade, que este é bem o começo do novo capítulo bíblico em que se renova, a quatro ou cinco mil anos de distância, o velho episódio da torre de Babel.

Efetivamente, a ausência de boa vontade entre os homens, daquela boa vontade que os anjos do Senhor, ao proclamarem o nascimento de Cristo, especificavam como essencial ao reino da paz na terra — essa ausência plantou nos quatro quadrantes do universo a semente da discórdia que em tantos setores já se afigura não ter mais remédio.

De norte a sul, de leste a oeste, sobem as vozes iradas dos inocentes pagando os crimes dos pecadores, as vítimas se irmanam aos algozes no tremendo clamor, lobo e cordeiro conduzidos ao mesmo ilhote cercado de águas rugidoras que a todos ameaçam tragar. Uma onda de desconfiança, de apetites escancarados, de ferozes egoísmos, avassalou a terra, em tal monta, que debalde se procura, em meio ao universal dilúvio de angústias

e de dores, o cimo onde possa de novo ancorar a Arca de Noé dos nossos dias.

O último conflito vindo aliás, em linha reta de outra guerra mundial, pela sementeira de erros e incompreensões semeados na alma dos homens que, em busca da justiça e do direito, em momento de suprema confiança haviam impellido para os campos de batalha os próprios filhos e irmãos, o último conflito, cujos ecos ainda hoje sacodem tantos recantos do universo, veio pôr à amostra, como espantosa chaga devastadora, todos os males de que o homem contemporâneo se foi deixando corroer irremediavelmente.

Daí que se levantasse, desbordante e sem termo, essa espantosa onda de brutal materialismo que a tudo ameaça consumir.

Nunca, por conseguinte, a humanidade careceu tanto de espiritualismo ideal e cristão, para sobreviver. Nunca o coração da criatura terrena viveu momentos de mais dura contingência do que os que nos couberam em triste parcela.

Por tudo isso, meus queridos amigos, professores de 1947, a tarefa que hoje vos atribuímos, nesta festa de despedida, bem longe está de ser fútil. Antes, é uma grave e pesada investitura que a muitos de vós há de parecer sem dúvida demasiada para os verdes anos primaveris que vos infloram a existência.

Nenhuma tarefa também requer maior dose de espírito e de coração do que a vossa, toda feita de dedicação, de sensibilidade e de sacrifício, bem poucos destinos podem caber às criaturas mais nobres e mais de acordo com a sua finalidade do que o que escolhestes. Nenhuma tarefa, portanto, mais oportuna nesta hora.

Em vez, por conseguinte, de vos atemorizardes, é necessário que vos capaciteis de logo da magnitude do compromisso aqui assumido perante a sociedade que vos cerca, firmando desde já, no vosso coração, com inabalável consciência as normas que deste momento em diante pautarão os vossos atos.

Não faz muitos anos, celebrando o Dia da Mestra, um dos nossos cronistas mais festejados lembrava as palavras que Humberto de Campos, meu quasi conterrâneo, porque nascido a dois passos do meu distante e querido Piauí, dedicara, nesse grande livro doloroso e humano de suas Memórias, à sua primeira professora, Dona Marocas Lima, ou melhor, Mestra Marocas:

“Era fragil, doce, triste e silenciosa. Mas exercia, com a sua tristeza e com o seu silêncio, uma inquebrantável autoridade”.

“Ao evocar, neste momento, a sua figura discreta e melancólica

em cuja face dolorosa se refletia um drama interior, acodem-me algumas reflexões oportunas, que podem ser ajustadas à história e à vida de quase todos os professores primários, das educadoras sem título ou recompensas oficiais. “Cornélias de cem Gracos” que formam, para o serviço da Pátria, dando-se em holocausto cotidiano, a centenas de cidadãos.

“Quem é, na verdade, entre os homens de hoje, que não traz no santuário da memória uma dessas figuras beatificadas pelo trabalho e santificada pela paciência?”

Protegida pelo Estado, que lhe remunera a atividade, a professora pública tem as suas férias, tem a sua substituta nas faltas, e, no outono da vida, a recompensa na aposentadoria.

A professora particular não tem uma só dessas vantagens. Votada à profissão pela vocação ou pela necessidade, a retribuição depende, toda, do aproveitamento dos alunos e da confiança dos pais. Severa e maternal, é ela, em muitos casos, a formadora dos caracteres, desfigurados no domicílio. E é de imaginar o que padecem esses corações afeiçoados, tendo de perder, pelo afastamento, cada ano, uma dezena desses filhos adotivos, que lá se vão rumo dos ginásios ou, quando pobres, para a luta surda e sem glória, pela conquista do pão!

Os moços, em geral, são como os pássaros. Emplumada, a ave abandona o ninho que a aqueceu e o bico que a alimentou. E nunca mais, no espaço imenso, reconhece a ave que, quando implume, a agasalhou e protegeu.

A professora primária, que nos fez digerir a primeira semente do alfabeto ou nos ministra os ensinamentos rudimentares da ciência, é essa ave generosa e magnânima, reveladora da imensidade e do mundo”.

Nessas palavras tão belas e tão simples, o grande escritor que por tantos anos, ao fim da vida parecia distribuir cada manhã, pelas colunas do jornal, pedaços do coração transformados em raios de sol para a treva duma dúvida ou verdejante palma de esperança para a aridez de certo coração maninho, ergueu o mais comovido louvor a classe já hoje minguante dos professores primários, louvor que nas suas linhas gerais, cabe também, integralmente, à outra categoria de mestres que, por melhor amparados, nem por isso merecem menos do nosso apreço e gratidão, essa mesma classe a que pertencéis desde agora, pois feitos todos da mesma substância espiritual, nutridos da mesma dose daquele leite da ternura humana, a que se refere Shakespeare num dos seus dramas imortais.

Prezados afilhados:

Nas minhas reminiscências da mocidade, guardo como uma das mais tocantes referências a essa qualidade de mestra, que também sou, um trecho de oração comemorativa com que o eminente jesuíta português, Padre Luiz Gonzaga Cabral, Diretor do Colégio dos Jesuítas da Bahia, proferiu em certa missa solene pela formatura das jovens da Escola Normal daquele Estado, onde decorreu talvez o período mais feliz da minha vida, e que não posso recordar sem um dorido estremecimento das fibras do meu coração.

Muitos anos decorreram dessa hora, e por isso é natural que não vos possa transmitir, com toda a força magnífica da sua forma original as maravilhosas palavras do ilustre prelado. O sentido delas porém, me ficou para sempre, senão no ouvido, principalmente no coração, donde as procurarei retirar agora, para adornar a pobreza destes meus conceitos.

Dizia o Padre Cabral que certo santo fôra chamado um dia a dar de novo a vida a um pequenino morto da Galileia. Chegando diante da criança, o emissário de Deus, depois de invocar as graças da Divindade para aquele cujos pais reclamavam em gritos, para lhes encher de novo os braços vazios, deitou-se sobre o pequenino ser, e procurou unir as grandes palmas de suas mãos às minúsculas palmas do menino. Os pés do santo tocaram depois, no mesmo propósito, os pés da criança, com o peito macerado de jejuns e de cilícios se uniu, em toda a sua extensão reduzida ao mínimo, ao peito do pobrezinho.

O santo procurava, assim empequenecer-se ao extremo, tornar-se também criaturinha ínfima, para poder dar, com o seu pobre corpo penitente, reduzido à miraculosa miniatura do que tinha sido, o calor natural que faltava ao corpo da criancinha morta. Só assim, igualando-se a ela, por força da sua humildade e pela inteira entrega de sua força àquele de quem desertara o sopro da vida, lhe seria possível infiltrar-se de novo a graça da vida, forçar ainda o alento terreno, impulsar o sangue nos vasos minúsculos, vasar-lhe no olhar o divino espetáculo da obra da Criação.

O milagre não tardou, por obra e graça do prodigioso amor ao próximo de que o santo se sentia possuidor.

Assim também entendia o ilustre jesuíta, professor emérito de várias gerações de moços baianos, que deveria ser a alma do mestre. Capaz do milagre de se nivelar de novo ao entendimento que desabrocha. Capaz de se prosternar com a dadiva suprema de sua inteligência, ao justo alcance da percepção dos humildes de espírito.

Capaz de dar ao seu amor a utilidade de se conter, sem perda de uma gota, na pequenina taça do coração do discípulo, para que toda ela, inteligência, amor, ternura, se torne par da pequena alma entregue a sua guarda.

Por longos anos, mestres dedicados e probos profiaram em fornecer-vos o precioso cabedal dos

seus conhecimentos melhores, formando a vossa cultura do imprescindível lastro à longa caminhada por entre almas em flôr, nas diversas etapas do seu pleno desabrochamento. Não é desse perulstrar intelectual pelas várias cátedras do nosso amado Instituto de Educação, que vos quero falar todavia. Outras dirão dos reais proveitos que hauristes, sem dúvida, no convívio de tantos mestres ilustres, a cujo número, apagadamente, me honro de pertencer.

Neste meu último encontro convosco quero falar-vos, sim, de um elemento pessoal, de vosso exclusivo domínio e que só em vós encontrareis, o de vosso coração.

Nenhuma tarefa requer maior dose de dedicação do que a vossa, já vos disse.

Dedicação, devotamento, paciência, tenacidade, boa vontade, mansidão, ternura, amor, em suma. Sobre tudo amor. Não o amor que chamaremos de profano, mas o amor que todo se dá e nada pede em troca, o amor que deveis espalhar em torno de vós, como um punhado de rosas misturadas com trigo, para embelezar e tornar útil a vida.

Porque, como disse o clássico dos clássicos, o Padre Antônio Vieira, "um amor naturalmente chama por outro; e não há coração nem tão surdo, que, se é chamado, não ouça; nem tão mudo, que, se ouviu, não responda. Até as penhas dos desertos respondem às vezes, e o mesmo éco, que parece que é repulsa, é correspondência. A correspondência não é outra coisa que a reflexão do mesmo amor, que torna dobrado para donde veio. E assim como não há mármore nem bronze tão duro que, ferido do raio do sol, não responda ao mesmo sol com a reflexão do seu raio, assim não há coração tão de mármore na dureza, e tão de bronze na resistência, que, prevenido no amor, o não recobre e corresponda com outro. É tão certa e experimentada essa força do amor e tão constante no juízo de todos os sábios que poetas, oradores, filósofos e os mesmos Santos Padres, a confessam e encarecem.

Bem razão tem quem diz que "não há aproximação moral mais justa do que a da mestra e da mãe", nem que "nenhum ofício é na verdade mais feito de alma do que o do mestre".

"A pedagogia não se faz somente com os testes — diz o mesmo escritor. Faz-se principalmente com o coração".

O mesmo pensamento teve o escritor francês, Leon Frappié, autor de *La Maternelle*, livro bem pouco conhecido entre nós, mas de leitura que não sabemos senão recomendar efusivamente a todos vós, pelo que ensina de longo contacto com as crianças numa escola de miserável subúrbio de Paris, com os seus contrastes de cidade luz e cidade do vício, de cimo das grandezas espirituais e reduto de torpezas as mais doloridas.

"Não é a geografia nem o cálculo mais ou menos que influenciam a criança por toda a vida; o que uma criança recebe de grave na escola é a cultura dos sentimentos. Ela aprende a querer ou a recusar. Não faz senão tatear cons-

tantemente com o instinto o que convém ou não convém a seu próprio desenvolvimento. Imagino imperceptíveis prolongamentos de nervos no espaço revistando, alongando-se e se retirando, à maneira de antenas de caracóis. A escola propõe preferências, hábitos, direções a esses invisíveis tentáculos nervosos".

O papel moral do mestre decorre de todas essas exigências, mais do sentimento do que da inteligência, a que ele tem de se entregar com muito de instinto de mutilação, pronto para o sofrimento e a renúncia na primeira eventualidade. Nem de outro estofo é o material de que se fazem os verdadeiros sacerdotes, eles também votados a uma vida só de sacrifícios e de amor ao próximo.

Sobre as reservas do vosso coração não posso nutrir dúvidas. A escolha que, teimosamente, fizestes de minha pessoa, para vossa parainfa, quando tantos outros mestres ilustres aí estão a merecer a vossas preferências, bem vale como atestado dos mais expressivos e eloquentes.

Por esse motivo talvez, por uma traição do meu subconsciente, o rumo que os meus pensamentos tomaram nestas palavras que vos dirijo.

Não vos moleste que aos gabos aos vossos méritos intelectuais tenha preferido, acima de tudo, tratar da vossa capacidade de sentimento. Digo sentimento e não sentimental, pois há que distinguir entre uma coisa e outra. Tanto tem de extremamente apreciável a sensibilidade, quanto é precário o sentimentalismo piégas que não procura distinguir entre o justo e o injusto, para se nortear apenas por um prisma de falsos valores.

Confiante nisso é que estou certa de encontrar nos vossos corações, como no vosso espírito, o mais afeiçoado apreço a uma página que peço licença para vos citar um trecho, como remate feliz a estas minhas pobres e descosidas frases.

Trata-se duma das mais belas, das mais altas e das mais puras expressões da ternura humana, do altruismo, do instinto de maternal desvelo que uma criatura do nosso sexo pode vasar em letra de fôrma, como provem duma das mais nobres figuras das letras femininas contemporâneas.

Refiro-me à Oração da Mestra, tão conhecida em nosso meio e maravilhosamente lavrada, como ouro de lei, por essa grande poetisa chilena já hoje de renome universal, Gabriela Mistral, a quem o Brasil, por tantos anos teve a dita de abrigar.

Gabriela Mistral, como Selma Lagerlöf, foi também uma pobre professorinha primária, aos começos de sua existência.

Uma e outra viram-se privadas do lar, da família dos confortos da cidade, para, como tantas de nossas patricias devotadas e abnegadas, se entregarem à áspera luta de ensinar primeiras letras numa aldeiazinha perdida nos confins da Escandinávia, a segunda, nos desertos andinos, a primeira.

Uma e outra, por um destino resplandescente, ascenderam pouco a pouco em notoriedade e

Dôr Oculta

MANUEL B. CORRÊA

Cara amiga, há tempos que me pedes uma plausível explicação sobre o meu retraimento. Pessoalmente, faltava-me coragem para contar-te os motivos que me levaram ao retraimento espontâneo e lançaram minha alma à solidão. Agora, que já te formaste mulher e que tua mentalidade compreensiva de sublime espírito de solidariedade é despida de segundas intenções, então, abro as portas de minha confiança, há tantos anos fechadas herméticamente, porque, percebi que és digna de minha estima e da minha confiança. Minha confissão requer, por tua parte, o maior sigilo possível, pois, todas as criaturas envolvidas neste drama íntimo, ainda se acham vivas, o que lhes poderá acarretar preocupações, e, acresce, que além de me estimarem, eu lhes nutro meus complexos sentimentos de respeito.

Então, vamos à minha história: "Tinha eu doze anos de idade, e, diariamente, ia ao colégio, onde cursava. Sempre amei a solidão, pois, já em pequena, via nela o necessário refúgio, e, ainda hoje, vejo-a como um salutar bálsamo, pois com ela locuplete-me de felicidade... Mas, só havia uma companhia que me fazia bem ao acompanhar-me. Era um rapaz de idade igual à minha, que também frequentava o mesmo colégio. Ele era forte, disposto e corajoso, e, seus grandes olhos eram verdes e cativos, tendendo mais para o preto comum, porém, brilhavam e denunciavam um coração aberto a todos aqueles que lhe vinham cantar as misérias humanas. Costumávamos encontrarmo-nos a uns quinhentos metros além de minha casa, pois há muito que minha mãe sabia que íamos juntos para a escola e que também voltávamos juntos.

brilho culminante igualmente na mais gloriosa láurea que pode ambicionar um escritor — o prêmio Nobel. — Mas, acima de tudo, acima da poderosa expressão literária de sua obra, o que distingue essas duas mulheres admiráveis é a natureza da sua arte que parece antes amassada com uma divina argila, a que se houvesse misturado o barro quente das mãos de Deus, a ternura das mães de filhos recém-nascidos, a doçura e o frescor de águas de fontes, a pungente amargura de uma solidão irreparável.

Meus amigos:

Ouçam a frase da oração de Gabriela Mistral e gravem bem no fundo dos vossos corações o maravilhoso acento de suas palavras.

"Dá-me o ser mais mãe do que as mães, para poder amar e defender como elas o que não é carne da minha carne".

Era isto que eu queria dizer-vos, antes de vos dar a despedida.

Meus filhos queridos, sede bons, dignos e felizes.

Minha mãe, era boa como toda mãe, de sentimentos capazes de arrebatá-la, mas, aliada à sua extrema bondade se achava a austeridade, cujo fundo, fôra a austera educação religiosa que recebera de seus pais, e, atraz desses dois paradoxais sentimentos se escondia o orgulho, muito peculiar às mães. As amizades de seus filhos tinham que ser por ela escolhidas. Ela possuía um desequilíbrio forte nos nervos, o qual se agravava dia-a-dia, e o modo que encarava as coisas, desde as mais elementares até as de certa relevância social era através o prisma pessimista. A sua rigidez, no tocante à religião ou a tudo que direta ou indiretamente se relacionasse com este problema, tinha que ser levado a capricho.

Pois bem, minha mãe, advertira-me de que devia deixar amizades daquela espécie, ainda mais, tratando-se de rapaz criado às soltas. Esta advertência fôra-me feita, e, senti-a como se fôsse uma punhalada, fazendo-me, às ocultas, chorar amargamente.

As "manhas do amor" podem rasgar o véu da covardia, atirando os fracos aos píncaros do heroísmo para a conquista da glória, como também dar-se o inverso, fazendo audaciosamente acovardar o hercules até levá-lo à ruína; pode transformar um santo em um magarefe, e lançar o desordeiro às virtudes de um santo. E, assim, fui sufocando as máguas e sopitando em meu peito os germen da revolta que se achava às portas da eclosão total. Bem conheces a cidade onde nasci, pequena e cheia de estúpidos escrúpulos, nos quais se salientava o maldito hábito dos "leva e traz". Era com incrível cinismo e ignorância que se dissecava a vida alheia com o bisturi da perfídia, principalmente daqueles que num cochilo punham o pé em falso na sargeta dos arraigados preconceitos sociais, ou por altaneiria estava disposto a enfrentar a tormenta dos mexericos sobre a verdade deturpada.

Você, minha cara amiga, não poderá avaliar o quanto é doloroso viver num meio tão acanhado, onde as línguas são d'áspides e ferem mais que o afiado gume temperado. Em um centro grande, não há tempo para preocupar-se com pequenos acidentes. A vida numa cidade onde tudo é grande e tudo contrasta com as suas necessidades mais prementes, possui "mil e uma" distrações para desviar a atenção até daqueles que a miséria campeia no seio de seu lar.

Para compensar o lado da degradação moral, a qual está a falsa educação havia a beleza de minha terra que ainda conservo viva na lembrança. Houve a transformação como consequência de progresso que modificou em parte a face urbana da cidade, mas aquela beleza onde sentimos multiforme é inenarrável e digna de ser lembrada. Oh! Como me lembro do rio

de águas límpidas e serenas a refletirem no seu fundo as areias roliças e brilhantes como o reflexo de miríades de estrelas. As suas margens se achavam, em imperturbável guarda, magestosos coqueiros, cujas folhas farfalhavam ao sabor da leve brisa e salgueiros como sentinelas a obstar as águas nas suas inesperadas cheias, para que a humosa terra não fôsse levada pela sua violência à enorme boca oceânica, sempre aberta na insaciável sede de água doce. "Água que dessedenta"! O rio de minha terra atravessa uma linda, rica e agreste planície confinada com azulados montes que muito ensoberbam a todos aqueles que vêm nestas belezas a inimitável perfeição como obra duma natureza pujante.

Numa tarde chuvosa, eu e Adolfo voltávamos juntos da escola de mãos dadas, quando, inesperadamente encontramos vis-à-vis com minha mãe, que num assomo de súbita cólera deu-me uma bofetada e numa linguagem extranha e só peculiar a estes momentos críticos... onde a razão foge e a luz se anuvia, expulsou de sua frente o meu querido Adolfo. Ela, injustificadamente raivosa, conduziu-me à casa, e, no dia seguinte escreve à diretora do colégio, pedindo o cancelamento de minha matrícula. Assim, me vi privada da continuação de meus estudos e dos passeios dominicais que à tarde habitualmente fazia em companhia de minhas irmãs menores e das poucas amigas que possuía.

Ah! como chorei às escondidas! E como o mundo se me tornou estranho! Já não via a beleza no alegre e despreocupado canto dos passaros, não sentia mais a poesia da vida estampada na policromia das flores que embelezavam o nosso pequeno jardim; tornei-me insensível ao aroma das violetas que tanto apreciava e surda às inclinações naturais femininas e à dôr alheia. Meu coração tenro de criança empederniu-se ao múltiplo sentimentalismo. Agora, já me tinha conformado com as asperezas de que é revestido o nosso mundo, onde só campeia a miséria, e raramente rasgando o negro véu da desgraça surge a felicidade tal qual o santelmo no tôpo dos mastros dos navios em noites borrascosas, para depois perder-se no violento soprar dos alísios.

E, assim formara a minha nova mentalidade, fugindo às diversões, às garridices de menina que na delicada transição para a adolescência, não percebia os anseios, os quais eram recalçados por precipitados caprichos. Não saía mais. Nem os rogos de meus pais faziam-me sair a passear. Alheia às distrações que em casa faziam-me, era como uma automata. O sofrer de meus pais também foi grande e cruel, mas, que fazer se a transformação foi radical! Fui me tornando, aos poucos, de menina a

“AMOR SERRANO”

ANTÔNIO TELLES PUCCINI SBISSA

Desde semanas que aqueles arqueólogos americanos andavam pelas redondezas cavando e sondando.

Danilo obeservava com interesse o que eles faziam por ali. Dizia-se no povoado que os “homens da america” procuravam ruínas de templos Incas.

Danilo em seu cabriolar pelas cordilheiras, descobrira há muito tempo, importantes ruínas no ponto mais alto, isto é, a 3580 metros sobre o nível do mar.

O povoado de Cruzila, ficando quase naquelas alturas, era o último aglomerado de pastores dos Andes Peruanos. E Danilo vivia sozinho, perto do povoado, no seu casebre de madeira bruta, forrado de alpaca macia. A vida, para ele, se resumia no seu rebanho de lhamas e alpacas e nos encantos serranos de Mazza, a filha do Albanez, o vendeiro.

Como chegar porém até ao estúpido Albanês, com a sua incrível pretensão, si ele apenas possuía um pequeno rebanho de lhamas e alpacas e o seu casebre miserável?

Os arqueólogos americanos, depois de repetidas e infrutíferas buscas, acabaram desistindo das pesquisas. Ninguém sabia informar onde poderiam encontrar certas ruínas dos remotíssimos Incas. Danilo sabia, mas silenciava.

Tinha medo que os outros pastores, invejosos, o maltratassem.

Deixou por isso que os arqueólogos, com sua caravana, se afastassem, de vez, do povoado. E bem na primeira chapada do Monte Raza, ele entrou em contacto com os arqueólogos, expondo-lhes, o seu segredo em troca da boa recompensa que os americanos apregoavam dar ao que indicasse vestígios dos famosos templos! Combinaram manter o máximo segredo para as novas pesquisas.

E assim foi feito.

O mundo todo exultou com a descoberta!

Inúmeras e formidáveis ruínas os arqueólogos fizeram aflorar, causando sensação no universo! Um material valiosíssimo para elucidação de tantos pontos obscuros na história maravilhosa dos Incas! E tudo graças ao modesto pastor, que palmilhara aquelas serras, doidamente, afrontando abismos!

A recompensa veio em forma de uma pequena fortuna. E hoje Danilo mora em Lima, com sua bondosa Mazza, a filha única do vendeiro Albanez, que também anda gozando a vida, pela mão do genro nas ruas e bars da Metrópole.

Danilo nunca esqueceu, porém, os seus amigos das altas serras, a poética aldeola de Cruzila, os seus rebanhos infindáveis de lhamas e alpacas e aqueles sensacionais pôr-do-sol, quando as silhuetas alucinantes dos cumes nevados, emolduravam aquela região vertiginosa dos Alpes Peruanos e que tanto alento e força deram a sua inabalável esperança de conquistar o seu amor serrano, o amor de sua Mazza!

1924.



ANTÔNIO TELLES PUCCINI SBISSA. Nasceu nesta Capital a 27 de maio de 1897. É membro do Centro Catarinense de Letras e publicou seu livro de crônicas e pequenos contos — “Perfume de Mulher”, em 1926. Foi Diretor-proprietário do semanário “Elegante”, de 1920 a 1924, tendo colaborado nos diários desta Capital e de outras cidades do Estado, durante estes anos todos. Três anos traçou perfis das elegantes que frequentam o “Cine Ritz”, bi-semanalmente e dirigiu a página de “Cine Elegante”. Atualmente é proprietário de um minúsculo jornalzinho de propaganda que é distribuído no “Cine Ritz”.

adolescente, e de adolescente a mulher, sem ter percebido estas delicadas fazes de matamorfose a que todas nós estamos sujeitas. Ferida no meu pudor e mortas tão prematuramente as esperanças que se aninhavam em meu peito, só me restava um recurso, negar o valor da vida e a espiritualidade das coisas...

Fui amando a leitura ao ponto de deleitar-me com o útil e agradável passatempo. Passava sucessivas horas engolfada nas mais desconexas leituras onde o patético e o burlesco exprimiam, a meu ver o meu mundo.

Familiarizei-me com os homens incrédulos que nas análises imparciais, sem o colorido da poesia e o exagero da apologia souberam ver o mundo como ele realmente é, e, entre estes destaca-se Schopenhauer e tantos outros. Mas, quando a saudade daqueles dias, já tão longe, vem-me a lembrança, então, parece-me que estou noutra época e noutra pátria, fazendo-me sentir o inexplicável sentimento de

nostalgia, que, às vezes envolvia a alma de Milkau, aquele personagem criado pela fértil imaginação do nosso imortal Graça Aranha, em Canaã.

Adolfo, para mim, já era uma sombra querida, que a noite, quando ao cerrar dos olhos e entregues às delícias de confortadores sonhos, ele vinha, pé ante pé acariciar-me e povoar o vazio de meu coração.

Também, dias depois, soubera, que Adolfo não resistindo ao vexame por que passara, tomara a resolução de deixar sua terra, nunca mais retornando. Depois de percorrer “meio mundo”, estacionou numa ilha, para ali, na soturnidade daquele pedaço de terra tropical viver repassando em pensamento, as imagens que vira e sentir a suave carícia da recordação de passagens fenecida no tempo, guardando assim o voto de fidelidade que há anos jurara a sua Dulcinéia.

Já se vão 25 anos da nossa trágica e inoportuna separação, mas, lembro-me como se fora há pouco, e, esta lembrança é tão amarga pa-

ra meu espírito, pois ela traz-me ressaibos daqueles momentos, dos poucos dias felizes em que eu de mãos dadas às de Adolfo, recebia dele todas as impressões, desde as mais estranhas emoções até as de fundo místico.

Nunca lhe escrevi talvez por orgulho e ele nunca voltou ou me escreveu talvez por receio ou outros motivos mais fortes.

Ele vive constantemente em meu pensamento, e sua imagem impressionou-me em alto relevo a chapa de meu consciente, que nem o tempo conseguirá apagá-la. Hoje não sou mais criança, os outonos não tardarão a embranquecer meus cabelos, mas não posso esquecer-me da expressão do seu último olhar, após eu receber aquela bofetada como castigo de nosso amor inocente.

Eis aí minha cara amiga, o meu romance, o qual é uma advertência aos que amam e aqueles que na mais variada forma de manifestarem tal sentimento, por egoísmo ou orgulho são capazes de negar seu miraculoso poder...

Fundição Rhein de Rudolfo Rhein

Fundada em 1913

FLORIANÓPOLIS — ESTREITO — Rua Cel. Pedro Demoro, 1170

Telefone 19

**Recomenda-se para fundição de peças
e construção de máquinas**

Banco de Crédito Popular e Agrícola de S. Catarina

CAPITAL REALIZADO Cr\$ 1.640.000,00

RUA TRAJANO 16 — SEDE PRÓPRIA

Registado no Ministério da Agricultura pelo Certificado
n. 1, em 20 de Setembro de 1939

Endereço telegraf.: BANCREPOLA — Códigos usados:
MASCOTE 1ª e 2ª edição

FLORIANÓPOLIS

Empréstimos especiais a agricultores

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — COBRANÇAS E

ORDENS DE PAGAMENTO

Tem correspondentes em todos os municípios do Estado.
repartições Públicas, Federais, Estaduais e Municipais

Mantém carteira especial para administração de prédios

Recebe dinheiro em depósito pelas melhores taxas

C/C à disposição (retirada livre) 2%

C/C Limitada 5%

C/C Aviso Prévio 6%

C/C Prazo Fixo 7%

Acelta procuração para receber vencimentos em todas as

COMPANHIA FLORESTAL BRASILEIRA

Indústria e Comércio de Madeiras

Matriz:

FLORIANÓPOLIS, S. C., Rua 14 de Julho
(Estreito)

Caixa Postal nº 225 — Telefone nº 1520
Telegramas: FLORESTAL

Filiais:

JOINVILE, S. C., Rua Jacob Richlin (Edifício
Colon)

Caixa Postal nº 155 — Telefone nº 51
Telegramas: FLORESTAL

S. PAULO, S. P., Rua B. Vista, 65, 4º, sala 4
Caixa Postal 4569 — Telefones 2-1633 — 2-5024
Telegramas: FLORESBRA

Agências:

ITAJAI, S. C., Rua Blumenau, nº 456
Telegramas: FLORESTAL

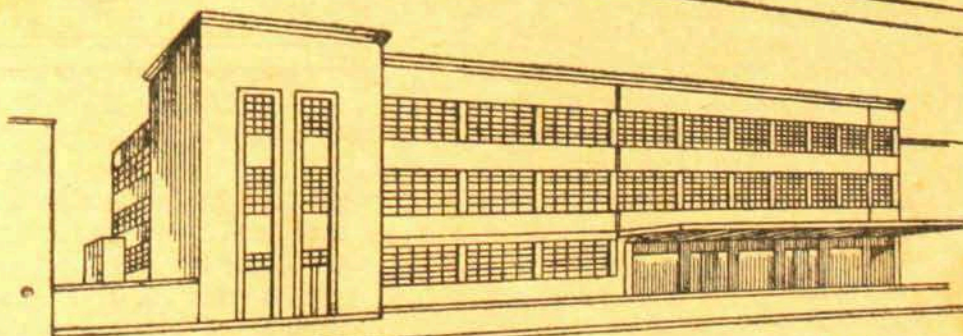
BOM RETIRO, S. C. — Telegramas:
FLORESTAL

SERRARIAS:

São Judas Tadeu — Espírito Santo — São José

Drogaria e Farmacia - "Catarinense" S. A. -

A maior organização farmacêutica do sul do Brasil



SEDE DA MATRIZ, em construção

MATRIZ: JOINVILLE

ST. CATARINA — C. Postal 95

FILIAIS: FLORIANÓPOLIS - Rua Trajano, nº 5 — BLUMENAU - Rua 15 de Nov., nº 508
BRUSQUE - Av. João Pessoa, nº 47 — JOAÇABA, Rua Paraná, 58

Distribuidores para o Estado de S. Catarina
dos produtos dos laboratórios:

S. A. de Perfumarias Roger Chéramy
Ely Lilly & Co. of Brasil, Inc.

Laboratório Xavier

Química Baruel Ltda.

E. C. de Witt & Cia. Ltda. (Fixbril)

Johnson & Johnson do Brasil, Prod.

Cirúrgicos

Laboratórios Andrômaco S. A.

A. J. Ferreira & C. Lt. (Urodonal etc.)

Bernard Bruggemann (Perl-It)

Perfumaria Aahanga Ltda.

Laboratório Vitex Ltda.

Renato Guimarães (Safrol etc.)

A CASA MISTERIOSA

H. HUTT

(Tradução de LUIZA BARRETO SANZ)

— Creio que ali nasceu algum homem célebre — disse-me Dolly, quando sentámo-nos para almoçar.

— Pois eu acho que não — respondi. — Não me surpreenderia se soubesse que ali morrerá algum homem notável. Olha, minha filha: tôdas estas casas têm uma aparência moderna. Nenhuma delas foi edificada há mais de 20 anos. Se ali tivesse nascido um gênio, este não poderia ter mais de vinte anos, o que é, positivamente, um absurdo. Por isso creio que nessa casa morreu um grande homem.

Eu estava orgulhoso do meu raciocínio. Acreditei haver destruído o argumento de minha esposa. Mas Dolly insistiu:

— Não acredito que um gênio se resignasse a morrer numa casa assim.

— Também não acredito que um gênio se resignasse a nascer numa casa assim. O lugar onde se nasce contribui para a formação da personalidade, como já demonstraram os psicólogos e etnógrafos. Wagner, por exemplo, não teria sido Wagner se nascesse no Pólo.

A casa que motivava toda a nossa discussão era realmente uma casa misteriosa. Tinha uma chapa pregada na parede. Naturalmente, uma placa comemorativa.

Mas depois começámos a notar o grande número de pessoas que chegavam à casa misteriosa, liam a placa, observavam a fachada por algum tempo e iam embora. Dolly e eu contámos onze pessoas num dia, quasi todos homens. E as onze tinham a mesma atitude.

Um homem, principalmente, chamou a nossa atenção por ter ido três vezes no mesmo dia olhar a casa onde morrerá ou nasceu o gênio. Esse homem olhava-a uns minutos, andava até a esquina, voltava, observava as janelas, portas e paredes, e depois ia embora, para voltar mais tarde.

Finalmente, um homem mais decidido que os outros foi até a porta e bateu, pedindo, provavelmente, que lhe permitissem olhar o interior.

O homem entrou e eu pensei por que os outros não faziam o mesmo.

— Olha — continuou Dolly — estou pensando que nessa casa mora um criminoso. Os homens que chegam talvez sejam detetives encarregados de vigiá-lo e prendê-lo.

— Impossível — respondi. — A polícia não manda tanta gente. Um ou dois chegariam para vigiar a casa.

— Pode ser também um só disfarçado.

— E como fez êle ontem para aparecer com uma perna só? Não te lembras que o homem que veio ontem só tinha uma perna?

E continuei:

— A solução deve estar naquela placa. Continuo acreditando que ali morreu um grande homem e que a placa foi posta afim de que todos se lembrem dêle.

— E eu não acredito que ali tenha morrido algum grande homem. As pessoas que vão até a porta são de condição humilde. Não têm cara de literatos nem de historiadores. Ontem vi chegar um homem com uma roupa azul, de mecânico.

— Talvez fosse eletrecista.

— Não, porque não entrou. Fez como os outros: olhou-a apenas.

— Não importa. Pensa que a difusão da cultura permite, hoje, que um operário se interesse por coisas que antes não existiam para êle. O homem de traje azul deseja, certamente, conhecer a casa em que morreu um gênio.

— Nasceu, queres dizer.

— Onde morreu — insisti.

E desafiando-a com um sorriso, coloquei o chapéu na cabeça e disse:

— Vou ver. Verás como tenho razão.

Saí. Atravessei a rua. Cheguei em frente da casa misteriosa, li a placa colocada na parede e abri uma enorme boca. Depois voltei correndo para casa.

Entrei. Dolly esperava-me, sorrindo.

— Nasceu ou morreu?

— Nem nasceu, nem morreu — respondi. — Nós estávamos enganados. Não temos vocação para psicólogos. Com um pouco de perspicácia, teríamos des-

DE TUDO, UM POUCO

CONFIDENCIALMENTE ...

Certa vez o juiz norte-americano Silas Bryan, pai do célebre político William Jennings Bryan, verificou que haviam roubado seis presuntos que estavam no fumeiro em sua casa, mas resolveu não mencionar a ninguém o sucedido.

Alguns dias depois, encontrou na rua um seu vizinho muito amável e epicurista.

— Escute, juiz, ouvi dizer que lhe roubaram numa noite destas uns presuntos deliciosos.

— Sim, é verdade — confirmou o juiz em tom confidencial. — Mas por favor não diga a ninguém. Você e eu somos as únicas pessoas no mundo que sabem disto!

O FIM DE UM REVOLUCIONARIO

Em 1834 na cidade do Crato, no Ceará, levantou-se uma grande força de cinco metros de altura, destinada a executar o homem que havia chefiado um movimento de reação contra a abdicação de D. Pedro I, em 1833: Joaquim Pinto Madeira.

A 27 de novembro daquele ano o condenado foi conduzido ao pé da força. Nesse momento, com grande dignidade, Madeira dirigiu-se às autoridades presentes, declarando que era um criminoso político, antigo oficial superior e suplicando por isso que lhe fôsse poupado aquêlê gênero de morte ignominiosa e que o fuzilassem.

O comandante da Força, capitão José Pereira Maia, ouviu o condenado e concordou com o pedido. Pinto Madeira foi, então, sentado numa cadeira e arcabuzado ali mesmo.

coberto imediatamente a coisa.

— Bem, bem. Qual é o mistério da casa?

— A casa não tem mistério nenhum. A placa da parede informa que nessa casa mora o Sr. William Richards. E William Richards, como também diz claramente a placa, é... um dentista!

«A CASA DE ROTHSCHILD»

Os historiógrafos projetaram luz pouco uniforme sobre os acontecimentos do século XIX. Enquanto se consagravam numerosos estudos a certos períodos, episódios ou personagens, outros ao contrário, por motivos vários, permaneciam esquecidos. Fato quase incrível, a família Rothschild, que no século passado desempenhou papel tão importante na alta política européia e até na política mundial, é mencionada apenas de passagem, se não de todo olvidada, em amplas e reputadas obras históricas. Quanto à literatura especial acerca da Casa Rothschild, divide-se em panegíricos pagos, escritos no interesse da própria Casa, e libelos prenhes de ódio.

Egon Conte Corti, ao escrever sua obra hoje mundialmente célebre, «A CASA DE ROTHSCHILD», ateu-se a um critério de rigorosa imparcialidade, analisando desapassionadamente homens e acontecimentos. A Casa Rothschild, como é óbvio, não abre seus arquivos a estranhos, já que eles encerram importantes segredos políticos e comerciais. Mas isto teve para Egon Conte Corti o seu lado bom, já que ele se propôs estudar com toda liberdade e independência, sem preconceitos, sem ódios nem simpatias de raça, de nação ou de credo, a função histórica exercida pela Casa Rothschild em época quasi contemporânea.

Neste livro atraente e interessante como um romance, onde a amenidade e a verdade histórica se conjuntam, conhecerá o leitor os esplendores da Casa Rothschild e sua árdua luta por manter, entre dificuldades cada vez maiores, com poderio decrescente e em pugna com a concorrência formidável de novas casas mais ricas sua posição e sua influência, até nossos dias, na política internacional e no mundo dos negócios, prescrevendo-lhes, embora com sucesso cada vez menor, diretrizes acordes com seus peculiares interesses bancários.

«A CASA DE ROTHSCHILD», obra já traduzida para numerosas línguas, foi agora primorosamente vertida para o idioma vernáculo por Elias Davidovich. Este livro justamente famoso figura na coleção «Vidas Extraordinárias» e foi publicado, em elegante volume pela «Editôra Vecchi, do Rio de Janeiro».

«O CINTO DE CASTIDADE»

Em quinta edição, encontra-se

Livros Novos

novamente nas livrarias um dos romances mais celebrados de Pitigrilli.

«O CINTO DE CASTIDADE» tem por protagonista um marido que apesar de não amar sua esposa, era doentamente ciumento dela e, para assegurar-se da sua fidelidade física, colocou como guardiães de sua honra três moralistas insuspeitáveis que, pela sua invulnerabilidade às setas do amor, ele chamava, como os três invulneráveis da lenda: Aquiles, Rolando, Sigfredo.

Não lhe podendo cingir a cintura com aquele aparelho de ferro e marfim que admirara numa vitrina do Museu de Cluny, em Paris, valeu-se de outro ainda mais inextricável, constituído por três virtuosos inflexíveis.

Confiada a mulher à tutela dos três moralistas invulneráveis, ele podia viver tranqüilo, como o guerreiro medieval que nas noites de repouso, entre uma batalha e outra, palpava num bolso da cota de malhas a chave com que fechara e havia de tornar a abrir os tesouros de felicidade da esposa longínqua.

A 5a. edição de «O CINTO DE CASTIDADE» acaba de ser publicada, em elegante volume, pela Editôra Vecchi, do Rio de Janeiro.

«VINGANÇA PÉRFIDA»

Uma nova, empolgante produção do grande romancista inglês Aldous Huxley, em primorosa tradução de Marina Guaspari, acaba de vir à luz da publicidade.

Trata-se de «VINGANÇA PÉRFIDA», onde o célebre autor de «As Despedidas Estéreis» nos apresenta um «caso» por ele tomado da própria vida.

E' a história de Hutton, um homem que possuía qualidade e riqueza, que estava em vésperas de ser feliz e a quem um trivial cumprimento a u'a mulher, que o tomou ao pé da letra, arrastou a uma verdadeira catástrofe.

Num momento de lisonja meio irônica, Hutton disse a Janet Spence, solteirona de 35 anos, que ela possuía o riso de Gioconda.

Janet supôs que Hutton a amava e que, se não lho dizia mais claramente, era por ser casado...

Em pouco, Hutton enviuvava... Então Janet, vendo que ele não acabava de se lhe declarar, e anelando ser sua esposa, resolveu cair-lhe aos pés, jurando-lhe amor eterno...

Mas... dessa grande paixão, involuntariamente suscitada, Hutton não tirou o menor proveito. Não! Quem havia de esposá-lo em segundas núpcias não era a solteirona, senão Doris, adorável jovem de 18 anos, bonita, ingênua e amorosa.

Juntos, Doris e Hutton faziam deliciosa viagem de núpcias, enquanto, em Londres, Janet sentia o frenesi da vingança.

Foi ela quem fez correr a voz de que Hutton envenenara sua primeira mulher, Emily, para herdar e em seguida casar-se com aquela moça de baixa origem.

Hutton, que era inocente e supunha natural, obra da enfermidade, a morte de sua primeira mulher, ficou alarmado ao saber que os peritos davam Emily por envenada. Quem lhe dera o arsênico encontrado em suas vísceras?

Vítima de uma vingança perversa, que tinha por causa remota uma galanteria trivial, Hutton viu-se condenado à pena capital.

«VINGANÇA PÉRFIDA», o famoso romance de Aldous Huxley, que ao seu extraordinário sucesso literário acrescentou excepcional triunfo cinematográfico, acaba de ser publicado em elegante volume, na coleção «Os Maiores Êxitos da Tela», pela Editôra Vecchi, do Rio de Janeiro.

«OS SUBTERRÂNEOS DO VATICANO»

«OS SUBTERRÂNEOS DO VATICANO» é obra-prima do primeiro dos escritores franceses contemporâneos, André Gide, que recentemente conquistou a mais alta recompensa literária do mundo: o Prêmio Nobel.

No delicioso romance que intitulou «OS SUBTERRÂNEOS DO VATICANO», o celebrado autor de «A Sinfonia Pastoral» desenvolve o seu gênio travesso, a sua ironia e o seu humor. A tradução, em linguagem esportiva e fluente, é da pena de Miroel Silveira.

Em elegante volume, enriquecido com artística sobrecapa do pintor Jan Zach, acaba de sair a segunda edição de «OS SUBTERRÂNEOS DO VATICANO», publicado pela conceituada Editôra Vecchi, do Rio de Janeiro.

PETROLINA MINANCORA

CONTRA CASPA,
QUEDA DOS CA-
BELOS E DEMAIS
AFECCÕES DO
COURO CABELUDO.
TÔNICO CAPILAR
POR EXCELENCIA

CLINICA MÉDICO-CIRURGICA

- do -

Dr. Saulo Ramos

Ex-assistente do
Professor Brandão Filho — Rio

Consultório:

RUA VIDAL RAMOS, 28

Consultas:

Das 9,30 - 12 e das 16,30 - 18

Telefone 1009



MATE é a mais saudável e a
melhor bebida do Brasil, re-
comendada pelos mais notáveis
cientistas do mundo

**Tomar MATE
é garantir a
saúde!**

Escritório Imobiliário

A. L. Alves

Rua Deodoro n° 35

-: Florianópolis :-

Encarrega-se de: compra,
venda, hipoteca, legalização,
avaliação e administração
de imóveis.

Organiza, também, papéis
para compra de proprieda-
des pelos Institutos de Pre-
vidência e Montepio
Estadual.

ALFAIATARIA

FORNEROLLI

RUA TIRADENTES, 8

Elegância de seu corpo!

Dr. Remigio

Molestias Internas em Geral — Doen-
ças das Senhoras e Crianças

CONSULTÓRIO:

Rua Felipe Schmidt

Edif. Amélia Neto — Fone: 1592

Consultas: 9 às 11 — 14 às 16 horas

RESIDÊNCIA:

Lgo. Benjamin Constant, 6
Fone: 1392

Fabrica de Artefatos de Cimento

Rua Mato Grosso
BLUMENAU

Telefone 1248
Caixa Postal, 121



GRESSER & CIA.

LADRILHOS
HIDRAULICOS

Cores firmes
Desenhos modernos
Resistentes - Duráveis

LADRILH. ESPECIAIS
«Granitoid»
para fabricas e oficinas

DEGRAUS e
LADRILHÕES

VIBRALITE CERAMITE
para todos os fins
TUBOS DE CIMENTO
com e sem armação
POSTES, PIAS,
TANQUES

MAQUINAS DE COSTURA

(de pé e de mão)

de diversas marcas, fabricação italiana e
sueca, novas e garantidas

Peçam informações detalhadas, inclusive
quanto a facilidade de pagamentos, a

COSTA & SCHADEN

Rua Alvaro de Carvalho, 21 — C. Postal 338

Florianópolis

“Até que surja a alvorada”

Já se encontra à venda em nossas livrarias o novo livro de Zedar Perfeito da Silva.

ATÉ QUE SURJA A ALVORADA, romance, aparece, agora, depois de publicado e já esgotado o livro de estréia (conto) do autor — «**NEM TUDO ESTÁ PERDIDO**».

Foi impresso na Editora do Jornal do Comércio, no Rio de Janeiro, com boa apresentação gráfica.

A crítica que, com entusiasmo, recebeu o livro de contos de nosso conterrâneo, redobrou os elogios às suas qualidades de escritor e aos méritos de sua nova produção literária.

Zedar Perfeito da Silva, de fato, escreveu agora obra mais séria, onde pode demonstrar maiores recursos intelectuais e artísticos. Seu estilo vivo e fluente foi aprimorado, harmonizando-se perfeitamente com a riqueza de ideias que a obra contém.

Nas primeiras páginas do romance, transcreve-se uma apreciação muito interessante sobre o autor, firmada pelo Prof. Joaquim Ribeiro e intitulada «um novelista catarinense». Foi escrita e publicada no Rio, no jornal literário «Dom Casmurro», quando do aparecimento do primeiro livro do autor — «Nem tudo está perdido». Aí são estudados e postos em relevo os méritos do escritor conterrâneo. Seu livro de estréia foi muito bem acolhido e serviu para projetar-lhe o nome em nossos meios literários. Foi tal a impressão do Prof. Joaquim Ribeiro que terminou assim a sua apreciação: — «E' um novo talento que nos vem do Sul e entrará em Atenas coroado de louros.

Vem depois os quatro capítulos de que se compõe o romance e mais o epílogo. Ideias e teses muito interessantes são ventiladas e sustentadas patrioticamente pelo autor no desenrolar do romance. A técnica também empregada está à altura da obra. Os tipos estão bem estudados e se movimentam com notável agudeza psicológica. O diálogo é manejado pelo autor com singular facilidade. Faz do diálogo o que quer, com tal es-

LIVROS NOVOS

pontaneidade que nele se descobre também, como já disse o Prof. Joaquim Ribeiro, o teatrólogo.

O romance contém abundante material. Teses e ideias dignas de serem apreciadas. Situações delicadas. Cenas suaves de amor, a par de passagens emocionantes e dramáticas. Tudo escrito num estilo sem pretensões, muito claro e agradável. A leitura do livro prende a atenção, da primeira à última página. Nada é monótono nem exótico. «O autor repudia o estático e o soliloquio, preferindo a conversa, o debate, a indagação, a pergunta, a resposta, enfim, o diálogo».

Zedar Perfeito da Silva está de parabéns e bem assim as letras catarinenses. O interesse que o seu romance «**ATE' QUE SURJA A ALVORADA**» está despertando entre críticos e intelectuais e no público leitor, aqui como lá fora, vale como reconhecimento do seu talento e como compensação dos esforços que tem envidado, afim de alcançar seu desideratum artístico. Na verdade, modesto como soe ser, deve ter encontrado muitas dificuldades para publicar os seus livros e para ver vitoriosas suas aplicações intelectuais.

ATUALIDADES sente-se grata com o excelente acolhimento que vem tendo o novo livro do brilhante escritor catarinense, sr. Zedar Perfeito da Silva, pois sempre contou com o estímulo de suas apreciadas colaborações e com o seu honroso e inestimável apêlo.

Perri, o jovem esquilo

Felix Salten

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Eis um livro destinado a apaixonar os leitores do Brasil, como apaixonou aqueles da Europa, onde apareceu. Seu autor, considerado como sincero amigo dos animais, dedicou sua vida e pena a descrever suas histórias, amando-os e fazendo-os amados de quantos lêem essas narrativas repassadas de ternura e suavidade. Os livros de Salten, levados à tela, alcançaram invulgar sucesso perante as plateias de todo o mundo.

Agora as Edições Melhoramentos, que se empenharam em lançar no Brasil as obras desse grande escritor, publicam **PERRI, O JOVEM ESQUILO**.

Perri, um esquilo desageitado e brincalhão, é envolvido em incríveis peripécias, entremeadas de alegria e vivacidade e se fazendo, em cada passagem, cada vez mais querido dos leitores.

A par de alegres aventuras desenvolvem-se também, na vida do inteligente animal, momentos tormentosos quando o homem se lança à sua caça, sentindo Perri a angústia milenar dos eternos perseguidos.

Para a juventude esta obra é um exemplo. Perri e Parro serão queridos pelos leitores desde as primeiras páginas.

Em todas as boas livrarias ou pelo Serviço de Reembolso Postal nas **EDIÇÕES MELHORAMENTOS** Caixa Postal 120 B — São Paulo.

Viagem maravilhosa

Lúcia Machado de Almeida

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Lúcia Machado de Almeida desfruta de uma posição excepcional entre os escritores que se dedicam ao difícil gênero de literatura infanto-juvenil, e este seu trabalho será, por certo, um dos grandes sucessos de livraria. Notável a habilidade com que a escritora dá vida e expressão às figuras que vai expondo, a arte com que entretece o enredo cujo desfêcho se espera, ansioso, e afinal se desdobra natural, lógico, plausível.

Já Mendonça Campos assim se expressou sobre a escritora: «Seu espírito plástico se amolda admiravelmente às situações descritas. Além de vasta cultura geral, Lúcia possui fina sensibilidade e perfeito conhecimento da psicologia infantil».

Concatenou a autora as fantásticas aventuras do lendário Marco Pólo fazendo-o percorrer o exótico Oriente, passar pela fabulosa corte do soberano tártaro Cublai Cá, ir ao sul da Ásia, às costas da África, para depois abordar a Pérsia, de onde segue até Constantinopla e daí para Veneza, sua terra natal, numa longa viagem de vinte e seis anos.

Lúcia Machado de Almeida nestas viagens maravilhosas de Marco Pólo é a escritora de linguagem perfeita, bela e agradável. Imaginou com as crianças de nosso tempo e fantasiou com elas, que a vão acompanhando, maravilhadas, entre incontáveis perigos e monstros — mas também seres bons e honrados — em terras místicas de sonho e poesia.

O volume é de excelente feitura gráfica, primorosamente ilustrado por Osvaldo Storni, contraste flagrante com as contrafações grosseiras das novelas de carregação, dos papeluchos em prosa chã das fitas de aventuras, costuradas e ilustradas com pulha infantilidade.

Para as crianças e adolescentes e mesmo para os adultos, estas viagens maravilhosas de Marco Pólo são uma surpresa inesquecível, o mais belo presente que poderiam receber das mãos da escritora ilustrada, já incorporada na mais nobre linhagem dos prosadores brasileiros.

Amor materno

À minha filha Vicentina

Como és formosa, assim, filha querida,
No doce enlêvo do sentir materno,
Aconchegando ao seio, embevecida,
A rosea boca de um anjinho terno!

Na envolvente carícia dos teus braços,
Bem se acomoda a loira criancinha;
Sentindo, na fremencia desses laços,
O conforto de uma ave que se aninha.

Sugando o nectar do materno seio,
O lindo querubim, num terno anseio,
Ergue os olhinhos e sorri feliz.

Êsse sorriso do filhinho amado,
Bem recompensa todo o teu cuidado...
E a graça de ser mãe teu ser bendiz...

CASTORINA LOBO DE S. THIAGO

PRIMAVERA

Ao amigo João Kuehne

Reverdescem de novo os arvoredos
Copando os ramos, perfumando a vida,
No campo, em bando alado os passaredos
Saudam a primavera florescida.

O sol como um noivo resplandente
Cheio de vida e de calor mais forte,
Vivificando o broto que floresce
Aos açoites balsâmicos do norte.

Corre a ribeira espreguiçando à tôa
Entre vala de flores de junquinho,
E dentre as flores uma voz ressoa:
Louvado a Natureza, o Pai e o Filho!

As laranjeiras — infinito verde
De estrêlas brancas, aromadas, belas,
Da mocidade que a Ilusão não perde,
Encerram em si as virginais capelas!

Até o orvalho que se oculta ledó
As verdes folhas de gentis violetas,
Oscula as pétalas com receio e medo
Das fagueiras, incautas borboletas...

Na primavera «tudo é viço e gala»,
Disse Abreu, o poeta da saudade,
«Palpita o lago» a Natureza fala
Nos lábios pueris da Mocidade!

As andorinhas prónumbas de amores
Se beijam ao perfumar dos bagaris,
Enquanto pela estrada, nos verdores,
Entoam uma canção as juritis.

A filoméla que descanta a tarde
Aos harpejos azues da fantasia,
Quando o sol perfumado já não arde
Nos convida a rezar — Ave-Maria.

Tudo tem vida ao perfumar as flores
E se renova na embriagante essência,
Mas há no mundo, que afeito às dores,
Não se remoça pela florescência!...

Setembro 1948

JUVÊNCIO BRAGA

PENUMBRA

Nessas horas de meiga solidão,
Em que as cortinas do meu pensamento
Abrem-se trêmulas, corruscando o argenteo
Do mar vibrante do meu coração;

Nesses graves momentos,
Quando o silêncio é deus na noite calma,
Sinto frenética fugir-me a alma
Com a ânsia de colher os teus lamentos
Por meus tormentos.

E sob a noite escura
Vai buscar a penumbra do teu sono,
Onde a sanguínea imagem do abandono
Jamais terá lugar; onde a ventura
É fresca e pura.

Assim minh'alma chega;
No espaço do teu quarto, levemente
Vaga um perfume doce e transparente;
Ali, a branda languidez se entrega
Desnuda e cega...

Ha silêncio também...
Ha mais amor, mais vida, mais doçura
Nêsse teu leve arfar... ha mais ternura
Nessa penumbra perfumada e pura...
Perpassam sonhos virginais que além
Do Empíreo vem...

Dormes serena e linda.
Extenuado o teu gentil semblante
Vêrte essa luz da palidez triunfante.
Ha música em teu sono... ha mais ainda...
Ha paz infinda...

Minh'alma te acarinha...
Sente os afagos do teu rosto pálido...
Beija-te os lábios... suga o rastro cálido
Dos teus suspiros... — a certeza tinha
De que és só minha...

Enfim, depois te chama:
— Acórda, Maria... acórda... é Luciano
Quem te suplica em estertor insano...
Levanta-te... o calor da tua cama
Em mim derrama...

Eu sinto muito frio...
Traz, Marta, a brandura do teu ninho
E acalenta o meu peito em desalinho...
Acórda... vê como ele é tão vazio...
Tão sombrio...

E do teu corpo então,
Tua alma angelical, suave, alabastrina,
Se vem saindo em placidez divina
Depois, com a minha, vaga na extensão
Da escuridão.

Passeiam de mãos dadas
Por entre o véu da noite assaz comprida.
E a tua alma sente a minha vida
Crescer, crescer, subir milhões de escadas,
Vencer jornadas!...

Retornam então, depois,
Quando já piscam as pálpebras da aurora;
Vai-se tua alma; na penumbra afóra,
Tonta de amor, a minha vai-se embora...
E vive a sombra dêsse amor que é pois,
A aspiração da vida de nós dois!...

ARY LUCAS CARIONI

MARCOS, NOSSO FILHO

JOSÉ GUSMÃO DE ANDRADE

A vida atribulada daquele homem que se agitava na penumbra do quarto, fôra clareada com o aparecimento da mulher colhendo flores no jardim ao lado de sua casa. Nunca mais pode esquece-la. Até a cor do vestido ficara-lhe no pensamento, robustecendo a paixão e o amor que ela despertara. No jardim abandonado outras flores cresceram e havia em cada uma a lembrança da mulher amada.

Com ansia mal contida procurou-a, vagando pelas ruas da cidade.

Ela desaparecera como um sonho que se desfaz numa madrugada de inverno.

Os dias se alongavam e quando as noites se povoavam de fantasmas o homem se recolhia no pensamento carinhoso do amor intangível.

Como era imensa a saudade daquela tarde e da mulher desejada!

Um dia, porém, o destino colocou-os frente a frente.

Nos olhos da mulher havia pranto e desalento. Mudos, medrosos se olharam. Poucas palavras saíram dos seus lábios.

Quando se separaram levava, todavia, cada um a certeza de que haviam selado, num juramento, para sempre o amor de tantas noites de vigília.

Depois voltaram a se encontrar. Entre eles a afinidade de sentimentos, o amor e o desejo de uma só vida comum criaram raízes tão fortes que se amaram... Amando o homem atribulado Rachel era muito feliz.

E, êle era muito mais feliz com o amor de Rachel.

Um dia Rachel falou-lhe: — Não queria que partisses do meu lado. Preciso de ti e do conforto do teu amor. Sinto que ha em mim o nosso filho. Espero-o recordando o carinho dos minutos que foram nossos dias de ontem. Nosso filho será bondoso como tu. Bom e forte na adversidade como o pai. Tenho certeza de que êle continuará teus trabalhos si êsses dias maus não forem substituídos por outros dias melhores para todos os lares! Nosso Marcos será EU e TU de mãos dadas vida afóra! —

Mais que todas as palavras, num gesto afetuoso, o homem envolveu Rachel num abraço, beijando-a nos olhos, nos cabelos. Agradecia-lhe a felicidade que nasceria com Marcos.

Não! Não partiria. Ficaria para o amor de Rachel. Seria o guia do pequenino Marcos. Seriam elos incomensuravelmente fortes na sua vida!

Com eles e por eles teria mais forças para lutar por dias melhores na vida do seu povo.

QUARTO CONCURSO INTERNACIONAL CHOPINIANO

A Legação da Polônia leva ao conhecimento dos interessados o regulamento a que obedecerá o Quarto Concurso Internacional Chopiniano para pianistas de todos os países, a se realizar em Varsóvia em setembro de 1949:

Todos os concorrentes (de 15 a 29 anos de idade) devem apresentar:

a — um diploma de conservatório ou escola musical reconhecida, ou, em substituição a êsse diploma, prova de recitais públicos, tais como programas de concerto, notícias de imprensa, críticas;

b — uma breve notícia biográfica e dois retratos recentes;

c — endereço atual e declaração da cidadania e da data de nascimento.

Essas credenciais devem ser enviadas ao Instituto Chopin em Varsóvia, à rua Zgoda 15, antes de 1º de Janeiro de 1949.

O concurso compreende duas partes.

I — a primeira parte constará de um recital, que incluirá as seguintes obras de Chopin:

1. Uma das duas sonatas (B-mol ou H-mol) ou uma das Quatro Baladas e um Scherzo ou Fantasia em F-mol e um Scherzo.

2. Um Estudo

Um Noturno

Uma Mazurka

Uma das Polonaises (As dur, Fis-mol, Fantasia-Polonaise).

II. Cerca de doze melhores pianistas, selecionados do primeiro grupo de concorrentes, serão escolhidos para competir na parte final do concurso, executando, com acompanhamento da orquestra, um dos dois concertos de Chopin (E-mol ou F-mol).

Músicos de fama internacional formarão o júri.

Industria e Comercio Bortoluzzi S. A.

Exportadores - Comerciantes - Importadores

COMÉRCIO EM GERAL:

Fazendas, armarinhos, roupas feitas,

Chapeus, calçados

Ferragens, louças, tintas, óleos etc

FABRICA DE PRODUTOS SUINOS: fabrica de banha marca «PORCO»
salames tipo italiano e linguiça

ENGENHO DE ARROZ: beneficiadores de arroz «DORA»

Endereço Telegrafico: BORTOLUZZI

Nova Veneza - Município de Crescuma - Estado de Santa Catarina

Manhãs de Agosto

Manhãs de Agosto, montes recurvados
Beijando a orla d'êste céu de anil,
Manhãs que varrem todos os cuidados
Do coração febril...

Manhãs na gaze fina de orvalhadas
Da noite em festa que resplandeceu,
Manhãs que falam dessas alvoradas
De afago ao éstro meu...

Manhãs de luz em jorros e torrentes
Desde as janelas das Infinitudes
Descendo alívio aos corações descrentes
Que passam noites rudes...

Manhãs de leves, doces rumorejos
Dêsses favônios pelos céus dispersos,
Manhãs de Vida, Sonhos, de desejos
De inspiradores versos...

Manhãs de Agosto... Montes azulados
Gente com frio ao sol se refazendo
Lá nas mansardas pobres dos coitados
De esteira ao chão tremendo...

Manhãs que lembram o alvorecer da vida,
Nossas cabeças moças sonhadoras...
Manhãs que afloram como despedida
As almas sofredoras
No leito ou enxerga, alheias a si mesmas,
Desejosas da Pátria que há-de vir
Com os olhos fitos nas mansões supremas
Do celeste porvir...

MANOEL FELIX CARDOSO

Saudades da Infância

Como pulsa jovial meu coração,
Quantas delícias a minha alma goza,
Da minha infância, bela e tão ditosa,
Da qual tenho ainda leal recordação!...

Quando o sol, espraçando o seu clarão,
Iluminava a terra magestosa,
Daquelas manhãs lindas, cor de rosa,
Quanta saudade me ficou então!...

Achava em tudo muito mais poesia,
Das aves era mais bela a harmonia,
A' noite mais resplandescente o luar.

Quando, à tardinha, à hora do sol poente,
Eu, alegre, apreciava, docemente,
Lindas paisagens entre o céu e o mar.

ERNESTO XAVIER DE SOUZA

Concerto Matinal

Manhã bela, serena e transparente,
Quanta doçura e quanto resplendor
Soltas em tudo e até na voz dolente
Dos colibris na primavera em flor!

A luz de um sol radiante e abrasador
Irrompes triunfante e incandescente
Por cima da montanha, em suave odor,
Perfumando o infinito lentamente...

Abandonando os seus amáveis ninhos,
Pelos ares revoam os passarinhos,
Em colossal e numeroso bando;

Em doce eflúvio, pelo espaço em fora,
Como saudando o despontar da aurora,
Assim alegres vão sempre cantando!...

ERNESTO XAVIER DE SOUZA

ELITA

És a Deusa, inspiração de todos os poetas!
Quando passas na rua, envolta em gazes finas,
O povo se extasia à luz que tu projetas,
A' luz com que o Universo inteiro tu fascinas!

És a Venus ideal das gentes mais seletas!
Invejam-te o perfume as flores mais divinas;
A voz, o rouxinol, as brisas irrequietas,
O mar — vasto lençol de espumas cristalinas! —

A um gesto imperial se curva o mundo inteiro,
A frente, baixa-a, o rei, tornando-se um cordelro,
Sentindo o coração gemendo apaixonado...

Eu bendiria a Morte, a rir, de olhos serenos,
Se eu pudesse, ó mulher, um dia, pelo menos,
Na cruz dos braços teus morrer crucificado!

JOSE' PIRES ZYTKUEWISZ

CEGO

WILMAR GERENT

Cada dia te vejo, vagando sozinho,
Soluçando tristinho, chorando tua sorte,
Por desertas estradas, por rude caminho,
Sem ter pão, sem ter lar, sem destino, sem norte.

Se te negam a esmola o rico, o forte,
Não maldizes o ingrato. Apalpando mesquinho,
Saís calado, às escuras, em teu feio porte,
A' procura de amor, caridade ou carinho.

Nessa sorte infausta o perfeito não crê:
Tem prazeres, tem luz onde quer que ele fôr.
Mas p'ra o cego é real, um cego não vê...

Pobre errante, conheço tua mágua, tua dôr,
Mas feliz és ainda, ceguinho, porque
Tu és cego de luz — Quantos cegos de amor...

Sociedade Beneficiadora de Madeiras Ltda.

TELEFONE 1248 - RUA 7 DE SETEM-
BRO

Blumenau

Fornecedores de Madeiras
em geral

Forro paulista

Encantoneiras de qualquer
espécie
Alinhamentos, etc.

Especialidade:

soalho marca
STROBEL

Sociedade Anonima Comercial **CASA MOELLMANN**

Casa fundada em 1869 - Com Filial em
Blumenau.
FLORIANÓPOLIS - Caixa Postal, 96

Secção de Artigos para Presentes :

Praça 15 de Novembro - Esquina Rua João Pinto
Tapetes - Malas finas para Avião -
Geladeiras - Utensilios Domesticos -
Cristais - Objetos de Arte - Valises e
Bolsas - Aparelhos de Porcelana para
Chá e Jantar - Jogos de Cristal para
Mesa e uma infinidade de outros Ar-
tigos para Uso Domestico e Ornamento
do Lar.

Secção de Ferragens :

Rua João Pinto, 2
Ferragens - Tintas - Oleos - Material
para Construções - Cimento - Louça
Esmaltada e de Alumínio - Cutelaria.

Secção de Automoveis :

Automoveis e Caminhões DODGE.
Aceitamos encomendas para entrega
oportuna.

Peças Ford, Chevrolet e Dodge.

Acessorios para Automoveis.

Distribuidores no Estado de Santa Catari-
na dos produtos de ferro e aço da Cia. Siderúr-
gica Nacional (Volta Redonda).

Equipamentos para construções de estra-
das de rodagem.

Máquinas de escrever
"CONTINENTAL"

Motores a gasolina, querosene e a óleo cru
Grupos eletrogeneos para fornecer luz para
sítios

Porcelana técnica
Produtos veterinários

Arados, cultivadores, grades de discos e de
dentes, pás, enxadas

Válvulas Igassú

Móveis da Cia. Industrial "CIMOS" (Rio
Negrinho)

Passadeiras de veludo, linolium
Tampos de vidro e de borracha — Cereais

Pneumáticos e câmaras de ar

WESTINGHOUSE

Geladeiras, Aspiradores de pó, Enceradeiras,
Máquinas de lavar roupas.

RÁDIOS: — O novo e incomparável rádio-
fonografo "Westinghouse", com tom VITAL,
traz o mundo ao seu lar!

Compare e comprará um rádio "WESTIN-
GHOUSE".

OSNY GAMA & CIA.

Representações — Conta Própria — Impor-
tação — Exportação.

Rua Jerônimo Coelho, 14-A. — Caixa Pos-
tal, 239 — Telefone 1607.

FLORIANÓPOLIS

Um pouco de HUMORISMO



O CONTO HUMORÍSTICO

O Afogado

(JACINTO DORES)

Era uma formosa manhã de junho. Tudo era convite para passeio, e assim o entendeu o Marcio, observando a paisagem do alto de seu terraço. Foi em Santos.

Minutos depois telefonou para o escritório desculpando-se de não ir ao trabalho por estar algo doente. Resolveu então caminhar um pouco pelo pôrto, apreciando o trabalho dos estivadores.

Passeou depois pela praia e de repente viu um menino que olhava angustiado para um certo ponto.

— Que há? — perguntou.

— E' que há uns vinte minutos um homem saltou daquele barco e ainda não apareceu!

— Verdade?

— Nunca minto.

Marcio pensou logo num suicídio.

Começou a tirar os sapatos e o paletó, juntando gente rapidamente.

Pouco depois pulava n'água, disposto a salvar o pobre homem.

Um homem lhe atirou uma corda e Marcio por várias vezes mergulhou.

Minutos após voltava nadando para a praia.

— Encontrou-o? — perguntaram.

— Sim, encontrei... — disse, mordendo os lábios. — E com boa saúde... Era um escafandrista...

IMITAÇÃO PERFEITA

Um primo de Calino mora numa casa situada em sítio ermo e arriscada aos assaltos dos gatinhos. Um amigo aconselha-o a que compre um cão de guarda.

— Não é preciso. Eu imito admiravelmente o ladrar do cão; assim posso dormir descansado.

FIRST ME

— De quem é a menina mais amiga: — do papá ou da mamã?

— O mesmo.

— Ora, sempre hã-de ser mais amiga de um. De qual é? Pode dizer que eu guardo segredo.

— O mesmo.

— Bem, diga-me uma coisa; se você tivesse um bolo muito gostoso, a quem o daria: — ao papá ou à mamã?

— Comia-o eu.

SOGRA E GENRO

— O seu cunhado é mais amável que o senhor. Quando a sogra parte, ele vai acompanhá-la à gare.

— Pois é claro. E' para ter certeza de que ela partiu.

DEU FORA

Um criado esperto, mais esperto no «duro», é aquele que respondeu à patroa, quando ela perguntou que hora chegara o filho na noite anterior:

— Eram duas e meia da madrugada, minha senhora.

— Ah! E não disse nada?

— Perdão, minha senhora, disse-me que se V. Excia. me perguntasse a que horas ele veio, para responder que tinha vindo à meia noite em ponto.

MORREU

Um jornalzinho do interior publicou certa vez este «pastel»: Casamento — Casou-se hoje em nossa igreja Matriz o senhor José da Silva com a prendada senhorita Armenia Manoela.

Acredita-se que os dois cretinos sejam encaminhados diretamente para a cadeia.

Era tão ingenuo, que pensava que as crianças vêm de Paris. Aos 20 anos soube, entretanto, que elas são trazidas por uma cegonha.

CRÉDITO

Lehnbach, o celebre pintor alemão, certa ocasião viu-se atacado de uma colite. Consultou o conhecido cirurgião dr. Hall, que afirmou ser necessaria uma operação. Foi o pintor para a faca e sarou. Tudo liquidado, procurou o médico e amigo, afim de tratar dos honorários do mesmo. Hall de forma nenhuma queria saber de dinheiro. Afirmava, dizem, que teve imenso prazer em cortar a barriga do artista e que não aceitaria nem um níquel. Devido a insistencia de Lehnbach, disse finalmente que, se este quizesse mostrar-se agradecido, que o presenciasse com um quadro de sua autoria. Lehnbach escolheu uma bellissima obra e enviou-a ao doutor. Este vendo o grande valor do quadro, não queria aceitá-lo sem pagar uma diferença. (Quanta fita desta gente, não acham?)

Conversa vai conversa vem, ambos querem e ambos deixam de querer e por fim Hall resolve o assunto afirmando:

Está bem, meu caro, eu aceito o quadro, mas, você tem em haver comigo mais uma operação de apêndice gratuita.

APERTOS DE ESTUDANTES

O grande cientista Virchow, costumava afirmar que compreendia muito bem que o estudante, na hora do exame, por mais que conheça a materia, pode atrapalhar-se devido ao estado nervoso. Citava nestas ocasiões, um caso que se passou com ele mesmo e que denominava como um fiasco formidável. Era o seguinte:

Quando estudante, enfrentou as fêras que o examinavam. Perguntou um dos professores:

Se um cavalo de sua fazenda fraturasse a clavícula, o que faria o senhor?

Virchow citou os diversos meios dos quais lançaria mão em tais casos, ao que o examinador respondeu:

O senhor é um pessimo comerciante. Eu venderia o animal ao museu, porque seria o unico que tem clavícula.

A NATUREZA

Para LOURIVAL ALMEIDA

Naquela noite de Agosto, em que eu, sentada num rústico banco de madeira, sob frondosa arvore, extasiada, observava as maravilhas da Natureza, como achava tudo lindo!...

A noite, silenciosa; o céu, vestido de negro-azul, e em toda a sua extensão côncava, brilhavam os diamantinos astros.

A lua, pálida, parecia olhar com ternura os raros transeuntes.

Deus, com sua mão prodigiosa, embeleza o universo. Os homens, com as suas ingratidões, não pensam, não refletem: querem fazer, unicamente, o que melhor lhes parece. E, com esta atitude, concorrem, sem dúvida, para que a humanidade sofra.

E assim pensando, eu torno a olhar para longe...

A lua reflete, nas águas tranquilas de uma pequena lagôa, a sua claridade merencôrea. As flores exalam suave perfume.

Eu me aproximo, então, das águas prateadas e vejo, dentro delas, a minha inseparável amiga: a minha própria sombra...

Quanto tempo fiquei ali? Não sei bem. Lembro-me, no entanto, que as horas passaram calmamente, umas após outras...

Vólto.

Pervago pelo bosque deserto e sombrio.

Um vento mórno me agita os cabelos.

Ouçô o pipilar de um pássaro — assustado, talvez, pelo rumor de meus passos lentos sobre as folhas mortas.

Ah! Se todos nós pudessemos ter sempre êsse contacto íntimo com a Natureza, longe do bulício da cidade, o mundo não seria tão ruim!...

Regresso à minha casinha. E adormeço, finalmente, com o espírito impregnado daquela sublime visão, da visão extasiante daquela noite, cheia de poesia e de deslumbramento!

Maria Agostinha da Rocha

Aulas de Amôr

Os Estados Unidos são o país da técnica. Sua grandeza alicerça-se nas escolas e universidades. Ao fundar a independência dessa grande pátria, George Washington concitou seus compatriícios a fazerem da instrução a pedra angular da grandeza nacional. Não contente de formar técnicos, os «yankees» importam-nos de todas as partes do mundo. Há centros industriais que possuem, a seu serviço, dois e tres detentores de prêmios Nobel. Pois bem: os norte-americanos consideram o amor um ofício tão passível de aprendizagem como a odontologia, a medicina ou as artes mecânicas. A Universidade de Cornell, por exemplo, acaba de lançar uma escola doméstica, onde se ensinam as artes sutis do namôro e do noivado...

Nós temos, em Natal, uma escola dêsse gênero — mas, apenas para ensinar a cuidar da casa, fazer boas refeições, etc. Os «yankees» da Universidade Cornell vão mais longe: querem que a moça aprenda como enviesar um olhar, abrir um sorriso ou (em caso de desgosto), carregar um sobrecenho. Há risos tão feios, que fazem desanimar um pretendente (ainda não levando em conta a má dentadura); há modos de andar que acarretam o rompimento de um compromisso conjugal, e há modos tão feios de chorar que, interessando de mais os órgãos nasais, aniquilam um afeto nascente ou destroem os efeitos psicológicos de um arrufo... Há moças que não sabem manter dois dedos de palestra com o namorado; outras metem-se a contar-lhe tôda a vida da família, com as vicissitudes dos pais, inclusive; outras, por fim, riem tanto que chegam a dar a impressão de que não possuem nenhum outro instrumento de intercomunicação intelectual. A palavra é um dos ornamentos mais apetecíveis da beleza feminina. O grande defeito da Venus de Milo consiste, precisamente, em ser estátua... Ao contrá-

rio, certas damas, de tanto ficarem caladas, deixam supor que, ou têm dentes postiços, ou não têm idéias nenhuma... Tudo isso é estudado, medido e remediado pela Escola Domestical da Universidade de Cornell. Tôdas as moças são, em tese, casadoras. Dotá-las de elementos de fascinação e encanto — é um dever, ao mesmo tempo, social e humanitário. A solteirona, que não o é por motivos religiosos, ou patológicos, representa um encalhe, um tropêço na marcha da Civilização. Em geral, dá para falar da vida alheia e maldizer as instituições do país. Urge que as mulheres, além de belas, sejam sensatas e interessantes. Passou o tempo em que «meio palmo da cara» garantia a felicidade de uma dama. Sobram caras bonitas, e escasseiam apartamentos, víveres, vestidos a preço módico, etc. A questão é, ao mesmo tempo, econômica e sentimental. Os homens casam por amor, algumas vezes, outras vezes casam por amor e por reflexão filosófica. O destino de rapazes e moças é casar. Cabe ao Estado facultar-lhes a instrução necessária, do mesmo modo que exige, a uns, o serviço militar, o obriga todos à vacina anti-variólica. As nações precisam, cada vez mais, de crianças robustas e sadias. Ora, o casamento é a fábrica natural delas, assim como a colmeia é a fonte lógica do mel de abelhas. E' tão impossível ir buscar meninos a um Club de Solteirões, como pedir mel a um formigueiro. A técnica do amor é, pois, uma novidade digna de seguir-se em ontros países cristãos do mundo. Se tudo se aprende nas escolas, por que deixar ao Acaso a arte de beijar — que é, no fundo, a arte de aprender a ser pai carinhoso e cidadão prestante?...

BERILO NEVES

Só

Noite e dia, a velar, sòzinho, indiferente,
Recordo o teu olhar, o teu sorriso brando...
Mesto, fito o levante; o sol vem despontando
E vejo o sol morrer, tristonho, no ocidente.

Ouço uma voz, na brisa ao longe, segredando.
E' talvez a ilusão do meu amor ardente;
Vejo algumas visões que vão atrás ficando,
E vejo outras também marchando para a frente...

Evoco, triste e só, evoco o teu carinho...
Que tristeza, meu Deus! Nas urzes do caminho,
Do zênite da angústia e no auge do tormento.

Irei levando a cruz fatal dos dissabores.
Qual nômade que busca alívio para as dores
Tendo só por conforto a luz do firmamento!...

Solidão

Ninguém virá sofrer, aqui junto comigo
Nesta agra solidão, sem gente e sem carinho,
Em que vivo a chorar, sem teu semblante amigo,
Sem vida, sem prazer, sem paz, mesto e sòzinho...

Tu fugiste de mim, embora; inda te sigo;
Qual louco beijarei teus rastos no caminho;
Pensarás que estás só — mas eu estou contigo.
Inda sinto o calor do teu corpo de arminho.

Como é atro o sofrer que no meu peito habita!
Como é negro o viver do triste cenobita
Que vive sem amor, em plena solidão!

Agora a meditar, ao pôr-do-sol, me ponho;
O vento a soluçar — do meu dourado sonho —
Ceifou do peito meu a flor inda em botão.

Desalento

A tarde vai morrendo. E, brevemente,
A noite surgirá, pausada e triste;
Ao som da Ave-Maria, tudo sente
O coração envolto num lemistê!

Que tristeza, nesta hora augusta existe!
Se a lua vem surgindo alegremente,
Talvez exista alguém — crivado em riste —
A sofrer, a chorar amargamente...

Crepúsculo: — mortalha da alegria;
Mistérios insondáveis da saudade,
Negro sepulcro do risonho dia!

— Visão feita de luz — dá-me conforto!
Vejo passar a minha mocidade.
Na fugaz ilusão de um sonho morto!

Olhos Piedosos

Dêles depende toda a minha sorte:
Morto — teus olhos me darão a vida,
Vivo — teus olhos me darão a morte!
GUIMARÃES PASSOS

Olhos, faróis do amor; olhos miraculosos,
Como os da Virgem-Mãe — repletos de ternura!
Olhos por que minh'alma — alheia à desventura —
Galga as áureas regiões dos céus esplendorosos.

Todo o fulgor astral de corpos luminosos,
Todo o meigo sorrir da aurora argêntea e pura,
Tens nesse doce olhar — angelical creatura!
Enlevando meu ser nos sonhos vaporosos.

Estrêla tutelar surgida em meu caminho;
Fugindo meigamente às pontas dos abrolhos,
Num misto celestial de prece e de carinho.

Depende o meu viver do teu olhar, senhora:
— Bem sei que me dá vida a chama dos teus olhos
— Bem sei que lentamente a vida me devora!

Última Súplica

JOSÉ ESPÍNDOLA FERREIRA

Vim a saber, por meio de um amigo,
Minha querida, que em breve casarás
Com um perverso... (Meu Deus, quanto castigo!)
Com um ricoço envilecido... audaz!...

E tu, ingênua, então não compreendes
Que a monstruosa vontade dos teus pais
Fêre-me tanto?... Será que tu pretendes
Dar por tão pouco os teus dotes virginais?!

Por Deus te peço, oh! Púdica Donzela,
E pelo luto que óra em ti pairou,
Em tempo algum não cases não, oh! Bela,
Com outro homem que a ti jamais amou!..

Não cases, não. Em hipótese alguma.
Não cases, não, si me amas de verdade.
Dá-me uma chance; dá-me apenas uma,
Que um dia tu terás felicidade!

Prenda querida, casta e virtuosa...
Sublime encanto... Ídolo de pudor!...
Não faças sangue na senda tortuosa
Do teu pobre e leal Primeiro Amor!...

TELHAS MARCA "ARANHA"

Senhores Construtores: — Usem sempre em suas construções as
afamadas TELHAS MARCA "ARANHA".

As TELHAS "ARANHA" — tipos "COLONIAL" e "MARSELHA" —
fabricadas por E. ANDRIANI & CIA. LTDA., em Tijucas, neste Estado,
distinguem-se das demais concorrentes pela sua



- Classificação rigorosa
- Absoluta impermeabilidade
- Facilidade e perfeição na cobertura
- Resistência no manejo e transporte
- Queimação em fornos de alta temperatura e por processo privilegiado.

TELHAS "ARANHA" COBREM
MELHOR

Telegramas: "RIGGENBACH"

CONDES:

BENTLEYS
A. B. C. 5TH ED. IMPR.
TANNERS COUNCIL
MASCOTTE 1 E 2. ED.
RUDOLF MOSSE E SUPPL.
RIBEIRO
ACME

RUA: Francisco Tolentino, 5 a 9

ERNESTO RIGGENBACH & CIA. LTDA.

Exportação de Couros Crús, Café,
Cera e Mel de Abelha, Fumos,
Farinha e Fécula de Mandioca,
Tapioca, Sagú, Crina, Feijão,
Camarões

CAIXA POSTAL, 112

TELEFONE, 1197

TELEFONE, Part. 1378

TELEFONE, Estreito 36

MATRIZ: Florianópolis

DEPÓSITOS: Itajaí

DEPÓSITOS: Laguna

FARMACIA MODERNA

De EDUARDO SANTOS

A Farmácia que mais lhe convém pelos seus módicos preços, escrupulo e enorme variedade em seu estoque de tudo quanto diz respeito a esse ramo de negocio.

Aviamento de receitas feita com todo escrupulo e sempre por preços sem concorrência.

Perfumarias dos melhores fabricantes.

Agora à Rua João Pinto n. 4 --- Telefone, 1375

MADEIRAS E FÉCULA

LUIZ OLSEN S. A.

RIO NEGRINHO

Santa Catarina — Brasil

SERRARIAS

Madeiras

em bruto e beneficiadas

PASTA MECANICA

End. telegr.: «LUIZINHO»

Códigos: «Ribeiro» e «Mascotte»

ESCRITÓRIO EM JOINVILLE

Caixa Postal, 190

Dr. Ivo Mosimann

Cirurgião-Dentista

Praça 15 de Novembro, N.º 12

Florianópolis

AUTO-SERVIÇO CATARINENSE

Caixa Postal, 401 — Rua Felipe Schmidt, 60 — TELEfone : 1577
Florianópolis — Santa Catarina grama : PIRES

PIRES, CHAGAS & CIA.

PÓSTO E SERVIÇOS "ESSO"

Garagem de estadia — Lavação — Lubrificação — Vulcanização —
Carga de Baterias — Oficina Mecânica — Pintura — Gazolina e Óleos.
Carga de Baterias — Oficina Mecânica — Pintura — Gazolina e Óleos.

PEÇAS E ACESSÓRIOS



Fez anos a 30 de outubro proximo passado a dra. Ilse Kreiling, cirurgiã dentista e figura de destaque de nosaa alta sociedade.

Possuidora de finissima educação, que às suas qualidades de espírito alia raros dotes de coração, a Sta. Ilse Kreiling, pelo encanto que irradia de sua pessoa, tem o dom de cativar a todos quantos dela se aproximam.

Registando-lhe a data natalícia «Atualidades» junta as suas às demonstrações de apreço que lhe foram tributadas.

Sociais

AOS LEITORES

Solicitamos aos nossos amáveis leitores, o envio a esta redação, de noticiário para ser publicado em nossa página social, tais como aniversários, casamentos, batizados, etc. etc.

As notas deverão ser escritas a máquina ou em letra bem legível, com indicação de pormenores elucidativos.

PROFESSOR ODILON FERNANDES

Faleceu em data de 1º de dezembro, nesta Capital, o conhecido intelectual professor Odilon Fernandes, fundador e proprietário do «Boletim Comercial».

À distinta família enlutada, os nossos sentidos pezames.



Orcides, filho do casal Orlando Martins e da. Maria das Dores Martins.



INFANTILIDADES

JOSÉ CORDEIRO

III

— Mamã, exclama o petiz, há gente batendo à porta. É o homem que tem nariz de batata e a bôca torta...

— Menino! isto não se diz, ralha a mãe; e adverte, e exorta: Se ele é assim foi Deus que o quis e a você pouco lhe importa!...

Passa o tempo. Certo dia o mesmo homem se anuncia, e o menino corre, e diz:

— Mamã, está aí na portã o homem que tem bôca torta porque Deus assim o quis...

NOSSOS AMIGUINHOS



Decio Francisco Freitas, filho do casal Francisco Freitas e xma esposa.



Mauricio, filho do casal João Kuehne e Da. Elvira Kuehne, proprietária de «Atualidades».

O Cacique Doble

(Continuação da 1ª. página)

um e outro lado. (Nota: Para Loukotka e outros autores, as línguas da família Kaingáng se caracterizam pela intrusão de elementos Gê. Valeria a pena, sem dúvida, estudar o grau dessa intrusão e de indagar, de outro lado, a influência dos dialetos Kaingáng sobre idiomas menos resistentes.)

Outro grupo de índios bravios do Rio Grande do Sul pertencia à tribo dos chamados Botocudos. De vez que ocupavam a região serrana ao noroeste do Rio Taquari, podem ser considerados como sucessores geográficos dos Tape, tribo de que, no entanto, não descendiam. As imensas florestas virgens desse território forneciam-lhes caça e frutos em abundância. O seu domínio se estendia também pelas terras, sobremodo férteis, que o governo escolhera para a colonização estrangeira por estarem situadas a distância relativamente pequena dos mercados urbanos da zona costeira.

Esses Botocudos eram parentes dos Xokleng ou Botocudos catarinenses, cujo território abrangia grande parte das florestas da Serra do Mar. Ao que parece, os Botocudos riograndenses vieram de Santa Catarina, formando a ramificação mais meridional da tribo.

A cultura tribal dos Botocudos ou Xokleng não mereceu ainda a necessária atenção da parte dos etnólogos. Antes que seja tarde, conviria estudar, entre outras coisas, o interessante problema de sua posição em face das tribos vizinhas. O material de que dispomos até o presente não permite uma visão clara neste sentido. (Nota: A monografia de Jules Henry, *(Jungle People)* (Nova York, 1941), que acentua principalmente os fenômenos psicológicos, é o trabalho mais completo até hoje publicado. Observações valiosas encontram-se na «Memória sobre os botocudos do Paraná e Santa Catarina organizada pelo serviço de proteção aos selvícolas sob a inspeção do Dr. José Maria de Paula», *Anais do XX Congresso Internacional de Americanistas* (1922), Rio de Janeiro 1924: vol. 1º, págs. 117-130. Sob o título «Einiges über die Schokleng von Santa Catarina» a revista *Pindorama* (vol. 1º, nos. 2-3, págs. 24-28; São Paulo, 1937) encerrou um artigo do Dr. Egon Schaden sobre os aspectos principais da cultura desses índios.)

Sobre os modos de vida e a organização social dos Kaingáng há uma série de trabalhos de valor. (Nota: Dentre os mais interessantes destacam-se: Dr. Herbert Baldus, «O culto aos mortos entre os Kaingáng de Palmas», in *Ensaios de Etnologia Brasileira*, São Paulo 1937, págs. 29-69; Dr. Loureiro Fernandes, «Os Caingangues de Palmas», *Arquivos do Museu Paranaense*, vol. 1º, 161-209, Curitiba 1941.) A impressão geral é a de que as diferenças regionais de sua cultura não são muito consideráveis. Entretanto, não seria justo salientar demais a unidade cultural das diferentes hordas. Quanto à língua, as variações talvez sejam maiores, embora uma horda entenda perfeitamente o linguajar da outra.

Desde tempos imemoriais, os Kaingáng eram implacáveis inimigos dos Xokleng e dos parentes destes. Uns e outros dificultavam os trabalhos de colonização, assaltando as moradas dos lavradores para obter utensílios de ferro e peças de vestuário. Aldeados na proximidade das novas colônias e do posto militar de Caseros, os Kaingáng tinham facilidade de obter esses objetos, mas, como acima

foi indicado, havia sempre entre eles alguns indivíduos que preferiam recorrer à violência e ao roubo.

Essa horda kaingáng era chefiada pelo cacique Doble, personalidade excepcional que, sem renunciar aos seus tradicionais modos de vida, tratou de tirar para os seus homens todas as vantagens que, em sua opinião, lhes pudessem advir do contacto com o mundo civilizado. Mais de uma vez apresentou-se em Porto Alegre, para discutir a situação de sua gente com os mais altos funcionários do governo da província. Estes por sua vez o tratavam com bastante consideração, conferindo-lhe o título de brigadeiro. Doble compreendia muito bem que o governo precisava de seus serviços e considerava-se, por isso, no direito de exigir mantimentos, roupas, utensílios de ferro, sementes e outras coisas mais. Recebia tudo isso com grande facilidade, prontificando-se, de seu lado, a contribuir com todos os seus homens para a segurança do posto militar de Caseros. Prometia, além disso, estabelecer perto de sua própria aldeia os índios bravios que ainda andavam nas florestas, constituindo sério perigo para as colônias. E' claro que o compromisso se podia referir somente aos Kaaguá, porquanto os Botocudos em caso algum se teriam aldeado perto de seus inimigos tradicionais. Em tudo isso, Doble revelava bastante astúcia. E' verdade que trazia índios do interior das matas — certa ocasião voltou mesmo com um grupo de trinta —, para dessa maneira patentear a sua boa vontade, dirigindo-se em seguida a Porto Alegre, afim de receber, para si e seus homens, a recompensa prometida pelo governo. Mas cumpria a sua promessa somente aos pouquinhos, para que não se esgotasse a preciosa fonte de rendas. Todavia cabe-lhe o mérito de ter contribuído de modo eficiente para a pacificação dos Kaaguá, cujos últimos grupos, cansados da perseguição que se lhes movia, afinal se submeteram às autoridades. Os Botocudos, que também vinham sendo dizimados pelos brancos, se retiraram para o norte, retomando provavelmente contacto com os seus irmãos-de-tribo das florestas catarinenses. Encerrou-se, dessa maneira, o ciclo de constantes lutas entre índios e brancos na costa meridional do Brasil. Certo, em época recente ainda se registraram atritos entre os últimos Botocudos do sul catarinense e colonos daquela região, mas trata-se apenas de incidentes esporádicos.

Quando os Kaaguá se renderam, fundou-se para eles o Aldeamento de Santa Isabel no atual município de Santo Antônio da Patrulha. As autoridades forneciam-lhes tudo o que desejavam e não os obrigavam a nenhuma atividade produtiva. E' claro que assim não tardou a desorganizar-se a cultura desses índios, que por isso se tornaram incômodos aos moradores civilizados. Afinal o governo resolveu extinguir o posto. No *Relatório das Terras Públicas e da Colonização* do ano de 1862, essa decisão vem motivada da seguinte maneira: «porque lhe consta que nesse lugar habitavam unicamente indivíduos dissolutos e vadios, vivendo errantes os índios e perturbando a disciplina e os trabalhos da colônia militar de Caseros». E' possível que essas palavras contenham também uma referência implícita a indivíduos errantes do tóldo de Doble, que certamente se homiziavam no pôsto dos Kaaguá.

No ano anterior à extinção do Aldeamento de Santa Isabel, informa o mesmo relatório, contavam-se aí 31 laréis, o que deve ter correspondido a um total de umas 120 ou 150 pessoas.

(Continúa)

BANCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE SANTA CATARINA S. A.

ITAJAÍ — SANTA CATARINA
BALANCETE EM 30 DE OUTUBRO DE 1948
(Compreendendo matriz e agências)

A T I V O		P A S S I V O	
A — DISPONÍVEL		F — NÃO EXIGÍVEL	
A — CAIXA		Capital	15.000.000,00
Em moeda corrente	28.344.158,10	Fundo de reserva legal	2.000.000,00
Em depósito no Banco do Brasil	2.951.571,50	Outras reservas	18.562.766,20
Em depósito à ordem da Sup. da Moeda e do Crédito ..	3.123.747,40		35.562.766,20
B — REALIZÁVEL		G — EXIGÍVEL	
Títulos e valores mobiliários:		DEPÓSITOS	
Apólices e Obrigações Federais:		à vista e a curto prazo	4.018.758,40
Em depósito no Banco do Brasil S/A. à or-	3.200.645,10	de Poderes Públicos	19.833.001,40
dem da Superintendência da Moeda e	575.158,30	em Autarquias	51.782.300,70
do Crédito, no valor total nominal de	171.534,00	em C/c. sem limite	5.805.254,30
Cr\$ 3.825.800,00	57.000,00	em C/c. limitadas	38.535.433,10
Apólices estaduais	1.663.033,30	em C/c. populares	4.601.289,90
Apólices municipais		em C/c. sem juros	6.384.516,80
Ações e debêntures		em C/c. de aviso	131.360.554,00
Letras do Tesouro Nacional	71.296.739,10		
Empréstimos em c/corrente	785.093,60	a prazo	
Títulos descontados	173.481.562,60	de Poderes Públicos	162.684,10
Agências no país	263.181.610,70	de Autarquias	7.071.622,20
Correspondentes no país	15.135.316,50	de diversos:	
Outros créditos	1.778.326,20	a prazo fixo	56.232.547,70
		de aviso prévio	40.619.632,50
Imóveis	2.594.222,50		104.088.466,50
Outros valores	577.910,00		235.447.021,10
C — IMOBILIZADO		OUTRAS RESPONSABILIDADES	
Edifícios de uso do Banco	9.276.668,40	Obrigações diversas	12.456.357,10
Móveis e utensílios	2.021.368,70	Agências no país	261.296.693,90
Material de expediente	285.063,90	Correspondentes no país	22.728.096,40
Instalações	39,00	Ordens de pagamento e outros créditos ..	7.983.466,00
D — RESULTADOS PENDENTES		Dividendos a pagar	98.137,80
Juros e descontos	241.742,50		304.562.751,20
Impostos	470.415,30	H — RESULTADOS PENDENTES	
Despesas gerais e outras contas	4.457.129,20	Contas de resultados	9.576.517,40
E — CONTAS DE COMPENSAÇÃO			
Valores em garantia	131.850.362,90	I — CONTAS DE COMPENSAÇÃO	
Valores em custódia	226.132.874,90	Deposítantes de val. em gar. e em custódia ..	357.983.257,80
Títulos a receber de c/alheia	307.860.851,90	Depositantes de títulos em cobrança:	
		do País	307.786.718,90
		do Exterior	74.133,00
			685.844.089,70
			1.250.993.145,60

Itajaí, 11 de novembro de 1948.

GENÉSIO MIRANDA LINS
Diretor-Superintendente
DR. RODOLFO RENAUX BAUER
Diretor-gerente
DR. MARIO MIRANDA LINS
HERCILIO DEEKE
Diretores-Adjuntos

BONIFÁCIO SCHMITT
OTTO RENAUX
IRINEU BORNHAUSEN
ANTÔNIO RAMOS
Diretores

ERICO SCHEFFER
chefe da Contabilidade Geral
Dipl. Reg. na DEC n. 22.638 e CRO n. 0179
SERAFIM FRANKLIN PEREIRA
sub-chefe da Contabilidade Geral
Dipl. Reg. na DEC n. 17.391 e CRO n. 0181

Pães, doces, biscoitos, balas, caramelos nos Varejos

MORITZ

SOBERANA, Praça 15 — Tel. 1505 — TIRADENTES, 45 — Tel. 1225

— Conselheiro Mafra, 59 — Tel. 1180 —

INSTITUTO DE DIAGNÓSTICO CLÍNICO

— DR. DJALMA MOELLMANN —

Formado pela Universidade de Genebra (Suíça)

Com prática nos hospitais europeus

CLÍNICA MÉDICA em geral, de adultos e crianças,
doenças do sistema nervoso, aparelho genito-urinário do
homem e da mulher

PNEUMOTORAX ARTIFICIAL

—o—

Assistente Técnico: DR. PAULO TAVARES

Diplomado em radiologia e radioterapia pelo Hospital
Municipal de São Paulo (Professores Cássio Villaça e
Carlos Fried)

Curso de Radiologia Clínica com o Dr. Manuel de Abreu
Campanário (S. Paulo). Especializado em higiene e
saúde pública pela Universidade do Rio de
Janeiro.

—o—

GABINETE DE RAIO X

Aparelho moderno "Siemens" para diagnóstico das doen-
ças internas — Coração — Pulmões — Visícula
Biliar — Estômago, etc. — Radiografias osseas
e radiografias dentárias

ELETRCARDIOGRAFIA CLÍNICA

(Diagnóstico preciso das moléstias cardíacas por meio
de traçados elétricos).

METABOLISMO BASAL

(Determinação dos distúrbios das glândulas de secreção
interna).

SONDAGEM DUODENAL

(Exame químico e microscópico do suco duodenal
e da bilis).

GABINETE DE FISIOTERAPIA

Ondas curtas, raios ultra-violetas, raios infra-vermelhos
e eletricidade médica

LABORATÓRIOS DE MICROSCOPIA E ANALISES CLÍNICAS

Exames de sangue para diagnóstico de sífilis, diagnóstico
do impaludismo, dosagem de ureia no sangue, etc.

Exame de urina (reação de Ascheim Zondeck, para
diagnóstico precoce da gravidez). Exames de puz,
escarro, líquido e raquiano e qualquer pesquisa
para elucidação de diagnóstico.

RUA FERNANDO MACHADO, 6 — TELEFONE 1195

Luz própria no consultório
FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

Instituto Catarinense de Radioterapia

Anexo à Casa de Saúde São Sebastião

Diretor Clínico: DR. DJALMA MOELLMANN
Viagem de especialização em radioterapia, nos
Institutos de Montevideo e Buenos Aires.

Diretor Técnico: DR. PAULO TAVARES

Curso de especialização em radioterapia, com os
Drs. Carlos Fried e Nelson Carvalho no Instituto de
Radio São Francisco de Assis, São Paulo

Instalação moderna da Fábrica "Westinghouse" com a
potência de 220 Kw. e 25 milampérs, permitindo
Roentgenterapia profunda, semi-profunda e
superficial

RADIUMTERAPIA

O Instituto possui 115 miligramas de RADIUM,
importados dos EE. UU. trazendo atestados de
eficácia e dosagem fornecidos pelo Governo
Americano.

Força Elétrica própria

permitindo tratamento regular e dosagens exatas.

Largo São Sebastião
FLORIANÓPOLIS
SANTA CATARINA

Casa de Saúde e Maternidade 'São Sebastião'

Sob a direção clínica de
Dr. Djalma Moellmann

Construção moderna e confortável, situada em aprazível
chácara com esplendida vista ao mar.

Excelente local para cura de repouso; água fria e quente

Aparênimento completo e moderníssimo para tratamento
médico, cirúrgico e ginecológico

Raios X - Ultravioleta - Infravermelho - On-
das curtas - Eletricidade médica - Exames
endoscópicos

Laboratórios para os exames de elucidação de
diagnósticos.

Apartamentos de luxo com instalação sanitária própria.
Varandas de cura.

Quartos de 1ª. e 2ª. classe.

— PREÇOS MÓDICOS —

O doente pôde ter médico particular.

Largo São Sebastião

FLORIANÓPOLIS

Telefone 1.153